SECULT Secretaria Municipal de Cultura e Turismo.

DOSSIÊ DE REGISTRO ESPECIAL

DO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Tonny Bittencourt, 2008.

FESTA DE IEMANJÁ

DEZEMBRO/2019

PROCESSO PR FGM N.º 1002/19

Fundação Gregório de Mattos
Ladeira da Barroquinha, n.º 02 – Barroquinha.
CEP: 40.024-106. Salvador – Bahia.

DOSSIÊ DE REGISTRO ESPECIAL DO PATRIMÔNIO IMATERIAL:

FESTA DE IEMANJÁ

SALVADOR - BAHIA

Oh, Iemanjá, Sereia do Mar!
Canto doce, acalanto dos aflitos.
Mãe do mundo tenha piedade de nós!
Bendita são as bênçãos que vem do teu reino.
Meu coração e minha alma se abrem para
Receber as bênçãos de Iemanjá!
Mãe que protege, que sustenta,
que leva embora toda dor
Mãe dos Orixás, Mãe que cuida e que zela
pelos seus filhos e os filhos dos seus filhos.
Iemanjá, tua Luz norteia meus pensamentos
E tuas águas levam minha cabeça.
O DÔ SEI ABÁ!

(Oração, de autoria desconhecida).

FICHA TÉCNICA

Antônio Carlos Peixoto de Magalhães Neto
Prefeito de Salvador

Cláudio Tinoco Melo de Oliveira
Secretário de Cultura e Turismo

Fernando Ferreira de Carvalho
Presidente da Fundação Gregório de Mattos

Patrícia Lins Cerqueira
Chefe de Gabinete

Viviane Vergasta Ramos
Assessora Chefe

Plutarco Drummond de Magalhães Neto
Assessor Técnico

Eric Ferreira de Castro
Gestor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Thais Conceição de Santana
Assessora Jurídica

Gildete Nascimento Ferreira
Gerente Administrativo-Financeiro

Silvia Maria Russo de Oliveira
Diretora de Planejamento e Projetos Culturais

Felipe Dias Rego
Gerente de Promoção Cultural

José Francisco de Assis Santos Silva
Gerente de Equipamentos Culturais

Milena Luisa da Silva Tavares
Diretora de Patrimônio e Humanidades

Edwin Silva das Neves
Gerente de Patrimônio Cultural

Claudijane Pereira Palma
Gerente de Bibliotecas e Promoção do Livro e Leitura

EQUIPE:

Laudo Etno-Histórico
Cristiane Sobrinho Costa

FGM:

Coordenação, Formatação, Introdução, Parecer, Indicações de Salvaguarda
Milena Luisa da Silva Tavares

Imagens
Tonny Bitencourt
Paulo José Teles Filho

Transcrição de Entrevistas
Maria da Anunciação Sousa

Ficha Catalográfica
José Antônio Santana do Nascimento

Motoristas
Raimundo Benigno Cruz

SECULT:

Impressos e Biblioteca do AHMS
Lidia Santos Costa

Imagens do AHMS
Elidinei Maria Bonfim

SALTUR:

Gerente de Eventos e Festas Populares
Pedro Machado da Silva

Coordenador de Infra-estruturar
Otávio Reis da Cruz

Coordenadora de Comunicação
Brenda Alves

Imagens
Bruno Concha

LISTA DE IMAGENS

Fig. 01	Vista do Porto de Santana, no dia 02 de fevereiro de 2008.	I
Fig. 02	Representação artística da Festa de Iemanjá, de autoria de Carybé.	10
Fig. 03	Peji de Iemanjá, encontrado na Casa do Peso no Rio Vermelho	13
Fig. 04	Escultura de Iemanjá frente à Casa do Peso, de autoria do artista Manoel Bonfim.	13
Fig. 05	Registro de Jangadas na praia do Rio Vermelho	18
Fig. 06	AHMS, pasta.017.f.1957	23
Fig. 07	AHMS, pasta.017.f.1499.1982.	23
Fig. 08	AHMS, pasta.017.f.1501.s/data.	24
Fig. 09	AHMS, pasta.017.f.1506. 1977.	25
Fig. 10	AHMS, pasta.017.f.1518.1978.	25
Fig. 11	AHMS, pasta.017.f.1955.	26
Fig. 12	AHMS, pasta.017.f.1957.	26
Fig. 13	AHMS, pasta.018.f.1956.	27
Fig. 14	AHMS, pasta.018.f.1514, 1978.	27
Fig. 15	Casa do peso e vestígios do Forte do Rio vermelho 1960.	45
Fig. 16	Linha circular de bondes no Rio Vermelho de baixo circulando na praça Colombo. Largo da Mariquita, 1943.	47
Fig. 17	Ilustração da Antiga Igreja de Santana, ao lado o Bonde do Rio Vermelho	50
Fig. 18	Manuel Bonfim levando a imagem antiga da frente da Casa de Iemanjá para ofertar as águas.	53
Fig. 19	A nova imagem de Iemanjá, 1978.	54
Fig. 20	Casa dos pescadores do Rio Vermelho com uma grande fila de fiéis esperando para depositar oferendas na casa de Iemanjá na manhã do dia 02 de fevereiro de 2011.	56
Fig. 21	Festa de Iemanjá no dia 2 de fevereiro de 1930. No alto a partir da pequenina casa do peso.	60
Fig. 22	Fotografia do jornal A Tarde “Dona Janaína, princesa do mar”, 1930.	62
Fig. 23	Fotografia do jornal A Tarde “Janaína se encheu de presentes”, 1935.	64
Fig. 24	Fotografia do jornal A Tarde “A festa de Yemanjá”, 1950.	65
Fig. 25	Fundo do barracão, onde os Ogan e demais filhos de Santo tocam os pontos, ou seja, a música para os Orixás.	73
Fig. 26	Local do Barracão onde fica a mãe de Santo, as Ekedes e os balaios principais.	74
Fig. 27	Boxes de venda de peixes da casa dos pescadores	75
Fig. 28	Imagem da Festa do dia 02/02/2011	75
Fig. 29	Pescadores organizando a entrada fila de fiéis.	76
Fig. 30	Oferendas depositadas na casa de Iemanjá.	77
Fig. 31	Homenagens de amigas à Iemanjá no dia 02 de fevereiro.	78
Fig. 32	Foto de Alexandre Lyrio mostrando a multidão do dia 01/02/2019	80
Fig. 33	Foto de Alexandre Lyrio mostrando a multidão do dia 01/02/2019	81
Fig. 34	Um dos balaios principais com oferendas como escova, prendedores de cabelo, colares, gloss, sabonete e outros adereços do universo feminino.	82
Fig. 35	Roda de candomblé com caboclo boiadeiro incorporado em um dos filhos de santo.	84
Fig. 36	Terreiro de Umbanda de Pai Menininho de Feira de Santana, tendo ao fundo a imagem da virgem Maria, do Jesus Cristo e de Iemanjá.	85

Fig. 37	Yalorixá e Ogans esperando para levar a oferenda ao mar.	89
Fig. 38	Presente de 2010.	90
Fig. 39	Presente de Yemanjá 2011.	94
Fig. 40	“A estátua de Yemoja na África...” Estátua de Ibadan.	99
Fig. 41	“A estátua de Yemoja na África...” Estátua de Ibadan.	100
Fig. 42	Imagem da Iemanjá branca.	102
Fig. 43	Pescador- membro da comissão organizadora da festa retirando os frascos de alfazema.	109
Fig. 44	Pescadores oferecem presente ecológico à Iemanjá 2014.	110
Fig. 45	Presente de Iemanjá 2015.	111
Fig. 46	Presente de Iemanjá 2016.	111
Fig. 47	Presente de Iemanjá 2017	112
Fig. 48	Presente de Iemanjá 2018.	112
Fig. 49	Presente de Iemanjá 2019.	113
Fig. 50	Mapa da África, com localização de Ifé e Ibadan.	128
Fig. 51	Sílvio Robatto, festa de Iemanjá, 1969	136
Fig. 52	Tarquínio Gonzaga, festa de 1972	136
Fig. 53	Tribuna da Bahia, festa de 1987.	137
Fig. 54	Acervo da Biblioteca, Quadro Existente na Casa do Peso.	137
Fig. 55	Mãe Aíce de Oxossi – desde 1994, comanda os rituais religiosos da Festa de Iemanjá. Festa de 1980.	138
Fig. 56	Carro Alegórico com o Bando Anunciador de 1962, com a Rainha do Rio Vermelho, Sandra Caria.	139
Fig. 57	José Raimundo Ferreira de Barros (Zequinha Elefante), que durante vários anos interpretou o personagem do Arauto do Bando Anunciador. Festa de 1949.	139
Fig. 58	Imagem de Senhora Sant’Ana sendo transladada p/ nova Igreja Matriz do Rio Vermelho, na noite de 26 de julho de 1967, acompanhada, dentre outros paroquianos, Osório Villas Boas (1), João Pinheiro (2), Aurélio Souza (3), e Affonso Taboada Souza (4).	140
Fig. 59	Acervo da Biblioteca, Presentes da Festa de Iemanjá de 1989.	140
Fig. 60	Acervo da Biblioteca, Abertura dos Festejos de Iemanjá, ACM. Festa de 1968.	141
Fig. 61	Sílvio Robatto, festa de Iemanjá 1969.	141
Fig. 62	Vista da Colônia Z1 no dia 02.02.2018.	142
Fig. 63	Presente principal, em 02.02.2018.	142
Fig. 64	Presente para Iemanjá, 02.02.2018.	143
Fig. 65	Vista do Porto de Sant’Anna no dia 02.02.2018.	143
Fig. 66	Vista das embarcações, dia 02.02.2018.	144
Fig. 67	Movimento na areia e na rua, dia 02.02.2018.	144
Fig. 68	Vista do peji de Iemanjá, na Colônia Z1, em 15.11.2019.	145
Fig. 69	Peji de Iemanjá, em outro ângulo, em 15.11.2019.	145
Fig. 70	Porto de Sant’Anna, em 2008.	146
Fig. 71	Saudação para Iemanjá na saída da embarcação, em 2008.	146
Fig. 72	Fiéis entregando presente a Iemanjá, em 2008.	147
Fig. 73	Presença de integrantes do candomblé, em 2008.	147
Fig. 74	Presença de integrantes do candomblé.	148
Fig. 75	Registro de instalação do artista Ray Vianna, em 2008	148
Fig. 76	Balaios com presentes para Iemanjá, em 2008.	149
Fig. 77	Registro de alagbê, na Festa de Iemanjá.	150

LISTA DE ABREVIATURA

AFA – Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro Ameríndia

AHMS – Arquivo Público Municipal de Salvador

AMARV – Associação de Moradores do Rio Vermelho

CCPC – Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural

DPH – Diretoria de Patrimônio e Humanidades

FGM – Fundação Gregório de Mattos

IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

IRDEB – Instituto de Rádio Difusão da Bahia

SALTUR – Empresa Salvador Turismo

SECULT – Secretaria Municipal de Cultura e Turismo

SUMÁRIO:

1.0.0 - APRESENTAÇÃO 010

1.2.0 - INTRODUÇÃO 011

1.3.0 - ICONOGRAFIAS DO AHMS 023

1.4.0 - MAPA DA FESTA DE IEMANJÁ 029

1.5.0 - LAUDO ETNO-HISTÓRICO 030
1.5.1 - Introdução 030
1.5.2 - Quem são os pescadores do rio vermelho? 034
1.5.3 - Metodologia 040
1.5.4 - O bairro do Rio Vermelho e seus pescadores 043
1.5.5 - A Festa de Iemanjá 055
1.5.6 - Calendário Festivo de Salvador 067
1.5.7 - Etnografia da Festa de Iemanjá 070
1.5.8 - O presente de Iemanjá 082
1.5.9 - O culto de Iemanjá da África para o Brasil 97
1.5.10 - Presente ecológico na Festa de Iemanjá 106
1.5.11 - Mérito como patrimônio cultural 114
1.5.12 - Demanda cultural frente aos processos hegemônicos e fortalecimento frente as políticas afirmativas de cultura 116
1.5.13 - Riscos sobre a continuidade do bem cultural e demandas originárias de detentores ou praticantes do bem cultural que se encontram em situação de conflito ou vulnerabilidade. 117
1.5.14 – Bibliografia 122

1.6.0 - PARECER DA DPH 125

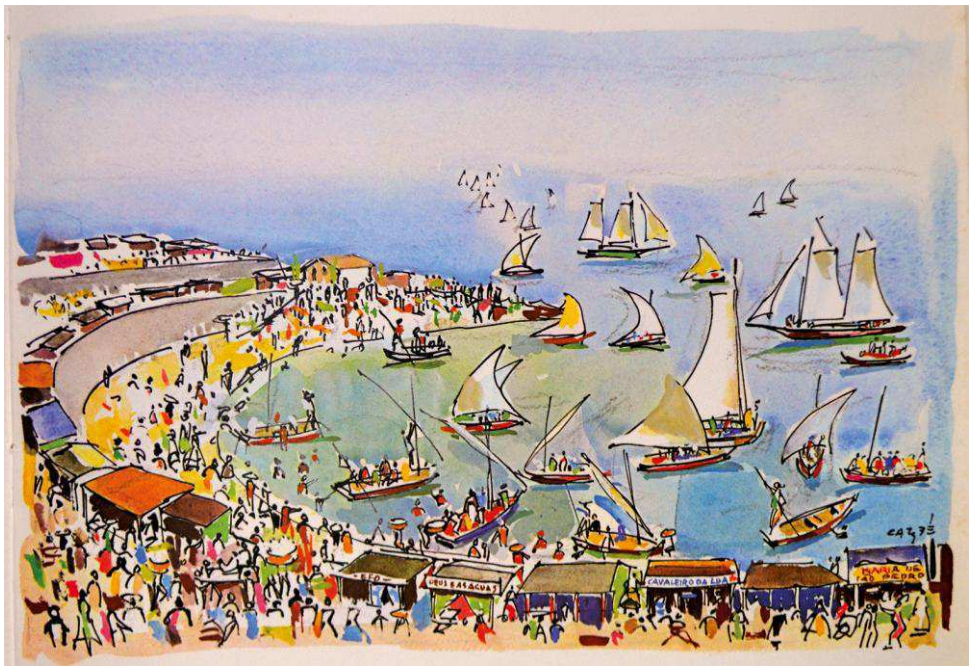
1.7.0 - PROPOSTAS DE SALVAGUARDA 134

1.8.0 - ANEXOS 136
1.8.1 - Documentação fotográfica
1.8.2 - Acervo encontrado em Bibliotecas Públicas Locais
1.8.3 – Algumas Xerox de jornais da AHMS
1.8.4 – Artigo Festa de Iemanjá: imagens da Mãe África refletidas na cidade do Salvador.

1.0.0 - APRESENTAÇÃO

Este dossiê se constitui no inventário e cadastro de informações sobre a Festa de Iemanjá, além de indicações do plano de salvaguarda[1]. A abertura do processo, visando o registro especial da Festa de Iemanjá como patrimônio imaterial municipal, de acordo com o estabelecido na Lei Municipal n.º 8.550/14, regulamentada pelo Decreto n.º 27.179/16, foi motivada por meio de ofício, com documentação pertinente, encaminhado pela Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, seção Bahia, representada por seu Presidente Fabrício de Castro Oliveira[2].

A Notificação Pública de Abertura de Processo para Registro Especial do Patrimônio Imaterial n°. 02/2019, assinada em 18 de novembro de 2019, foi publicada no Diário Oficial do Município n°. 7.506/19, na pág. 36.



Aquarela de Carybé, retratando a Festa de Iemanjá do Rio Vermelho.

Imagem 01: Representação artística da Festa de Iemanjá, de autoria de Carybé.

[1] Composto por ações de apoio à existência dos bens registrados de modo sustentável, pela melhoria das condições sociais e materiais de sua transmissão e reprodução.
[2] A documentação foi providenciada pela Comissão de Responsabilidade da OAB

1.2.0 - INTRODUÇÃO

Milena Luisa da S. Tavares[3]

A Festa de Iemanjá, que ocorre há pelo menos noventa e cinco anos no bairro do Rio Vermelho, alcançou dimensão considerável, sendo fonte de inspiração na literatura, na arte e na música e despertando especial interesse na academia. Foi implantada por iniciativa de uma comunidade tradicional, que ainda mantém no local a pesca artesanal como meio de subsistência. Essa atividade descende de africanos que elegeram o bairro para morar e trabalhar, articulando-se naturalmente com o território e relacionando-o com a formação da sua identidade. O conhecimento de ancestrais vem sendo passado a outras gerações, tanto da atividade pesqueira como da organização e entrega dos presentes que todos os anos são ofertados à divindade que lhes protege das vicissitudes do mar e que favorece o seu sustento.

> *No calendário das festas populares da Bahia ganham relevo especial as do ciclo do mar. Erguida numa península, cercada de mar, terra de pescadores, paisagem de barcos a vela, a Bahia tem uma rainha: Yemanjá, a senhora das águas, poderoso orixá de candomblé, sereia de cinco nomes, Dona Janaína, Ynaê, Yá, Rainha de Aioká. Ela reina sobre esse império das águas, do mar, dos lagos e rios, dirige os ventos, desata os temporais. Mãe e esposa dos pescadores, seu amor supremo, seu desejo impossível. "É doce morrer no mar, nas ondas verdes do mar", cantam os mestres de saveiro pensando em Dona Janaína de longos cabelos perfumados e olhos de naufrágio. Veio ela da África para a Baía de Todos os Santos na esteira dos navios de escravos, nos gemidos dos negros. (...)*
> *Sua grande festa, porém, a maior de todas, a mais solene e bela, é a de dois de fevereiro, no Rio Vermelho. É o dia dos presentes dos*

[3] Diretora de Patrimônio e Humanidades da FGM. Arquiteta Urbanista, formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal da Bahia – FAUFBA. Especialista em Conservação e Manutenção de Monumentos e Sítios Históricos – CECRE/FAUFBA. Especialista em Gestão de Cultura dos Estados do Nordeste, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Conselheira Suplente no Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, instituído por meio do Decreto Municipal n° 25.801/2015.

> *pescadores à sua rainha. O povo do mar e das casas-de-santo se reúne no Largo de Sant'Anna, onde a igrejinha, tão simples e branca, participa da cerimônia animista. A festa, em realidade, começou uma semana antes, durante a qual, no Largo de barracas e luzes, a multidão desfilou, dançou, cantou, bebeu, comeu, amou. No mistério das noites e da distância, roncam os atabaques, ora próximos, ora quase inaudíveis. Essa música dos deuses primitivos se incorpora à atmosfera do Largo. A cada noite o movimento cresce.*
> *Finalmente, chega o dia dois de fevereiro "dia de festa no mar", como diz o trovador: "Eu quero ser o primeiro a salvar Yemanjá". Os atabaques agora roncam ali mesmo, na ponta de terra que penetra pelas águas, rasgando o oceano: ali os pescadores construíram a casa-do-peso que é também o peji de Yemanjá. De toda parte, desde a madrugada, desembocam as filhas-de-santo com seus trajes e colares rituais, cada uma traz seu presente. À frente do povo, obás e Ogãns: mestre Carybé, Dorival Caymmi, Flaviano, chefe dos pescadores, Manuel Bonfim, escultor vizinho do peji, o pintor Licídio Lopes e Mário Portugal, exportador de fumo e ogã do candomblé de Mirinha do Portão.*
> *(...)*
> *No Largo, dançam ranchos e cordões animados por pequenas orquestras, dançam foliões, zé-pereiras, zabumbas. É uma festa extremamente alegre, como, aliás, todas as festas do ritual afro-baiano nas quais os deuses vêm confraternizar com os homens, vêm dançar e cantar com os seus filhos. Não há tristeza na religião dos baianos, tristeza é coisa de branco: quanto a nós, povo mestiço, herdamos a alegria do negro.* (AMADO, 1986: 137-140).

Sabe-se que o presente devotado a Mãe d'Água do Porto de Santana, se destaca no calendário de festas da cidade do Salvador, atraindo pessoas por questões religiosas e também profanas. Tem por foco principal homenagear uma divindade do culto afro-brasileiro, cumprindo rituais do candomblé e se afirmando enquanto prática independente dos ritos cristãos.

> *A poderosa imaginação ritual dos afro-brasileiros conquistou espaços públicos que lhe eram vedados, imprimiu uma nova imago mundi e uma nova temporalidade no texto do calendário romano, apropriou-se de ritos cristãos que transformou e renovou, de maneira original e inventiva. Tal interpraetatio africana de mitos e ritos cristãos produziu, nesta estação da diáspora, um cristianismo sui generis, muito vivo e interessante. Ouso dizer que em Salvador e no Recôncavo baiano o catolicismo popular fez-se praticamente uma religião afro-brasileira.* (Trindade-Serra, 2009: 17).

Imagens : Tonny Bitencourt, ano 2019 e 2008, respectivamente.

Imagem 03: Peji de Iemanjá, encontrado na Casa do Peso no Rio Vermelho.
Imagem 04: Escultura de Iemanjá frente à Casa do Peso, de autoria do artista Manoel Bonfim.

Embora o presente seja uma iniciativa de pescadores, desde o início se contou com a participação de uma sacerdotisa do candomblé baiano, havendo notícias que a primeira era iniciada no culto da nação ijexá[4]. A cada ano se observa expressiva presença de integrantes de terreiros na Festa de Iemanjá do Rio Vermelho, reforçando seu caráter litúrgico e a seriedade em que é tratada a devoção.

> *Na descrição de Bastide (1945, p. 124), podemos observar a presença dos ilus como algo bastante forte, mas temos que chamar atenção também para cantigas onde aparece a palava ijexá, além do ritual do presente às águas. Não podemos esquecer que os ijexás são caracterizados por este culto.*
> *No capítulo seguinte, após descrever a festa do Rio Vermelho, Bastide (1945, p. 124) menciona a figura de Joana de Ogum, descrita por ele como muito abalada ao saber que no dia seguinte os*

[4] De acordo com SOUSA JÚNIOR (2018, p. 186-200), a primeira Ialorixá teria sido Tia Julia, Julia Bugan, a mesma Maria Julia Conceição Nazaré, que fundou o antigo terreiro, chamado pelo nome da localidade "Língua de Vaca", da nação ijexá, sendo sucedida no mesmo terreiro por Dona Emília, citada por Roger Bastide como responsável pela preparação do presente de Iemanjá do Rio Vermelho. Esse terreiro foi desapropriado pelo Governo Estadual, onde desde meados de 1970 foi instalado o Departamento de Polícia Técnica – DPT, restando do candomblé apenas a árvore sagrada Iroko, que até 2012 era cuidado pela Egbomi Cidália.

> *pescadores encontraram oferendas flutuando sobre as águas. Iemanjá não aceitara o presente, pelo fato de alguns dias antes, Dona Emília ter morrido.*
> *Ainda sobre o presente do Língua de Vaca, Antônio Monteiro em matéria do jornal A Tarde de 1956, intitulada: 'Iemanjá deusa das águas', relembra que 'os iniciadores do presente do Rio Vermelho foram a finada Júlia Bugan juntamente com um chofer da Saúde Pública e chefe do antigo Cordão Carnavalesco Otun-Obá de África, chamado João'.* (SOUSA JÚNIOR, 2018: 190).

Outros grupos tradicionais de expressão afro-brasileira se fazem presente para reverenciar a Rainha do Mar, alcançando destaque e emprestando colorido especial ao evento, sendo esses: o samba de roda, a capoeira, as baianas de acarajé, alabês, bandas de fanfarras e os Afoxés Filhos de Gandhi, o que traduz a festa como um espaço democrático de expressão cultural.

> *O mar coberto de flores e, por entre elas, vai a formosa das formosas, a sedutora mãe dos orixás, esposa dos marítimos. No Rio Vermelho, a festa continua, prolonga-se pela tarde e pela noite, entrará semana a dentro até se transformar em festa de Nossa Senhora de Sant'Anna, no domingo seguinte. Orixá de candomblé ou santo de igreja tudo é igual na devoção e na alegria do povo. Quem tiver a sorte de assistir a essa festa de dois de fevereiro, no Largo de Sant'Anna no Rio Vermelho (talvez das sacadas do velho sobradão onde vive o pintor José de Domé), jamais a esquecerá.*
> *A dança – o samba de roda, o makulelê, o assombroso balê da capoeira – domina essas festas baianas, é um bem coletivo e fraterno. Quem não dança nas praias e nas ruas? Dança a moça adolescente, as ancas modeladas pela calça elegante, dança a baiana sorridente com seu torço e seu colar; na roda do samba dançam crianças, jovens e velhos, há lugar para todos. Nos bairros pobres, nos becos e ladeiras, nos terreiros, o povo dança.* (AMADO, 1986: 142).

Ao analisar a manifestação cultural, se observa que vem se transformando ao longo dos anos. O diálogo com pescadores revela que está merecendo atenção para não chegar a sofrer ameaça de extinção[5], assim

[5] Vale observar em LOPES (1984, p.47-48) que foram os pescadores que iniciaram outra festa do Rio Vermelho, mas depois se afastaram. O autor relata que os pescadores estavam praticando um jogo de cartas de nome "dourada" na parte de baixo do Porto do Rio Vermelho, em um domingo antes da festa do entrudo, quando uma senhora os recomendou sair para o mar, a fim de evitar serem enviados para a

como ocorreu com outras expressões culturais da cidade, seja pela própria dinâmica do tempo e das formas de apropriação das novas gerações dos produtores, ou pelas relações de força da sociedade.

> *Ora, como acima ficou dito, as mudanças no panorama religioso da Bahia (do Brasil) afetaram essa formação. Tanto o catolicismo como o candomblé vêm sofrendo reiterados ataques, consideráveis perdas, em todo o país; na "Boa Terra" inclusive.*
> *Mas há outros fatores a considerar.*
> *(...)*
> *Um dos espaços principais em que se encarnou a heortologia[6] estival de Salvador foi o da Cidade Baixa – que perdeu, faz tempo, muito de sua importância, com o deslocamento dos centros econômicos e de decisão no corpo novo da urbe. A área do chamado Comércio deixou de ser o que foi no passado: o grande, o máximo centro comercial da cidade; o porto já não concentra um poderoso núcleo de estivadores (cuja corporação foi responsável por uma parte significativa da animação cultural da área)[7]; os saveiros praticamente desapareceram, e com eles a feira de frutas trazidas do Recôncavo, que dava um colorido especial aos festejos da Conceição; o Mercado Modelo, ao ressurgir das cinzas, perdeu muito de sua antiga vitalidade popular; o incêndio de Água de Meninos afastou dali um segmento importante que animava a área; a Igreja do Pilar esvaziou-se (até seu forro caiu) e poucos ainda procuram a Fonte de Santa Luzia;[8] a Ribeira entrou em decadência... Mesmo assim, há considerável fervor e alegria nessa zona da cidade, durante uma boa parte do último mês do ano e em datas destacadas de janeiro: desde que a procissão marítima do Senhor dos Navegantes inaugura o Ano Novo até a Segunda Feira Gorda da Ribeira, que arremata o ciclo do Bonfim. (É verdade que ela emagreceu bastante...).*

Guerra de Canudos e, como eles a atenderam e verificaram que de fato ela estava certa, consideraram ter sido esse evento um livramento de Senhora San'Anna, resolvendo estabelecer uma romaria anual de jangadas em sua homenagem nessa época, embora distante do dia 26 de julho, data que é normalmente reverenciada. Com o tempo essas romarias passaram a se chamar festa das jangadas, com embarcações enfeitadas com bandeiras, palmas e flores, presença de bandas de música e foguetes, além de oferta de comidas e bebidas, ao som de violão, pandeiro, cavaquinho e outros instrumentos, evoluindo posteriormente para festa do Rio Vermelho, que eram organizadas por juízes, já sem a presença dos pescadores, que perceberam não ter mais espaço na manifestação e as entregaram "aos brancos, como eles diziam".

[6] Devo logo explicar o palavrão que usei. "Heortologia" está no dicionário, mas é termo pouco usado, até mesmo em estudos históricos e antropológicos que tratam do assunto. A palavra tem origem grega e tem duas acepções que se interligam: designa um conjunto organizado de festas, mas também o estudo deste fenômeno.

[7] A CODEBA – Companhia das Docas do Estado da Bahia – continua patrocinando a festa de São Nicodemos, patrono dos estivadores, que se tornou mesmo inteiramente "corporativa", mobilizando a comunidade portuária.

[8] Essa festa também sofreu com a desativação do Plano Inclinado do Pilar.

> *No calendário do verão festivo da Bahia, além das celebrações acontecidas na Cidade Baixa, contam-se importantes festejos realizados na parte alta da urbe, principalmente na Orla. Aquém das praias, sempre tiveram destaque maior: uma bela festa do Centro Histórico – a de Santa Bárbara, comemorada no dia 4 de dezembro – ; a folia de Reis da Lapinha, com seus pastoris; a festa de São Lázaro, celebrada (em janeiro) no bairro que tem o nome deste santo (em agosto, o festejado no logradouro é São Roque).*[9]
> *Na orla das praias, no verão, celebra-se o reinado de Iemanjá, com destaque para uma grande festividade realizada no bairro do Rio Vermelho. Seu esplendor oscila um pouco: o Dois de Fevereiro teve um brilho extraordinário em 2008, e pareceu mais apagado em 2009.*[10] *Mas seja como for, continua intenso.* (Trindade-Serra, 2009: 17-22).

No início os pescadores se valiam de Jangadas[11] para pescar e para render suas homenagens a Iemanjá, mas se renderam ao ritmo do progresso, preferindo Saveiros a motor, que só levam vela para uma emergência, caso ocorra uma pane. O relato a seguir, deve auxiliar no entendimento da dinâmica da manifestação, valendo observar que Flaviano Santos, que por muitos anos

---

[9] A respeito desta última festa, discorro um pouco no presente livro. Não trato da a Festa de Reis da Lapinha, celebrada no 6 de janeiro; anoto aqui que até há pouco ela teve certo relevo graças ao estímulo de um pobre sacerdote cujo afastamento, motivado por um surto loucura, foi muito ressentido por seus paroquianos. Quanto à Festa de Santa Bárbara, um bom apanhado histórico se encontra em um texto de Jocélio Teles dos Santos intitulado "Eparrei Bárbara! Espetacularização e confluência de gêneros na festa de Santa Bárbara em Salvador". In: Raul Lody (org.). Eparrei Bárbara! Fé e festa do largo de Salvador. Salvador – Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2005. p. 33-50.

[10] A rigor, a Festa do Dois de Fevereiro, no Rio Vermelho, vem a ser a maior, mas de modo algum a única da sua categoria na Cidade do Salvador e em seu entorno: entre o último dia de dezembro e fins de fevereiro, celebra-se de um modo especial o Presente da Mãe d'Água em diferentes lugares da Bahia, em águas marinhas ou em rios e lagos; digo "de um modo especial" porque é fato que em diferentes épocas do ano – e por diversos motivos – o povo-de-santo faz oferendas desse tipo à grande deusa; em todo o caso, os grandes Presentes que marcam o começo do ano são mesmo os mais ricos... São notáveis os que nessa altura acontecem nos bairros do Nordeste de Amaralina, Jardim de Alá e Boca do Rio, assim como na Praia de Buraquinho, em Salvador. Também merecem destaque os festejos do Três de Fevereiro, em Itaparica, no povoado de Amoreiras; também muito belo e concorrido é o Presente de Iemanjá oferecido no Rio Paraguaçu, na Pedra da Baleia, em Cachoeira. Em Salvador, pequenos presentes acontecem em diferentes trechos da orla praiana no dia 31 de dezembro. Outrora, alguns terreiros soteropolitanos faziam suas principais oferendas a Iemanjá nesta data, segundo testemunho do falecido Elemaxó Antônio Agnelo Pereira.

[11] *Velho pescador é quem diz com quantos paus se faz uma jangada. São seis. Menos disso não dá equilíbrio e o homem vai para água. Com vela ou sem vela ela tem que ser com 'pau verdadeiro' vindo do sul. No aracambu coloca-se a vela, logo em seguida a espadela, o que a segura, adiante, os bancos e local para a vela da mazena. Duas pessoas são suficientes para o seu manejo e ao contrário do que se diz, essas embarcações viram, apesar de não ir para o fundo, não oferecendo por isso muito perigo para os seus tripulantes.* (Revista do Jornal da Bahia: 1972: Caderno 08-09)

foi responsável pela festa, teve sua fé em Iemanjá despertada após um sonho e introduziu a prática de oferecer presentes de estética diferente a cada ano, como tradição na festa.

> *Flaviano Santos, velho pescador das bandas do Rio Vermelho moreja no mar há 30 anos. Em toda a sua vida de mar lembra-se que dois casos ocorreram e a Jangada ficou só, lá fora, dentro do mar, sem Amorzinho, o seu dono. O mesmo ocorreu com Ôô. Ninguém sabe como foi nem os seus corpos foram encontrados. Ambos eram velhos, fortes e conhecedores dos mistérios dos redutos de Yemanjá. Flaviano tem a sua própria estória: perdeu o seu pai muito cedo, indo aprender ofício de pedreiro. Por causa das brigas caseiras entre o seu padrasto e sua mãe fez a essa uma promessa de que quando ganhasse dinheiro a separaria daquele homem. Manoel um velho amigo, que também era da Conceição, lhe levou para a primeira pescaria. Deu dinheiro na primeira vez. Flaviano Santos, para quem não sabe, é o homem responsável pela Festa de Yemanjá, no dia dois de fevereiro. Ele não diz que foi promessa, nem diz que não foi. Apenas afirma que o pouco que tem foi retirado do mar e por isso rende homenagens à Dona das Águas. Certa feita, ele se encontrava na Casa do Peso, quando chegou uma moça e lhe pediu para colocar flores na estrada de Yemanjá. O favor foi feito. Quando Flaviano foi dormir sonhou que uma moça bonita de cabelos longos deitou-se nos seus braços e balançou a cabeça, como que agradecendo. Era a própria. Daí para cá, apesar de nunca ter visto nada no mar, acredita fervorosamente em Yemanjá.*
>
> *OS VELHOS MARINHEIROS*
>
> *Os mais velhos pescadores das águas do Rio Vermelho estão ai firmes e fortes. Todos os dias eles saem para pescar. Lidio, Zequinha, Renato e Zé Grande conhecem os segredos do mar, vão e voltam em jangadas ou em saveiros. Todos são tementes, rezam e têm as suas obrigações religiosas e de quando em quando levam os seus presentinhos. Flaviano é o homem que vem preparando o Presente de Yemanjá há 8 anos consecutivamente. Além de tomar a frente da festa, era apenas um balaio mandado da casa de uma mãe de santo. Por cima flores e o resto ninguém sabia o que era nem tinha a curiosidade de ver. De ano para ano Flaviano vem modificando as oferendas principais. Primeiro um grande peixe, uma talha, uma fonte, um reinado, uma taça e uma concha, e por último um barco, além das centenas de balaios com flores. A sua grande função é angariar ajuda, principalmente dos poderes públicos para que a festa de ano para ano cresça sem perder o cunho popular. A casa do peixe está sendo ampliada e nada de esmorecer.* (Revista do Jornal da Bahia: 1972: Caderno 08-09).

(05) Registro de Jangadas na praia do Rio Vermelho. Fonte: AHMS, s/ data.

Observa-se que o presente dos pescadores alcançou uma dimensão considerável para economia local, atraindo o interesse e a presença de pessoas de outros estados e países, movimentando a atividade hoteleira e turística, além de promover um comércio diverso, que alcança desde ambulantes informais[12] a barracas cadastradas e eventos promovidos por hotéis e restaurantes do bairro[13], e vem contando com o apoio da polícia militar, da associação de moradores e de órgãos públicos municipais[14].

> *Seu ápice é a entrega dos presentes, estes relacionados à vaidade feminina, como pentes, espelhos, sabonetes, talcos, perfumes e flores. Após enfrentar longas filas, devotos depositam suas oferendas*

[12] Vendas de chapéus, flores, sandálias, bebidas e alimentos diversos, protetor solar, entre outros produtos.

[13] Tendo a feijoada como prato principal, casada com oferta de atrações artísticas.

[14] Promoção da Festa e apoio financeiro para o presente (SALTUR) (EMTURSA-BA), serviços de manutenção na colônia de pesca (SEMAN), segurança (Polícia Militar e Guarda Municpal), organização do tráfego de veículos (TRANSALVADOR) e de ambulantes (SEMOP), limpeza e instalação de banheiros químicos (LIMPURB), proibição de circulação de mini trios na orla e controle de som a partir de determinada hora da noite (SEDUR).

> *e pedidos em balaios que são guardados na Casa do Peso – uma espécie de templo à divindade – até o fim da tarde, quando são levados para o alto mar em um cortejo marítimo.*
> *Enquanto isso, na praia do Rio Vermelho, os participantes realizam ações diversas. Alguns entoam cânticos em yorubá, ao som dos atabaques, chamando Iemanjá para receber os presentes, enquanto outros comem, bebem, cantam e dançam em animadas rodas de samba, usufruindo dos atrativos da festa de largo.*
> *Neste mesmo dia, registra-se a ocorrência de outras manifestações no Recôncavo. Em Candeias, homenagens a Nossa Senhora das Candeias e, em Santo Amaro, a festa de Nossa Senhora da Purificação, envolvendo lavagem das escadarias da igreja, procissão e, ao término das funções religiosas, uma grande festa de largo.* (UFBA: 2012: 547).

Observa-se que Iemanjá também é reverenciada com presentes e práticas de culto em outros territórios, mas de forma diversa ao presente dos pescadores do Rio Vermelho, reforçando o caráter singular dessa tradição cultural. A cada ano, de acordo com SERRA & VATIN (2011: 444-446), no domingo que se segue à Festa de Iemanjá do dia 02 de fevereiro, em Salvador, os terreiros de candomblé de Cachoeira e das cidades circunvizinhas, realizam xirê a céu aberto e em seguida oferendas, com barcos que saem do cais da cidade, em direção ao rochedo chamado de “Pedra da Baleia”, celebrando ritos solenes de oferenda à Mãe d’Água, pois, segundo declara o povo cachoeirano, o rio Paraguaçu pertence à Rainha dos Mares. Chamam atenção que quase todos os rituais festivos que ocorrem na BTS têm caráter religioso, destacando a ocorrência de presentes de Iemanjá em Itaparica, lembrando que um deles ocorre no dia 2 de fevereiro, pelo povo do Ilê Omon Aboulá, terreiro de uma comunidade litúrgica de Amoreiras, consagrado ao culto dos ancestrais (os Babá Egun), e outra celebração muito concorrida, em Bom Jesus de Manguinhos, próxima a Amoreiras, no terreiro Ilê Axé Babá Omiguian, que ocorre no dia 3 de fevereiro há mais de cem anos.

> *O ritual começa no dia 20 de janeiro, quando os fiéis descem do Aboulá em direção ao mar e, seguindo uma trilha de pedras, fincam em um ponto exato (na areia coberta pelas águas marinhas) uma*

> *bandeira azul e branca. No dia da festa, no período da manhã, as cerimônias são restritas às pessoas da casa. Pela tarde, as portas são abertas ao público para a cerimônia que começa com o padê de Exu e ainda no barracão (os antepassados) Babá Omorô Mitodô, de Iemanjá, e Babá Nilô, de Oxum, aparecem para agradecer e abençoar as oferendas. Na saída da procissão, após um foguetório, homens e mulheres seguem descendo o morro em direção ao vilarejo e à praia, com balaios e talhas sobre a cabeça, guiadas pelo som das cantigas sagradas, para serem levados ao mar. No caminho, sempre cruzam com a procissão de Nossa Senhora das Candeias, organizada pela Igreja Católica.* (GOUVEIA apud SERRA & VATIN, 2011: 446).

Para análise do pedido encaminhado pela OAB, além da leitura da documentação entregue, se buscou inicialmente a leitura de jornais antigos sobre a festa no acervo da Biblioteca do Arquivo Público Municipal, sendo avaliado o interesse da mídia pelo presente e a sua relevância, enquanto referência cultural no calendário festivo da cidade do Salvador. Em seguida, optou-se pela pesquisa por referências bibliográficas e iconografias encontradas em bibliotecas públicas[15], além da leitura de estudos acadêmicos, sendo observado o grande interesse pelo bairro do Rio Vermelho, especialmente pela manifestação em consideração. A proposta de registro foi então submetida à análise preliminar do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, que anuiu ao pedido. Antes da abertura do processo, se estabeleceu pesquisa de campo, por meio do diálogo preliminar com alguns pescadores encontrados na Colônia Z1, sendo agendada reunião[16], que ocorreu no dia 15 de novembro, para esclarecimentos. Nesse dia, foi explicado o instrumento do registro como patrimônio imaterial, e se colheu assinaturas de anuência ao registro da festa, somando-se ao documento assinado pelo presidente da

[15] Na Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, no Rio Vermelho, são encontrados elementos de referência do bairro do Rio Vermelho e suas dinâmicas festivas, no acervo caramuru, composto por livros, fotografias, reportagens, revistas e recortes de jornais.

[16] Essa reunião ocorreu na manhã do dia 15 de novembro do ano em curso.

Colônia Z1[17], entregue preliminarmente pela OAB. Somou-se a documentação uma instrução sumária, por meio da informação técnica n° 058/19, a fim de atender a regulamentação da lei municipal.

Para compor o dossiê técnico/inventário da manifestação, além da contratação do laudo etno-histórico elaborado pela Doutora em antropologia Cristiane Sobrinho Costa[18], foi solicitado pesquisa por iconografias a responsável pelo setor de imagens do arquivo municipal de Salvador[19], providenciada a reprodução de iconografias encontradas na Biblioteca Juracy Magalhães, registros fotográficos diversos da festa[20], a produção de um mapa[21] e vídeo. Para maior compreensão da dinâmica do evento e registro de uma proposta de salvaguarda[22], se realizou as seguintes entrevistas: com cinco pescadores e uma pescadora, com o presidente da Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro-Ameríndia e com o presidente da Associação de Moradores do Rio Vermelho – AMARV. Vale constar que a FGM foi procurada pelo doutorando Flávio Cardoso dos Santos Júnior, que ofereceu um de seus livros[23], que agora consta na pasta da Festa de Iemanjá, e cedeu o artigo encontrado anexo a esse trabalho com o título: Festa e Iemanjá: imagens da Mãe África refletidas na cidade do Salvador.

---

[17] Ouvimos depoimentos de cada um dos pescadores presentes, afirmando que o presidente da colônia não comparecia ao local há muito tempo, que desviou recursos destinados a eles, chegando a responder a investigação policial.

[18] Optou-se por contratá-la pelo seu conhecimento acerca da manifestação, realizando preciosa pesquisa junto aos pescadores entre os anos de 2009 e 2011, entrevistando-os, realizando análises, pelo método da etnografia, e escrevendo sobre a Festa de Iemanjá em sua dissertação.

[19] Analista de Gestão Pública Elidinei Maria Bonfim.

[20] Contamos com a disposição do arquiteto urbanista e fotógrafo Tonny Bittencour, que cedeu as imagens para constar no dossiê de técnico.

[21] Foi pedido que constasse no mapa a área utilizada pela festa, destacando a localização da casa do Peso, da Igreja e do Porto de Sant'Anna, localização das barracas e das estruturas de apoio à festa.

[22] A proposta em consideração servirá apenas para apontar algumas das questões já identificadas. O Plano de Salvaguarda será construído junto com os detentores. Pretende-se iniciar esse trabalho no ano de 2020, caso haja o parecer favorável do registro da festa como patrimônio imaterial do município no Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

[23] SANTOS JÚNIOR, Flávio Cardoso dos. "Odoiá, minha mãe!": desenhando as danças de Iemanjá. 1ed. Curitiba: Appris, 2018. 197p.

REFERÊNCIAS:

AMADO, Jorge. Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios. 34ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto (Org.). Cartilha dos direitos culturais. Fortaleza: Secção Ceará da Ordem dos Advogados do Brasil, 2004.

LOPES, Licídio. Rio Vermelho e suas tradições. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984. 112p. : Il.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. Rio Vermelho. Salvador: AMARV, 1991. 276p. : Il.

S/autoria. Com quantos paus se faz uma jangada. Jornal da Bahia. Salvador, 1972, Revista, Cad. 08 e 09.

SOUSA JÚNIOR. Corujebó: candomblé e polícia de costumes (1938-1976). Salvador: EDUFBA, 2018. 288p.: Il.

TRINDADE-SERRA, Ordep José. Rumores de festa: o sagrado e o profano na Bahia. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2009. 188p. : Il.

TRINDADE-SERRA, Ordep José & VATIN, Xavier. Manifestações culturais no Recôncavo da Baía de Todos os Santos. In: Baía de Todos os Santos: aspectos humanos. Carlos Caroso, Fátima Tavares, Cláudio Pereira, Organizadores. Salvador: EDUFBA, 2011. 600p.:Il.

UFBA. SALVADOR e a Baia de Todos os Santos: guias de arquitetura. Coordenação de Eugenio de Avila Lins y Mariely Cabral de Santana. Ed. trilingue.-- Sevilla : Consejeria de Obras Publicas y Vivienda, Direccion General de Rehabilitacion y Arquitectura, 2012. 712 p.: il.

1.3.0 - ICONOGRAFIAS DO AHMS

Imagem 06 - Fonte: AHMS, pasta.017.f.1957

Imagem 07 - Fonte: AHMS, pasta.017.f.1499.1982.

Imagem 08 - Fonte: AHMS, pasta.017.f.1501.s/data.

Imagem 09 - Fonte: AHMS, pasta.017.f.1506.s/data.

Imagem 10 - Fonte: AHMS, pasta.017.f.1518. s/data.

Imagem 11 - Fonte: AHMS, pasta.017.f.1955.

Imagem 12 - Fonte: AHMS, pasta.018.f.1956.

Imagem 13 - Fonte: AHMS, pasta.017.f.1957.

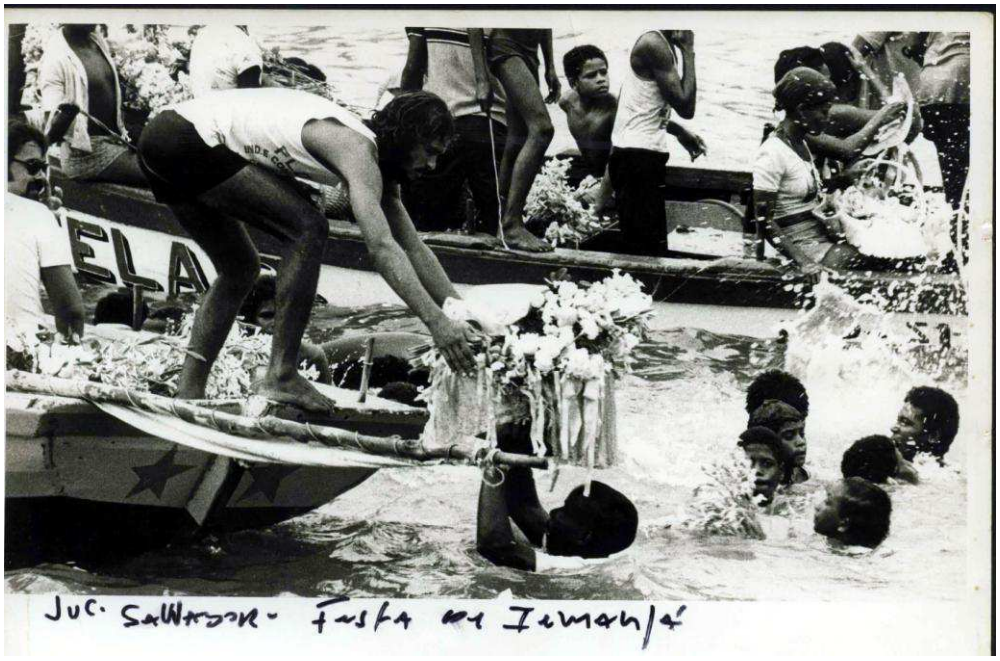
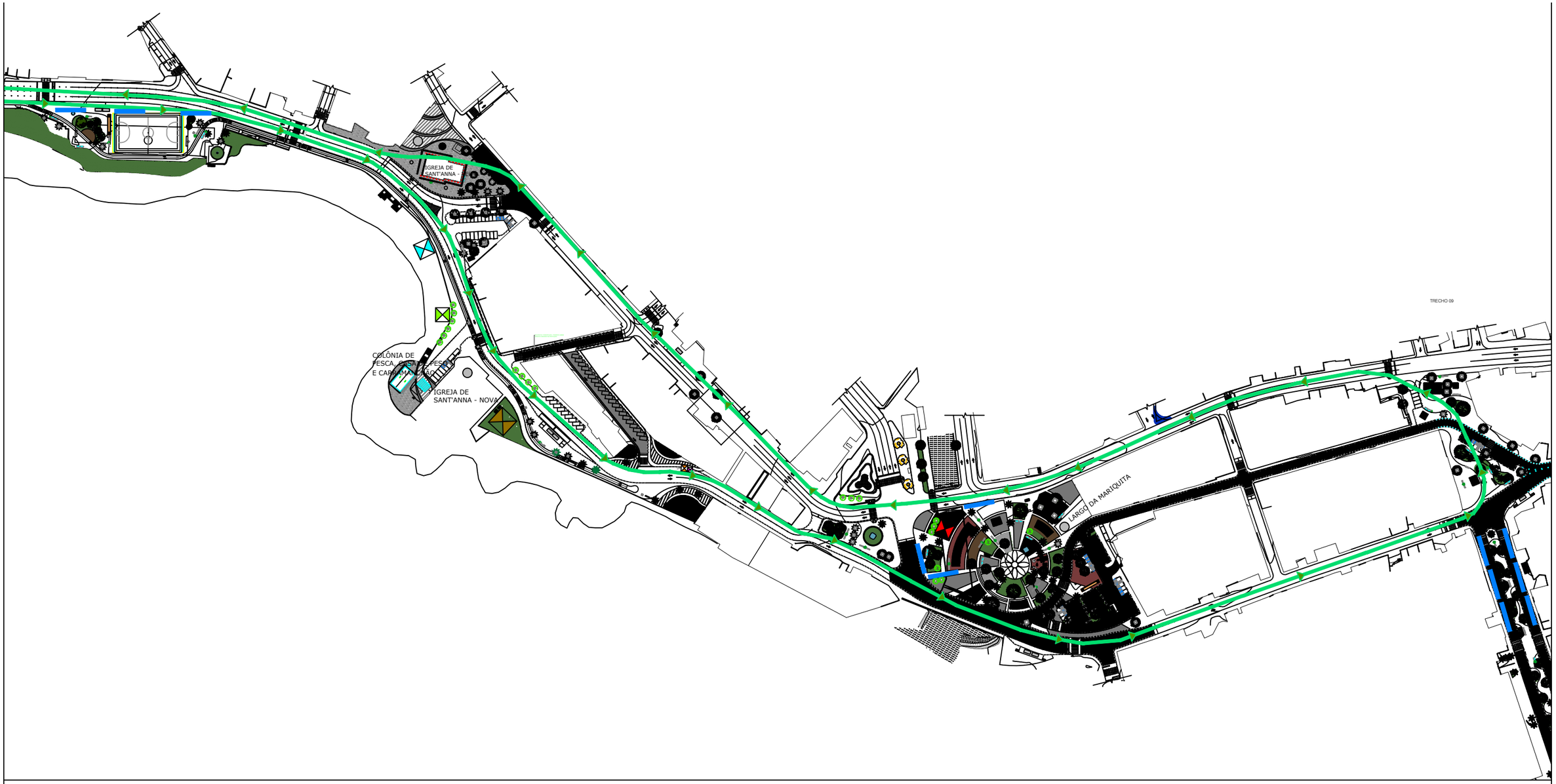


Imagem 14 - Fonte: AHMS, pasta.018.f.1514.1978.

1.4.0 - MAPA DA FESTA DE IEMANJÁ



LEGENDA

- PERCURSO E LIMITE DA FESTA
- PONTOS DE REFERÊNCIA
- SEMOP
- POLÍCIA MILITAR
- SAÚDE
- ENTREGA DOS PRESENTES
- PRATICÁVEIS DE TELEVISÃO

OBSERVAÇÕES:

- IMPLANTAÇÃO DEVE SER CONFERIDA NO LOCAL.
- TODAS AS COTAS ESTÃO EM METROS SALVO ONDE INDICADO
- A LOCAÇÃO DOS AMBULANTES DEVERÁ RESPEITAR AS ENTRADAS E SAÍDAS DAS EDIFICAÇÕES.

SALTUR
Empresa Salvador Turismo

SALVADOR PREFEITURA
PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

PROJETO	FESTAS POPULARES 2019
ASSUNTO	FESTA DE YEMANJÁ
PRANCHA	PLANTA GERAL — ESCALA 1/2000
PROJETO	COORDENAÇÃO DE INFRAESTRUTURA — DATA DEZ/19
VERIFICAÇÃO	COORDENAÇÃO DE INFRAESTRUTURA
DESENHO	OTÁVIO AUGUSTO REIS DA CRUZ
APROVAÇÃO	ISAAC EDINGTON
CÓDIGO	ARQUIVO: FP\ YE\ PLANTAGERAL.DWG

1.5.0 – LAUDO ETNO HISTÓRICO DA FESTA DE IEMANJÁ

Cristiane Sobrinho Costa[24]

1.5.1 - Introdução

Salvador é uma cidade conhecida nacionalmente e internacionalmente pelo grande número de terreiros de candomblé e Igrejas católicas. A religiosidade enquanto fenômeno agregador é um elemento constitutivo da dinâmica da cidade. Muitas festas associadas aos santos católicos movimentam o cenário religioso e cultural soteropolitano, estas festas contam com uma ampla participação da população afro descendente, adeptos de candomblé e povos tradicionais como os pescadores e quilombolas. À exceção da Festa de Iemanjá, realizada para um orixá africano, os santos católicos ou datas santas como o carnaval são centrais nas demais festas populares. Nem todos os festejos religiosos dedicados às divindades católicas são apoiados pelo episcopado e algumas das igrejas mantém suas portas fechadas durante os eventos, o que não impede o cortejo e a celebrações dos fiéis. A palavra "sincretismo" é amplamente utilizada na cidade de Salvador para se referir às festas religiosas, inclusive pelos leigos em relação à etimologia do conceito, essa palavra se popularizou para descrever a associação entre os santos da igreja católica e os orixás do candomblé.

As principais festas católicas da cidade reúnem adeptos tanto do catolicismo, quanto das religiões afro-brasileiras, para cada santo católico um orixá com características próximas, ou que possuam elementos que os aproximem, é reverenciado. Por exemplo, São Roque é um Santo Católico

[24] Mini currículo: Doutora em Antropologia, Mestre em Estudos Étnicos e Africanos, Especialista Metodologia e Didática do Ensino Superior, Graduada em Ciências Sociais, Professora do Programa de Especialização Lato Sensu Em Direitos Humanos e Contemporaneidade (Universidade Federal da Bahia-UFBA), Professora da Rede Municipal de Camaçari.

representado por homem com o corpo coberto de chagas, de acordo com a história ele era um médico italiano que curava os doentes durante a epidemia conhecida como "peste negra" e também foi contaminado; Já Omolu foi, segundo o itan[25], uma criança que nasceu com o corpo coberto de feridas, foi abandonado por sua mãe Nanã na beira do mar e salvo por Iemanjá que o criou como filho, por conta das marcas no corpo cobria-se de palhas para esconder as feridas. Ambos são relacionados à cura de doenças, para ambos se pede que afastem as chagas do corpo. No dia 16 de agosto é comemorada a Festa de São Roque e a Igreja lota com fiéis do candomblé e católicos, os católicos rezam para São Roque e para os candomblecistas presentes há uma interação entre o Orixá e o Santo Católico, sendo os dois cultuados com fé e devoção. A linha que separa as duas crenças é borrada, sendo muitas vezes impossível para os adeptos distinguir ou separar a crença em cada uma das divindades.

A Festa de Iemanjá realizada pelos pescadores do Rio Vermelho no dia 02 de fevereiro não tem relação direta com nenhum santo católico, não tem participação da Igreja e se configura como a única festa pública, de grande dimensão, realizada para um Orixá no Brasil.

De acordo com Santos (2005), as festas públicas foram responsáveis pela publicização do candomblé, na medida em que através das mesmas, a religião foi sendo integrada à vida cultural e religiosa brasileira:

> *(...) As imagens produzidas pela festa, tornaram-se a face mais visível do culto aos orixás, a ponto de o termo candomblé, usado inicialmente para se referir às danças rituais, passar a ser utilizado para denominar a própria religião.* (SANTOS, 2005:131).

Ainda de acordo com a autora, a repressão que as religiões afro-brasileiras sofreram no Brasil desde a colonização fez com que as mesmas

[25] Conjunto de todos os mitos, canções, histórias e outros componentes culturais dos iorubás.

escondessem seus ritos, ficando estes limitados aos espaços internos dos terreiros e templos.

A expansão dessas festas para as ruas fez com que os cultos de origem africana ganhassem notoriedade e visibilidade, ao mesmo tempo em que reaproximaram esses ritos das grandes festas realizadas para os Orixás em África, em que há uma ampla participação popular com músicas e danças. A festa pública permite uma apropriação e reelaboração do significado do Orixá, ao mesmo tempo populariza e democratiza o rito. Na festa há uma exposição do sistema religioso do candomblé que historicamente foi marginalizado e demonizado, trazer Iemanjá para as ruas criou uma integração desse Orixá com a população mais ampla, popularizando-a e aproximando-a do seu culto original em Abeokutá.

Segundo Damasceno (2015:34) apud Omari-Tunkara (2005), em suas pesquisas feitas em Abeokutá em 1983 e 1991, a autora relata os numerosos rituais e papéis mitológicos relacionados a Iemanjá, de acordo com essas pesquisas um dos locais de culto é o Distrito de Saki, interior do território iorubá, onde é considerada Monjelewu, a mulher do rei de Saki, neste local ela é invocada durante as cerimônias de coroação do rei, para que o mesmo seja considerado apto à ocupação do cargo. Ainda de acordo com Omari-Tunkara no Distrito de Ibará, Iemanjá reside nos vários afluentes do Rio Ogum e está relacionada à fertilidade e procriação, lá ela não é vista apenas como rainha, mas como mãe de muitos deuses e deusas e como uma iyami (sacralização da figura materna). Em sua descrição sobre a festa anual para Iemanjá em Ibará, Omari-Tunkara relata que todas as imagens de Iemanjá são levadas dos seus locais individuais para o santuário principal, no Distrito real de Ibará, lá são alinhadas no interior do santuário, em frente à preceitos secretos. Nos eventos mais importantes para Iemanjá, além dos ritos e sacrifícios privados, acontece uma procissão pública às margens do Rio Ogum, onde os devotos designados recolhem água sagrada e carregam em suas cabeças para reabastecer o axé

de Iemanjá. No final da tarde as imagens de Iemanjá são levadas nas cabeças dos iniciados por cada santuário, tendas de mercado e pelo palácio de Ibará, nesse caminho recolhem presentes, comidas, bebidas e dinheiro. A demonstração de que a Orixá está contente com os presentes se dá com a incorporação em seus devotos durante a procissão, ao anoitecer os devotos corporificados voltam ao santuário principal com os sacerdotes para com o auxílio dos mesmos saírem do transe.

Pierre Verger também descreve o ritual de Ibará:

> *(...) O principal templo de Iemanjá está localizado em Ibará, um bairro de Abeokutá. Os fiéis desta divindade vão todos os anos buscar a água sagrada para lavar os axés, não no rio Ògùn, mas numa fonte de um dos seus afluentes, o rio Lakaxa. Esta água é recolhida em jarras, transportada numa procissão seguida por pessoas que carregam esculturas de madeira (ère) e um conjunto de tambores. O cortejo na volta vai saudar as pessoas importantes do bairro, começando por Olúbàrà, o rei de Ibará.* (VERGER, 1981: 26)

As festas destinadas aos Orixás e abertas ao público deram visibilidade aos ritos, transporta-os do privado para o público e essa exposição foi, segundo Santos (2005), fundamental para a manutenção da memória cultural afro-brasileira.

Usarei nas minhas análises o termo sincretismo para fazer referência ao hibridismo entre os santos católicos e os orixás do panteão afro-brasileiro e às relações estabelecidas entre estes nas festas populares da cidade de Salvador. Segundo Ferreti (1999) a palavra sincretismo é considerada maldita e provoca mal-estar em muitos autores, como uma mistura confusa de elementos, ou imposição do evolucionismo e colonialismo. No entanto, Ferreti afirma que o sincretismo visto como fenômeno religioso não implica no desmerecimento de nenhuma religião, mas sim demonstra que a religião como elemento de dada cultura constitui uma síntese integradora de diversas origens. FERRETI (2008) apud STUART E SHAW (2005:7/8) expõe que o sincretismo não possui

significado fixo, seus sentidos são constituídos e reconstituídos historicamente, todas as religiões são sincréticas e continuamente reconstruídas.

Analisarei Iemanjá não apenas a partir do sincretismo católico, mas com o culto das sereias presentes entre os ameríndios e africanos. Também analisarei a sua recriação no Brasil e sua modificação em termos de poder em relação ao panteão africano e sua estética.

1.5.2 – Quem são os pescadores do Rio Vermelho?

Os pescadores do Rio Vermelho se inserem no subgrupo da pequena produção mercantil dos pescadores artesanais, estão localizados numa área urbana de Salvador e sujeitos a diversas intempéries e agressões ecológicas como a poluição. A pesca constitui para a maior parte deles, a principal forma de manutenção financeira da família, embora geralmente sejam obrigados a complementar suas rendas com outras atividades em períodos de escassez do pescado.

Os pescadores artesanais são assim definidos de acordo com o Ministério de Estado da Pesca e Aquicultura, tendo em vista o art. 87, da Constituição Federal, e de acordo com a Lei n.º 10.683, de 28 de maio de 2003, alterada pela Lei n.º 11.958, de 26 de junho de 2009, e com o Decreto de 26 de junho de 2009, bem como o disposto na Lei 11.959, de 29 de junho de 2009, e o que consta do Processo nº 00350.000231/2010-23, Art. 2º. Para efeitos desta Instrução Normativa, considera-se:

> *I - Pescador Profissional: pessoa física, brasileiro nato ou naturalizado, bem como o estrangeiro portador de autorização para o exercício profissional no País, desde que atendam os demais requisitos estabelecidos nesta Instrução Normativa, e que exerça a pesca como atividade principal e com fins comerciais, fazendo dessa atividade sua profissão e principal meio de vida, podendo atuar na pesca artesanal ou na pesca industrial, definido da seguinte forma:*

> *Pescador Profissional na Pesca Artesanal: aquele que exerce a atividade de pesca profissional de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, podendo atuar de forma desembarcada ou utilizar embarcação de pesca.*

Os pescadores artesanais se identificam como profissionais que dominam determinadas técnicas e saberes que os permitem subsistir e se reproduzir enquanto tal. Pertencer a essa categoria, não significa apenas sobreviver dos produtos da pesca, mas dominar os segredos do mar, se locomover nele, identificar o pescado, os hábitos migratórios, os pesqueiros etc.

> *O que caracteriza o pescador artesanal não é somente viver de pesca, mas é, sobretudo, a apropriação real dos meios de produção; o controle do como pescar e do que pescar, em suma, o controle da arte de pesca. O domínio da arte exige dele uma série de qualidades físicas e intelectuais que foram conseguidas pelo aprendizado na experiência, que lhes permite apropriar-se também dos segredos da profissão. É fundamental nessa caracterização a unidade entre a força de trabalho, e os instrumentos de trabalho. Esses são adaptados ao corpo humano, e sua utilização exige uma técnica especial que é o apanágio do artesão.* (DIEGUES, 1983:197-198).

Os pescadores do Rio Vermelho fazem parte da Colônia de Pesca Z-1, fundada 1560 pelos jesuítas, sendo a primeira organização dos pescadores na Bahia, de acordo com os depoimentos recolhidos para minha dissertação de mestrado em 2010, os primeiros registros oficiais de organização dos pescadores datam de 1860. A Colônia está localizada ao lado da Igreja de Santana no bairro do Rio Vermelho, local onde no passado funcionava a casa do peso[26]. Nesta Colônia estão cadastrados hoje em média 1.680 pescadores e sua área de atuação vai desde a Feira de São Joaquim até o bairro da Boca do Rio, tendo capatazias situadas nas localidades de: Feira de São Joaquim,

[26] O bairro do Rio Vermelho em Salvador, sempre teve tradição em desembarque e venda de pescado. Documentos dos séculos XVII e XVIII já fazem referência a uma casa de aferição das medidas das vendagens de pescado, denominada Casa do Peso. (COSTA, 2011: 26)

Rampa do Mercado Modelo, Gamboa, Barra, Ondina, Mariquita, Amaralina, Tubaqué, Pituba, Pinaúna, Jardim dos Namorados, Açude e Boca do Rio.

A comunidade de pescadores do Rio Vermelho é composta em sua maioria por trabalhadores negros, a maior parte possui outras profissões, mas tem a pesca como principal atividade de sustento familiar. Dos cerca de 1680 filiados à Colônia, apenas 50 mulheres são cadastradas, dessas 12 trabalham no Porto de Santana e apenas uma pesca mar de fora[27].

Os locais de pesca que estão alocados à Colônia Z-1, são chamados de capatazias, os membros da colônia de pesca também são chamados de capatazes, esse termo empregado desde o período imperial foi segundo Silva (1988), regulamentado pelo decreto n. 447, de 19 de maio de 1846 no qual o estado imperial autorizou o estabelecimento das Capitanias dos Portos nas províncias marítimas do Império. O decreto dividia os pescadores em distritos "cada distrito será composto dos indivíduos empregados na pesca interior e exterior, que residirem em bairro ou lugarejo da cidade, vila ou costa." (Silva, 1988:129). Para cada distrito era nomeado um capataz e quantos subcapatazes fossem necessários, cabendo ao Capitão do Porto escolher os ocupantes destes cargos, estes tinham como função matricular os pescadores e enviar a matricula ao Capitão do Porto para que fosse dado o visto em cada certidão.

Silva (1988) argumenta que a principal função da regulamentação dos pescadores realizada em 1846 era subordinar os mesmos à marinha de guerra, sobretudo os que navegavam em alto mar, a fim de que os mesmos se tornassem uma reserva militar, sem necessariamente abdicar da atividade pesqueira.

[27] Pesca de longa distância afastada das margens, esse tipo de pescaria, que em sua maioria não conta com equipamentos de localização e sonda, necessita do conhecimento da mestrança que é a autoridade no barco. O mestre é o mediador entre o mundo do mar e da terra.

Segundo Santos (2005), a Marinha de Guerra do Brasil percorreu toda a Costa brasileira em 1919, inclusive os trechos navegáveis dos principais rios, organizando e orientando os pescadores em associações, essa missão tinha como objetivo ocupar o litoral do país. As Colônias de pesca originaram-se dessas associações que constituem a forma predominante de associativismo na pesca artesanal brasileira.

Após a promulgação da Constituição de 1988, as Colônias de pescadores passaram a ser consideradas como organizações de ordem sindical. O fortalecimento dessas organizações gerou benefícios, na medida em que criou poder para negociar e firmar parcerias com agentes públicos e privados.

> *Com o fortalecimento da organização e do capital social dentro da categoria maiores benefícios podem ser obtidos em termos de políticas de crédito, atuando, de forma decisiva na negociação e adequação de condições operacionais, tais como prazos de carência, taxas de juros, períodos de amortização, etc. Podem, também, as organizações orientar e articular a oferta de cursos de capacitação técnica e gerencial adequado às suas necessidades, inclusive, visando a agregação de valor aos produtos oriundos do trabalho dos seus afiliados.* (SANTOS, 2005: 76).

Em 23 de janeiro de 2013 a Colônia de Pescadores do Rio Vermelho foi declarada de utilidade pública, através do Decreto Nº 12.670 da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia.

Os barcos de pesca estão distribuídos em duas praias do bairro do Rio Vermelho, a enseada do Largo da Mariquita, onde aportam apenas barcos de pequeno porte, devido à grande quantidade de pedras e a pouca profundidade. E o Porto de Santana, uma enseada cercada por uma muralha de pedras, onde aporta a maior parte das embarcações, o local segundo os pescadores não oferece segurança para as embarcações, todos os anos em épocas de

temporais e de maré alta, muitos barcos são destruídos no choque contra a muralha.

> *O Camurujipe e o Lucaia são os dois únicos rios que correm no Rio Vermelho, o rio Lucaia sai do Dique, vai pela Vasco da Gama e ao chegar pelas imediações do Parque Cruz Aguiar, deságua no Rio Camurujipe. O Camurujipe, por sua vez, nasce na Mata Escura e a mais de três décadas atrás, desaguava ele todo na Mariquita. Entre 1950 e 1951, o Rio Camurujipe foi desviado bem em frente ao Iguatemi. Naquele ponto foi recomposto um divisor de águas que havia rompido, segundo raciocino dos técnicos especializados, em épocas remotas. Recomposto esse divisor, as águas nunca mais embrejaram e o rio ganhou mais velocidade. As águas vão até ali, não mais caem no Largo da Mariquita, deságuam no Chega Nego. Grandes partes dos esgotos da cidade que antes contaminavam a praia do Rio Vermelho foram parar no Chega Nego. Apesar do desvio sofrido pelo rio, as águas do Camurujipe continuam correndo para a Mariquita, graças somente aos pequenos afluentes que alimentam esse rio no trecho Iguatemi- Mariquita.* (LOPES, 1984:63).

O Porto de Santana, onde fica localizada a casa dos pescadores, funciona não apenas como um local de trabalho, mas, sobretudo como espaço de lazer e troca de informações. Todos os dias vários pescadores, mesmo os aposentados se dirigem até o local, lá contam suas histórias, bebem, jogam dominó, conversam sobre os seus problemas, planejam as pescarias e procuram auxilio e informações na Colônia. Portanto, se caracteriza como um espaço de manutenção e renovação dos laços de identidade e solidariedade.

As principais festividades religiosas relacionadas aos pescadores do Rio Vermelho são: o dia de São Pedro, realizado em 29 de junho, data em que também se comemora o dia do pescador, e a Festa de Iemanjá, realizada no dia 02 de fevereiro.

O dia dos pescadores em 29 de junho inicia-se com uma missa realizada na Igreja de Santana, às 7:00 da manhã, após a missa os pescadores cruzam os remos na porta da igreja por onde passam as imagens de São Pedro (padroeiro dos pescadores) e nossa Senhora de Santana (padroeira do Rio

Vermelho), as imagens partem para uma pequena procissão marítima do Porto de Santana até a Pedra da Sereia, que fica no limite entre o bairro do Rio Vermelho e o bairro de Ondina, e novamente retornam à igreja. Após a procissão marítima os pescadores se dirigem à biblioteca Juracy Magalhães Junior, onde são recepcionados com um café da manhã, assistem palestras com temas voltados para a pesca e recebem homenagens. À noite os pescadores e os fiéis saem novamente em procissão com as imagens até a Praia da Paciência.

O sincretismo entre as religiões afro-brasileiras e católica se faz presente no cotidiano dos pescadores do Rio Vermelho e evidencia-se em suas práticas diárias de trabalho. Essas práticas religiosas reforçam o sentimento de pertença à profissão, os laços de amizade e solidariedade, dão visibilidade aos pescadores do Rio Vermelho e criam sobre o espaço marinho uma valorização positiva e um respeito sobre o os saberes ancestrais. É muito comum, por exemplo, o pescador fazer o gesto da cruz ao entrar na embarcação, (gesto católico que simboliza o pedido de bençãos ao pai, ao filho e ao espírito santo) e ao se afastar das margens oferecer cigarro ou bebida para Marujo, a fim de que o mesmo sirva de mensageiro entre o pescador e Iemanjá, e esta lhes conceda a dádiva de pescar os seus filhos peixes.

Entre os entrevistados apenas um foi enfático em não crer na existência do mundo espiritual e na relação entre este e a pratica da pesca. Os pescadores mais antigos sempre levam oferendas para Iemanjá quando vão para o mar, esse mesmo costume herdado dos antepassados nem sempre são seguidos pelos mais novos e abolido pelos convertidos às religiões protestantes. O afastamento das crenças e tradições foi relatado por um interlocutor em minha dissertação (COSTA, 2011).

> Nós sempre levamos fé e confiamos, e sempre conservamos as coisas como achamos, já tem muitos

> que não respeitam desfaz, mas nós profissionais mesmo, respeitamos, respeitamos o vento, trabalhamos certo, quando a gente desconfia, vem embora, não fica insistindo, desconfiou vem embora, por que pode melhorar ou piorar. Tem um tempo, desconfiou que vai ter um tempo, vem embora, por que se melhorar ou não estamos salvo. Tem gente que não respeita insisti e leva a pior. O pescador mesmo tem que conhecer tudo, antes de acontecer, e quando acontecer, isso é passado pelos mestres. Principalmente problema de vento, o cara tem que conhecer, quando o vento bate três vezes, todas três vezes o barco recuou, pode vir embora que pode dar qualquer problema. Por que quando ele vem, já vem com uma pressão que ninguém pode suportar. Ai o cara tem que conhecer. Mas os mais novos não querem levar nada disso à sério. (COSTA, 2011:66).

Os que permanecem ligados aos cultos afro-brasileiros relacionam sempre o sucesso da pescaria ao Orixá e quando realizam pescas fartas compram um balaio, colocam oferendas para o Orixá e levam para o mar ou depositam na Gruta de Iemanjá, localizada na Pedra da Sereia, imediações do Bairro do Rio Vermelho, Seu Vavá relata que: “Os mais velhos ensinam que deve sempre zelar as águas e confiar, que ai sempre teve uma dona, o mar não é de qualquer um, tem dona” (COSTA, 2011:66). Esse ritual está acontecendo cada vez com menos frequência entre os pescadores, pois os mais velhos estão morrendo ou se aposentando e os que estão ingressando na pesca mostram resistência em relação às tradições religiosas.

1.5.3 - Metodologia

A base para a construção desse documento foi a minha dissertação de mestrado realizada de março de 2009 a agosto de 2011, intitulada:

"Pescadores do Rio Vermelho: Ritos, Tradições e Ancestralidade da Pesca Artesanal"[28]. Nesse trabalho foi utilizado o método etnográfico, com observações sistemáticas direta dos hábitos dos pescadores que frequentavam o Porto de Santana, além de observações realizadas na festa do dia 02 de fevereiro de 2009, 2010 e 2011. A principal técnica utilizada foi a entrevista dirigida por roteiro, priorizando os pescadores mais antigos, já que o objetivo da dissertação eram os estudos dos ritos, das tradições e da ancestralidade presentes na vida dos pescadores. Além da etnografia utilizei a fotografia para registrar iconograficamente os dados da investigação e de obter um registro detalhado do campo de estudo e dos pescadores, além das fotos feitas por mim, fiz pesquisas em jornais, sites e na Biblioteca Juracy Magalhães Júnior que fica localizada próxima à Colônia Z-01. As fotografias e as reportagens de jornais e sites de pesquisa permitem diferentes leituras, o que as tornam subjetivas, por isso procurei alicerçá-las com o suporte teórico, situando-as em seu contexto histórico, além de submetê-las às minhas observações de campo e aos depoimentos dos pescadores.

Ao iniciar a construção deste documento em 2019, retornei aos meus dados de pesquisa e iniciei um rastreamento dos trabalhos que tinham sido desenvolvidos nos últimos anos sobre a Festa de Iemanjá e os pescadores do Rio Vermelho. Ao contrário da escassez de dados que encontrei no ano em iniciei minha dissertação (2009), alguns estudos acadêmicos realizados no local foram disponibilizados em Bibliotecas e repositórios virtuais. Além disso, houve a digitalização e disponibilização virtual de trabalhos realizados em universidades fora do Estado da Bahia, entre estes destaco a tese de doutorado de Eufrazia C. M. Santos realizado pela Universidade de São Paulo (USP) em 2005.

[28] https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24082

Para atender os requisitos para o Registro Especial do Patrimônio Imaterial da Festa de Iemanjá, estabelecidos no DECRETO Nº 27.179 de 29 de abril de 2016, este laudo contemplará os seguintes conteúdos: a) Descrição da Festa de Iemanjá em toda a sua complexidade, analisando o seu contexto em relação ao bairro do Rio Vermelho, à cidade, ao país, aos pescadores do Rio Vermelho, aos fiéis e demais participantes do evento; também analisarei a especificidade da Festa de Iemanjá em relação aos demais eventos festivos do Estado. b) Relato sobre o início da festa, os registros históricos pertinentes, identificação dos eventos e circunstâncias que iniciaram o presente dos pescadores no 2 de fevereiro, a participação do candomblé e da Igreja Católica no evento, fundamentos religiosos presentes na festa, alterações que a festa sofreu ao longo da sua existência. c) Levantamento bibliográfico e documental. d) Etnografia da festa a partir da observação sistemática direta das festas de Iemanjá e do cotidiano dos pescadores do Rio Vermelho, resgate das memórias da comunidade de pescadores, registros fotográficos e entrevistas semi-estruturadas. e) Proposta para ser analisada no Plano de salvaguarda f) Parecer conclusivo sobre o processo de registro Especial do Patrimônio Imaterial.

Dos primeiros contatos com os Pescadores do Rio Vermelho em 2009 até o ano de 2019 atualizei e aprofundei meus dados acadêmicos sobre populações pesqueiras e ribeirinhas, realizando de 2012 a 2017 uma tese de doutorado sobre os Pescadores e Marisqueiras da Baía de Iguape, neste intervalo também me iniciei no universo sagrado do candomblé, recebendo o cargo de Iyádagan (Mãe da cozinha de santo) da nação Jeje Savalu. A partir dos conhecimentos adquiridos tanto na academia, quanto no terreiro Ilê Axé Obá Kosó Loké Omi pude ampliar meu olhar sobre o campo e sobre as particularidades ritualísticas da festa de Iemanjá.

Por se tratar de uma festa composta por duas Comunidades tradicionais (Pescadores e Povos e comunidades de Terreiro de matriz africana),

protegidos pelo Decreto nº 6.040/2007, que estabelece a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais, é fundamental que esse laudo expresse a visão de mundo destes grupos e seus conhecimentos específicos, construídos na vivência com o ambiente, com a memória social e com seus próprios registros.

1.5.4 – O bairro do Rio Vermelho e seus pescadores

Desde o início do século XV, há registros da existência de Aldeamentos Tupinambás nas imediações do Rio Camurujipe e Rio Lucaia. A conquista do litoral brasileiro pelos portugueses se deu através da expulsão dos aldeamentos indígenas que viviam da caça, da pesca e da coleta, para a introdução de culturas agrícolas, engenhos de açúcar, formação de pequenas Vilas e armações pesqueiras e baleeiras. Toda a apropriação da terra foi realizada de maneira a avalizar o aproveitamento máximo dos recursos naturais existentes em prol do colonizador.

Segundo diversos relatos em 1509 ou 1510, naufragou na Costa do Rio Vermelho o francês Diogo Álvares Correa, que ficou conhecido na história do Brasil como Caramuru. “Durante o governo de Pereira Coutinho, sob o sistema de sesmaria, foram concedidas ao Senhor Diogo Álvares as terras que atualmente compreendem o bairro do Rio Vermelho, estendendo-se até a Graça e a Vitória.” (Tavares apud Ivo, 1975:29).

> *Verifica-se, então desde o povoamento e a conquista das terras na Bahia durante todo o período colonial, o desenvolvimento de três processos básicos que condicionaram a estrutura da atividade pesqueira nesta área, caracterizando-a como economia secundária e dependente: um processo de aculturação e difusão de técnicas de navegação entre colonizadores e nativos, e posteriormente negros africanos; a integração da atividade pesqueira numa economia de mercado; e, finalmente as transformações ocorridas nas relações de*

> *produção, vinculadas à atividade da pesca.* (COSTA, 2011:24 apud IVO, 1975:29).

Segundo Ivo (1975), quando o governador geral Tomé de Souza chegou à Bahia, já funcionava na colônia o sistema de capitanias hereditárias, concedendo 50 a 60 léguas de terras do litoral a donatários que, dentro desta área, administravam as terras, com privilégios e poderes concedidos diretamente pelo rei de Portugal através das cartas de doação.

> *Dentre muitos privilégios e poderes concedidos aos donatários, então encontra-se o "privilégio de conceder sesmarias" como uma forma de expandir a ocupação do solo, fazendo produzir a terra, e a doação da "metade da dízima do pescado", que, parece veio alterar substancialmente as relações de produção até então existentes na atividade de pesca da Colônia, colocando os pescadores numa subordinação político- econômica aos grandes sesmeiros e donatários existentes.* (COSTA, 2011:24 apud IVO, 1975:29).

Segundo Lopes (1984), com a chegada do primeiro governador geral Tomé de Souza em 1549, as terras do bairro do Rio foram doadas pelo regime de Sesmaria ao seu primo D. Antônio de Ataíde, o conde de Castanheira. Fazia parte da paisagem na época, currais, armações pesqueiras e uma missão de jesuítas.

De acordo com Castellucci (2005), em 1614 a administração do Brasil colônia, vivendo sob o regime de monopólio, expandiu a atividade pesqueira por todo o seu litoral, fundando entre outras armações pesqueiras a do Rio Vermelho destinada a pesca da baleia.

O povoamento da área do Rio Vermelho cresceu em 1624, quando os holandeses invadiram a cidade de Salvador, muitos moradores foram buscar abrigo no distante lugarejo do Rio Vermelho, onde foi organizada uma resistência à invasão. Aproveitando-se da desordem da cidade muitos escravos

fugiram e alguns formaram em 1629, o quilombo do Rio Vermelho, destruído três anos depois.

Segundo LOPES (1984), no século XVIII, a maior parte das terras em volta do Rio Camurujipe foi para as mãos do Marques de Niza, incluindo a fazenda da Paciência. Quando o marques de Niza vendeu todos os seus bens no Brasil, as terras do Rio Vermelho foram vendidas para Tomaz da Silva Paranhos, porém Manoel Inácio da Cunha, que na época recebeu do Império o título de Barão do Rio Vermelho, já tinha se tornado foreiro da maioria das terras do local, e lá vivia em sua fazenda explorando os contratos de caça da baleia e o monopólio da comercialização do óleo.

O Porto do Rio Vermelho, foi historicamente um dos mais importantes da cidade durante o período Colonial e pós-colonial, ali desembarcavam não só a produção dos pescadores da área, mas também de diversas comunidades de pescadores da Bahia.

Imagem 15: Casa do peso e vestígios do Forte do Rio vermelho 1960
Fonte: Arquivo da Biblioteca Juracy Magalhães Junior

O bairro do Rio Vermelho em Salvador, sempre teve tradição em desembarque e venda de pescado. Documentos dos séculos XVII e XVIII já fazem referência a uma casa de aferição das medidas das vendagens de pescado, denominada Casa do Peso instalada na praia da Mariquita. O porto da praia da Mariquita, onde a Casa do Peso estava localizada, funcionava como principal porto da costa norte do Estado.

> *O Porto da Mariquita, ali onde está hoje o terminal de esgoto da cidade funcionou como Porto de toda Costa Norte do Estado da Bahia. Era freqüentíssimo encontrar ali saveiros, que vinham de Mangue Seco, Subaúma, Itacimirim, Itapuã. A produção de todo Litoral Norte do estado se escoava em Salvador, através do Porto da Mariquita. (...) O peso é uma instituição colonial, em documentos do século XVII e XVIII já há referência ao peso da Pituba e do Rio Vermelho. O peso do Rio Vermelho existiu como casa de aferição das medidas da vendagem do peixe, até que perdeu esta finalidade. Mas também tinha a função de ser uma casa comum de pescadores. O peso estava exercendo esta função de centro de concentração de pescadores até a década de cinqüenta, quando iniciou o processo de turistização da Bahia.* (LOPES, 1984:64).

Em 1817, O Rio Vermelho é descrito por um viajante francês como um lugar de pesca e de fazendas foreiras. “E um povoado de pescadores de umas cem cabanas, na foz de um pequeno rio que se lança no mar, a uma légua a leste do Cabo de Santo Antônio.” (Lopes, 1984:14).

Em meados do século XIX, houve muita disputa entre foreiros e herdeiros pelas terras do Rio Vermelho, sendo que ao morrer Tomas da Silva Paranhos possuía apenas parte reduzida do que havia comprado. Nesta época os principais núcleos de habitação eram os da Paciência, Mariquita e Santana, onde fica a igreja da Velha Matriz (Hoje conhecido como Largo da Dinha).

Segundo Lopes (1984), Até o século XIX chegava-se ao Rio Vermelho por Brotas, podendo também chegar a cavalo pela via que dava acesso a São Gonçalo, em 1822 o Conde dos Arcos, abriu a estrada conhecida como Rio Vermelho de Cima, a Dois de Julho ou Rio Vermelho de baixo foi aberta em 1859, pelo caminho do Dique do Tororó, onde hoje fica a Avenida Vasco da

Gama. Em 1871 começou a funcionar o serviço regular de bonde, entre o Rio Vermelho e o Centro da cidade. Com esse incremento das vias de comunicação foi quebrando-se o isolamento da vila de pescadores do Rio Vermelho, passando a se instalar no local, pensões, chácaras, hipódromo, etc. Nesta época o Rio Vermelho transformou-se numa estância balneária para as famílias economicamente mais abastadas da cidade, já que espalhou pela cidade a fama das propriedades curativas da água salgada e muitos veranistas fixaram residência no local, em função disso, houve uma valorização imobiliária e as casas de pescadores foram afastadas para lugares menos privilegiados.

Imagem 16: Linha circular de bondes no Rio Vermelho de baixo circulando na praça Colombo. Largo da Mariquita, 1943.
Fonte: http://proriovermelho.blogspot.com

No século XX, o bairro foi se modernizando com a chegada do calçamento e a circulação dos primeiros automóveis, mesmo com o grande avanço das construções no local, os pescadores resistiram e na antiga casa do peso, localizada na Praia de Santana, construíram a sede da Colônia de Pesca Z-01. Nas primeiras décadas do século XX, ocorreram as maiores transformações urbanísticas da área, um dos principais fatores que

influenciaram essas mudanças foi à construção da abertura da via Barra/ Rio Vermelho, que passou a ser chamada posteriormente de Avenida Oceânica.

Porto Filho (1991) relata que em 1972 foi construído um emissário submarino no local para despejar os esgotos da cidade de Salvador, a enseada foi aterrada, afastando e o núcleo de pescadores que aportavam no local. Além do emissário houve na época uma reurbanização do Largo da Mariquita e uma segunda ponte foi construída sobre o Rio Lucaia.

> *O emissário submarino do Rio Vermelho foi construído em 1972 visando atender a expansão do sistema de esgotamento sanitário do município de Salvador. Composto por uma tubulação com 1,75m de diâmetro com 1.019m de extensão terrestre e 2.350m de extensão submarina, o emissário tem sua porção final localizada a cerca de 30m de profundidade. Os últimos 350m de sua tubulação é formado por um sistema de "difusores", cuja principal função é distribuir a saída dos dejetos, diluindo a pluma de sedimentos e evitando que a mesma chegue a superfície. Atualmente do total de 70 difusores, apenas 15 estão em funcionamento*. (NUNES, 2002: 30).

Em uma das minhas observações de campo em 2010 os pescadores recordaram as décadas anteriores e como muita coisa tinha se modificado. Lembraram que no passado os barcos aportavam no Largo da Mariquita, não existia o emissário submarino, então a entrada do rio Lucaia era larga e a profundidade maior, isso impedia que os barcos se perdessem em função das cheias da maré, sendo jogados contra a mureta de pedras, o que era comum naquela época. Devido a diminuição na profundidade o largo da Mariquita perdeu a capacidade para o aporte de barcos grandes. Esse emissário submarino transformou a área num grande esgoto, várias espécies marinhas desapareceram, inclusive os mariscos e o camarão e isso fez com que as marisqueiras desaparecessem do local.

A igreja matriz de Santana foi construída na segunda metade do século XIX, a paróquia foi construída no Largo de Santana, que hoje é popularmente conhecido como Largo da Dinha. Durante muitos anos foi festejada no Bairro a festa de Santana, o início e a data da festa surgiram de uma história de

pescador. Segundo essa história, pescadores e operários estavam jogando cartas quando uma senhora chegou ao local e os avisou que deveriam partir, pois o governo estava chegando para convocá-los e enviá-los para a guerra de Canudos, todos acataram a sugestão, pegaram suas jangadas e se lançaram ao mar, quando as tropas chegaram eles já haviam partido. De acordo com essa história, após esse episódio ocorrido em 1896, os pescadores e moradores do local acreditaram que essa senhora que os alertou era Nossa Senhora de Santana e resolveram reverenciá-la na data do acontecido, o último domingo antes do carnaval.

Na década de 60 do século XX, devido ao tamanho modesto, a Igreja Matriz de Santana não conseguia abrigar todos os fiéis, então, foi construída uma nova Igreja na região do antigo Forte do Rio Vermelho que havia sido demolido. A imagem da Senhora Santana foi então transferida a nova Igreja construída ao lado da Casa do Peso, ponto de encontro dos seus fiéis e dos pescadores.

Porto filho (2012) descreve os acontecimentos que marcaram a transferência da Igreja Matriz de Santana, de acordo com seus escritos a pequena capela que contava com apenas 18 bancos e capacidade para 72 pessoas sentadas, já não acolhia os dez mil moradores do bairro, número que aumentava rapidamente na década de 60. No dia 26 de julho de 1967 a nova igreja foi inaugurada e a antiga, agora considerada inútil aos olhos do pároco, deveria ser demolida, tendo como uma das justificativas a melhoria do tráfego na região. De acordo com o autor, o engenheiro da nova igreja e os moradores católicos queriam a demolição da Paróquia, pois acreditavam que o lugar tinha se transformado num ponto de encontro de malandros que perturbavam o sono das famílias locais.

Para impedir a demolição se reuniram vários artistas, jornalistas, escritores, professores etc. Em destaque, entre esses, estavam Jorge Amado, Carybé, além de influentes políticos. Com esse movimento em defesa da

Antiga Igreja o então Prefeito Antônio Carlos Magalhães (ACM) ordenou o cancelamento do Alvará de demolição.

O padre Antônio Vieira da Igreja de Santana, visando que o local se transformaria em um Centro de Cultural e seria entregue aos boêmios do bairro e artistas envolvidos com religiões de matrizes africanas, entregou a antiga igrejinha para uso do Centro Social Monsenhor Amílcar Marques, entidade fundada por senhoras católicas do bairro. (PORTO FILHO, 2012)

Imagem 17: Ilustração da Antiga Igreja de Santana, ao lado o Bonde do Rio vermelho Publicada no do livro “As Sete Portas da Bahia”. Caribé, 1962

Porto Filho (1991) relata uma entrevista dada ao Jornal Tribuna da Bahia pelo pescador Eustáquio Bernardo de Sena, de 83 anos, onde fala sobre a construção da casa dos pescadores ao lado da casa do peso.

> *Ao lado da antiga igreja de Santana, havia uma casinha chamada de peso. Era ali que os pescadores se reuniam para vender o peixe, e pagavam por cada mil réis, um dízimo de sessenta reis para a igreja, que segundo o mesmo se sustentava disso. Ele conta que os pescadores só foram saber que não precisavam pagar nada a igreja, quando o Comandante Pina que estava organizando a Colônia de pescadores, disse que a igreja tinha que ser sustentada pelas famílias e não pelos pescadores, depois disso o Comandante Pina concedeu uma licença para que eles construíssem uma casinha no terreno da marinha, onde ficava a casa do peso, após desavenças com a igreja, os pescadores começaram a construção da Colônia , cada pescador catava as pedras e trazia a areia, e com o dinheiro que antes era dado a igreja foi construída a casa dos pescadores.* (JORNAL TRIBUNA DA BAHIA apud PORTO FILHO, 1991:57).

A Casa de Iemanjá e a sede da Colônia Z-01 foram construídas no local da antiga casa do peso em 1969, a história da construção da casa dos pescadores, sem os detalhes do comandante e das desavenças com a igreja, também foi relatada para mim em 2011 pelo pescador mais antigo da Colônia Z-01, Sr. Portela, de 88 anos, falecido em 2018, ele enfatizou que foi com os braços deles, que a casa dos pescadores foi erguida.

Na frente da casa dos pescadores fica uma Escultura de Iemanjá em gesso, de autoria do escultor Manuel Bonfim, colocada no local em 1971. Trata-se de uma escultura de uma sereia feita de gesso, assentada sobre pedestal de concreto revestido com apliques variados, conchas e pedras portuguesas. A obra é de propriedade da Colônia de Pesca Z-01. Ao perguntar aos pescadores qual era a imagem de Iemanjá para eles, a maior parte apontou a escultura como referência.

A pesquisa de Ramos (2017) mostra a fotografia do escultor Manuel Bonfim levando ao mar no dia 02 de fevereiro de 1971 a antiga imagem que ficava em frente à Casa de Iemanjá. Segundo os dados obtidos por ela nessa reportagem a imagem foi levada para o cumprimento de um rito obrigatório em

substituição da escultura antiga, (provavelmente indicado pela Iyalorixá responsável pelo presente de Iemanjá- Grifo meu), a reportagem ainda indica que os pescadores receberam várias propostas para vendê-la, mas preferiram ofertá-la ao mar. O artista Manuel Bonfim acompanhou o cortejo.

> *(...) Junto com o principal presente foi levada nos braços dos pescadores uma escultura de Iemanjá – aquela que permaneceu por muito tempo exposta em frente à praia. Os pescadores disseram que receberam muitas propostas para que a imagem fosse vendida, mas eles recusaram. A escultura foi colocada num barco e depositada em alto-mar. Em seu lugar foi colocada outra imagem, um pouco maior, completamente nova. As duas esculturas são do artista Manuel Bonfim.* (RAMOS, 2017 apud JORNAL A TARDE, edição de 5/2/1971, p.2).

Imagem 18: Manuel Bonfim levando a imagem antiga da frente
da Casa de Iemanjá para ofertar as águas.
Fonte: Ramos (2017) apud A Tarde, 03/02/1971

Na imagem acima o artista Manuel Bonfim em primeiro plano, ao fundo a imagem de Iemanjá, com grandes olhos que foram ofertados à Iemanjá, nas fontes encontradas por RAMOS (ibidem) não constam os nomes dos outros tripulantes.

Imagem 19: A nova imagem de Iemanjá, 1978
Fonte: RAMOS, 2017 apud jornal A Tarde, 02/02/1978
.

A casa de Iemanjá é o principal elo entre os pescadores e a religiosidade afro-brasileira, mesmo aqueles que não são adeptos do candomblé ou da Umbanda zelam pelo espaço e freqüentemente acendem velas pedindo proteção ao Orixá.

Desde meados do século XX os pescadores da Colônia Z-01 residem cada vez mais afastados dos portos do Rio vermelho, alguns moram em bairros periféricos ao Rio Vermelho, mas há outros que moram bem distantes e poucas famílias mantém contato próximo com a Colônia de pesca.

1.5.5 – A Festa de Iemanjá

A festa de Iemanjá realizada no dia 02 de fevereiro no Bairro do Rio Vermelho é a terceira mais importante entre as festas populares da cidade de Salvador, tanto em popularidade quanto em número de participantes. Ela é organizada pela Colônia de pescadores Z-1, que está localizada na Casa de Iemanjá, antiga casa do peso, ao lado da Igreja de Santana. Graças aos esforços dos pescadores e ao apoio de órgãos e entidades governamentais e privados, todos os anos a Colônia de pescadores Z-01 se organiza para fazer a oferenda para o Orixá africano. Várias versões sobre o início da festa são relatadas pelos pescadores e por estudiosos, algumas estão registradas em documentos históricos como livros e jornais.

Imagem 20: Casa dos pescadores do Rio Vermelho com uma grande fila de fiéis esperando para depositar oferendas na casa de Iemanjá na manhã do dia 02 de fevereiro de 2011. (Costa, 2011:68)

A gruta da sereia era o local no bairro do Rio vermelho onde os adeptos do candomblé depositavam seus presentes para Iemanjá ou para a Mãe D'Água, anteriormente ao presente dos pescadores. Segundo Porto Filho[29] essa gruta foi destruída na década de 20 do século XX por uma empresa que retirava pedras para a construção civil. Ainda hoje o local é considerado sagrado por fiéis e pescadores.

> *Entre a praia do Canzuá e da Paciência, por cima das pedras, havia uma gruta muito grande que os antigos diziam que era a casa da Sereia ou Mãe D'água, porém ela não morava mais ali e a gruta estava abandonada. A gruta era muito grande e parecia uma casa, cabia um homem em pé. Era uma espécie de salão onde cabiam muitas pessoas, havia lugares que diziam que eram prateleira, pilão e outras coisas. O mais importante é que no meio do salão havia uma poça em forma de banheira, que conservava sempre água doce, que minava das próprias pedras. Muita gente quando estava com sede, ia beber água ali, pois a água era muito boa. Diziam que a mãe D'água*

[29] http://www.ubaldomarquesportofilho.com.br/paginas.aspx?id=253&tipo=2

> *depois que tomava banho doce, ia para aquela pedra em frente da gruta perto do mar, que se chamava Pedra da Mãe D'água, ou Pedra da Sereia, como chamam até hoje, sentava-se e ficava penteando os cabelos, naquela pedra juntava muita gente para pescar porque dava muito peixe.* (LOPES, 1984:13).

A partir dos dados recolhidos por mim em jornais, livros, sites, arquivos e pesquisas acadêmicas, e também em depoimentos dos pescadores do Bairro do Rio Vermelho nos anos de 2009, 2010, 2011 e 2019; a década de 1920 do século XX vai marcar o início da Festa de Iemanjá dos Pescadores do Rio Vermelho. Inicialmente a iniciativa do presente não se propunha a ser um evento de grandes dimensões, ficando restrito aos pescadores e posteriormente suas famílias. No entanto, em pouco tempo a festa passou a ser uma parte importante dos festejos do bairro, em alguns anos integrando o calendário dos festejos para Nossa Senhora de Santana.

Uma das versões mais repetidas em reportagens e depoimentos, para o início do presente do dia 02 de fevereiro, é que o mesmo veio da ideia de um pescador na década de 20, é difícil precisar o ano, de acordo com os dados que obtive, alguns datam de 1924 e outros 1926. Segundo Lopes (idem), os brancos foram tomando conta dos festejos e principalmente da festa dedicada à Nossa Senhora de Santana. O que fez com que os pescadores iniciassem uma alternativa para seus festejos:

> *Um pescador de nome Alípio teve a ideia de fazer uma festa para eles já que não podiam tomar parte da festa dos brancos, e também tinha a preocupação de manter os festejos dos pescadores, para que não acontecesse como outras festas de pescadores da cidade que estavam acabando, foi proposto por Alípio um presente à Mãe D'água no dia 02 de fevereiro, que era o dia de Nossa Senhora das Candeias.* (LOPES, 1984:13).

Os primeiros responsáveis pelo presente na versão de Lopes (idem) foram três pescadores: Alípio Capenga (que tinha esse nome por um defeito na perna), Saturnino (apelidado de Satu), e Florentino (apelidado de Fulô).

Também tomaram parte no presente Olavo e Clemente Tanajura, esses últimos eram peixeiros, ou seja, negociavam peixe. Os cinco auxiliados por outros pescadores conseguiram uma caixinha de papelão, cada um colocou seu presente, enfeitaram com flores e fitas, fizeram seus pedidos, colocaram a oferenda numa embarcação. No caminho até o local onde depositaram o presente, foram seguidos por outras embarcações do Rio Vermelho, que levavam familiares e amigos. Quando chegaram num local apropriado colocaram os presentes no mar sempre entoando cânticos para Iemanjá.

Segundo Lopes (ibidem), por serem muito ligados ao catolicismo, os pescadores resolveram celebrar a festa da Mãe D'Água no dia 02 de fevereiro, data importante para a igreja católica em louvor a Nossa Senhora de Candeias. Pela manhã eles celebravam uma missa para a Padroeira dos pescadores e do bairro do Rio Vermelho que é Nossa Senhora Santana. Assim agradavam à Santa católica e a tarde levavam o presente de Iemanjá que é a rainha dos mares e protetora dos que vivem em cima d'água. Nos anos seguintes, seguia-se essa celebração, missa pela manhã e presente de Iemanjá pela tarde, até que na década de trinta o padre da igreja de Santana, não quis realizar a missa, mas, voltou atrás diante de muitos pedidos. No entanto, durante a celebração da missa, com a com a igreja cheia de fiéis, pescadores e suas famílias, o padre fez uma homilia enfatizando a ignorância deles por acreditarem em uma mulher com rabo de peixe. Revoltados e ofendidos, os pescadores saíram da igreja e decidiram não mais celebrar a missa, colocar apenas o presente à tarde para Iemanjá.

Lopes (ibidem), também relata outro importante fato que marcou a história do presente de Iemanjá. Os pescadores estavam encontrando algumas dificuldades e imprevistos na ocasião do presente, então um deles que era adepto do candomblé, disse que o presente não estava em ordem, e que essa era uma obrigação feita na África, e que Iemanjá ficaria satisfeita se fossem seguidos os preceitos do candomblé e apesar deles se considerarem católicos,

deveriam respeitar a crença dos africanos. O conselho foi seguido e como no Rio Vermelho não tinha casa de candomblé, foram procurar outros bairros. O candomblé escolhido, então, foi o de Julia Bugan, que ficava na Língua de Vaca, perto do Gantois. A mãe de santo então explicou como fazer a oferenda, a mesma foi iniciada na noite do dia 01 de fevereiro e levada na cabeça durante a madrugada por um homem, que a deixou na casinha dos pescadores.

Aos 83 anos, o pescador Eustáquio Bernardino de Sena, um dos fundadores da festa, deu um importante depoimento ao jornal Tribuna da Bahia, em 1970.

> *A festa foi feita pela primeira vez em 1924, por 29 pescadores, dos quais apenas quatro ainda estão vivos: Eu, Pedro Moita, José Moita e Sibien Moita". Em 1924, o dia 2 de fevereiro caiu num sábado. A festa foi aberta com uma missa na Igreja de Senhora Santana, a santa da devoção dos pescadores do Rio Vermelho. Na época a pescaria estava muito fraca, e alguns compradores começaram a perguntar a eles por que não davam presentes a Mãe D'Água, os pescadores Basílio Cocal, Olavo, Ananias e Clemente Tanajura que acreditavam em bruxaria, resolveram se juntar a eles na oferenda. Eustáquio contou também que, logo após a missa, um grupo partiu da praia de Santana com um saveiro para levar o presente da Mãe d'Água: Saímos às dez horas e as onze estávamos de volta.* (TRIBUNA DA BAHIA ON LINE, acesso em 01/02/2010)[30].

Procurei saber dos pescadores sobre a história do início da festa, alguns nomes apareceram em várias entrevistas, mas sempre mudavam alguns detalhes ou até mesmo toda a história. Inicialmente muitos entrevistados, não quiseram falar muito sobre a festa, e se tornavam arredios quando a pergunta se tratava de Iemanjá. Aos poucos, conversando sobre outras histórias, eles

[30] http://www.tribunadabahia.com.br/news.php?idAtual=38203, Publicada:01/02/2010 01:34| Atualizada: 01/02/2010 01:29

foram se abrindo e falando da crença no Orixá, que muitos denominaram a "moça", a "véia", a "dona".

Imagem 21: Festa de Iemanjá no dia 2 de fevereiro de 1930. No alto a partir da a pequenina casa do peso. Fonte: http://www.acirv.org

Em 2010 realizei uma entrevista com seu Portela, 88 anos, falecido em 2018, na época o mais velho pescador filiado à Colônia Z-1, para a minha dissertação de mestrado. No início ele não se mostrou muito receptivo à entrevista, mas ao me aproximar foi solícito e apesar de deixar claro que não falaria me apresentou aos outros pescadores.

Segundo seu Portela, em seu breve relato sobre o início da festa, cinco pescadores levaram o presente numa caixinha de charuto, depois disso começou a dar peixes no Rio Vermelho, no ano seguinte, segundo o mesmo, começou a aparecer mais gente. O barco chamado Rio Vermelho, pertencente a seu Portela, há 32 anos leva o presente de Iemanjá. A devoção e a crença de seu Portela em Iemanjá ficam evidentes em seu depoimento, o mesmo afirmou que tudo que ele fazia dava certo e que naquele ano tinha gasto R$ 2.500,00 na pintura do barco para a festa e depois conseguiu o dinheiro de volta, pois, depois que ele coloca o presente fica com sorte.

Outro interlocutor forneceu uma versão mais detalhadas, segundo ele quem iniciou a festa foi um senhor chamado Ioiô, ele começou com um

pequeno balaio e uma jangada, alguns colegas ajudaram colocando espelho e pente e daí o presente foi crescendo. Segundo ele, esse senhor morreu no mar, as águas levaram o corpo e esse não foi achado, só acharam a jangada. Segundo ele Iemanjá levou esse senhor, não só ele, mas o pescador Amorzinho que também ajudou a fazer o presente, os dois caíram dentro d'água e só foram achadas as jangadas. Amorzinho eles ainda viram cair, foram no mar, mas não acharam o corpo, voltaram para a terra chamaram a polícia, depois avisaram aos filhos que foram buscar a jangada. "Se não achou o corpo Iemanjá levou, alguma coisa acontece, se a pessoa morre e o corpo não aparece em lugar nenhum, algum sumiço deu por lá". (COSTA, 2011:66)

Ramos (2017), em seu estudo antropológico a partir do acervo documental do jornal A Tarde, escreveu que a primeira referência que encontrou nos acervos do referido jornal sobre a Festa de Iemanjá data de 6 de fevereiro de 1930, segundo a reportagem o presente foi levado num cortejo de barcos no domingo dia 02/02/1930 para "Mont´Serrat". O texto que acompanha a referida reportagem, acompanhado de um o desenho no estilo charge, descreve os presentes e o grande número de rosas que o acompanham, principalmente brancas, mas dá ênfase principal ao barulho da festa, que qualifica como "primitiva", e as brigas decorrentes do que chama a "cachaça dos devotos de Bacco". Provavelmente a citação do bairro de Monte Serrat como o destino do presente se deva a falta de cuidado com que o mesmo descreve a festa, e por ser um local onde tradicionalmente os adeptos do candomblé realizavam rituais para o Orixá Iemanjá.

De acordo com os dados obtidos em reportagens de jornal e em entrevistas com os pescadores do Rio vermelho, incluindo os mais velhos da Colônia Z-01, não há nenhuma referência que comprove a entrega do presente de Iemanjá do dia 2 de fevereiro inicialmente em Monte Serrat. Em conversa com seu Branquinho, pescador da Colônia Z-01 há mais de 50 anos, realizada em 28 de novembro de 2019, perguntei sobre a possibilidade do presente ter

sido depositado nos seus primeiros anos nas águas de Monte Serrat, segundo o mesmo essa versão não é correta e durante os anos em que pesca no local, sempre ouviu que o presente era colocado nas áreas que integram a colônia do Rio vermelho, o mesmo foi confirmado por diversos pescadores em reunião realizada na sede da Colônia Z-01 nesta mesma data.

Imagem 22: Fotografia do jornal A Tarde "Dona Janaína, princesa do mar", 1930.
Fonte: Ramos (2017: 165) apud Jornal A Tarde, 06/02/1930, Capa.

Ainda de acordo com RAMOS (2017) em 1935 o jornal "A tarde" voltou a noticiar sobre o presente de Iemanjá na capa do jornal e pela primeira vez fez um registro fotográfico da festa. Nesta reportagem a Orixá surge com o nome de "Janaína" no subtítulo está escrito "Como a superstição das 'Yaras' se casa ao rito fetichista", no corpo da reportagem ainda podemos ler "A superstição ingênua das 'Yaras' do rio se mistura com o rito africanista". O termo fetichista usado pelo repórter é um conceito carregado de teor etnocêntrico. Segundo

PIRES (2011)[31] o conceito de fetiche surge na área, então conhecida como Guiné, num período que vai do séc. XVI ao séc. XVIII, por não observarem estátuas de deuses como as existentes entre os povos que denominavam pagãos, por não se curvarem diante de estátuas de um ou vários deuses, mas usar amuletos e objetos naturais e animais como fonte de poder, descreveu-se a religião desses povo como "feitiçaria". A palavra feitiço se desenvolveu para fetisso e depois para fetiche, denotando a pouca importância que era dada à capacidade dos objetos das crenças destes povos africanos de portar valor pessoal, social e espiritual, além da associação ao “primitivismo”. Interessante demonstrar como na reportagem há uma relação de valor atribuída à relação do culto africano com o indígena, sendo o indígena relativo à “YARA” retratado como ingênuo em relação ao “africanista” “fetichista”.

[31] PIRES, Rogério Brittes W. Pequena história da ideia de fetiche religioso: de sua emergência a meados do século XX. *Religião & Sociedade*, 2011, 31.1: 61-95.

"JANAINA" SE ENCHEU DE PRESENTES

Como a superstição das "Yaras" se casa ao rito fetichista

Não é raro surgirem pelos angulos dessa Bahia de quatro seculos, dois, lhes typicos de uma mudra que passou, ingenua, africana, lembrando de cindé, estranhamente exotica. Fica-se em crises Ilgeiras. Candomblé, santos, macumba surgem em linhas de jornal, encaixados em colunas que sustentam gravuras de atabaques, orixás e fetiches.

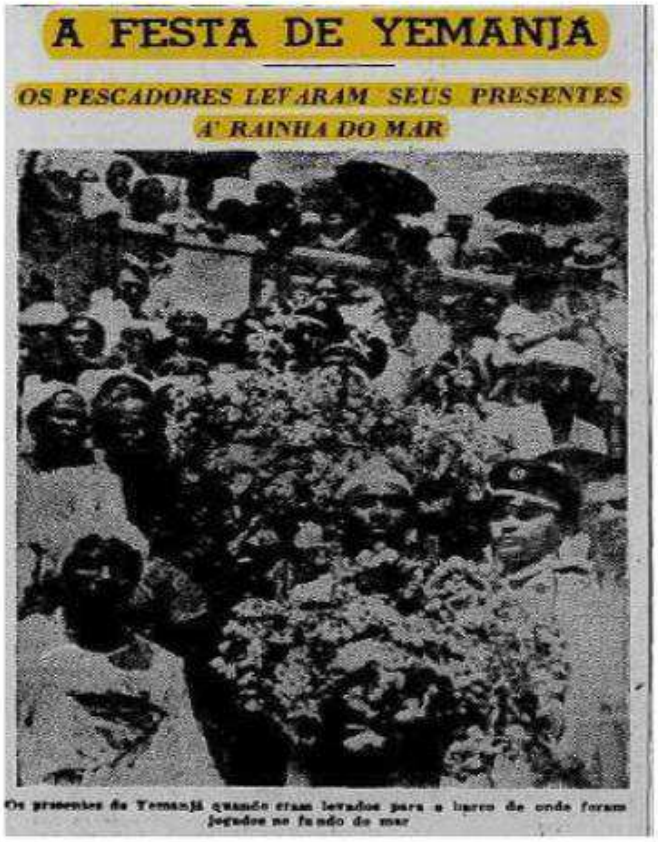
Em certos dias do anno "Janaina", a Mãe-D'Agua, recebe dos seus fieis uma multidão de presentes que elles levam em barcos enfeitados para jogar ao mar. E' uma scena dessa natureza, em que a superstição ingenua das "yaras" do rio se mistura com o rito afrocanista, que o [illegible] [illegible]. O dia [illegible] devotos da "santa" quando lhe fazem offerta de ricos presentes, num recorte do mar, no Rio Vermelho.

Imagem 23: Fotografia do jornal A Tarde "Janaína se encheu de presentes", 1935.
Fonte: Ramos (2017:171) apud Jornal A Tarde, 02/02/1935, Capa.

De acordo com Ramos (2017) a festa de Iemanjá volta ao noticiário do jornal "A tarde" em 1944, neste ganha destaque os presentes retornados para a praia e o receio dos fiéis da não aceitação dos presentes pelo Orixá Iemanjá.

> *A praia da Paciência, no Rio Vermelho, amanheceu, hoje, coberta de presentes, deixados pela baixa-mar. Encharcados, desfeitos, sujos de areia, eram os ex-votos que Iemanjá não aceitara. E foi com pesar e desassossego que os fiéis do culto da sereia souberam do que aconteceu com suas dádivas. Eles temem, agora, que a mãe-d'água, enraivecida como seu povo, na terra, manifeste lançando calamidades a sua cólera irresistível.* (RAMOS, 2017:172 apud A TARDE, 4/2/1944, p.2).

No ano de 1950, Ramos (2017) destaca a primeira aparição no jornal “A tarde” da citação à “Festa de Iemanjá”.


A FESTA DE YEMANJÁ

OS PESCADORES LEVARAM SEUS PRESENTES A' RAINHA DO MAR

Os presentes de Yemanjá quando eram levados para a barca de onde foram jogados no fundo do mar

Imagem 24: Fotografia do jornal A Tarde “A festa de Yemanjá”, 1950.
Fonte: Ramos (2017:174) apud Jornal A Tarde (03/02/1950, p.2).

Em 1958 Roger Bastide publica a primeira edição do seu livro “O Candomblé da Bahia (rito nagô)”, nesse ele fala sobre o presente de Iemanjá ofertado no Rio Vermelho:

> *Os cultos de Yemanjá e de Oxun, deusas D’ água salgada e da água doce, reclamam principalmente oferendas atiradas na margem ou de uma barca em alto mar. Os presentes, - sabões, água de colônia, flores, espelhinhos, pentes, pois ambas as divindades são igualmente vaidosas, dão lugar a procissões solenes como as organizadas por Joana de Ogun, ou a grandes festas populares, como a do "presente de Yemanjá"; neste último caso, o barco que se afasta da praia para levar o "presente" para longe, no meio do oceano, é verdadeiro candomblé marítimo, com as filhas de santo, os tambores, em torno*

> *do enorme cesto cheio de presentes doados pelos fiéis.* (Bastide, 1961: 92)

Na década de 60 a visibilidade da Festa de Iemanjá aumenta e o Bando Anunciador[32], passa a divulgar, juntamente à Festa de Santana, o presente de Iemanjá.

No início da década de 70, a Festa de Santana foi perdendo a força, pois a Festa de Iemanjá havia se tornado mais famosa. A última tentativa de mantê-la foi a sua transferência para o dia 26 de julho, data oficial da santa padroeira do Rio Vermelho, mesmo com a mudança a participação dos fiéis e principalmente dos pescadores foi diminuindo bruscamente, fazendo com que a mesma deixasse de ser realizada. A década de 70 também marca o fortalecimento da Festa de Iemanjá pela implementação da atividade turística no governo de Antônio Carlos Magalhães, esse reconhecimento do seu potencial turístico, confere aos festejos dos pescadores uma nova dimensão.

Em 1972, Iemanjá se tornou tema do desfile do Bando que tinha na programação presente para a "mãe-d'água" e desfile no qual a rainha e as princesas se vestiriam de Iemanjá e os foliões de pescadores:

> *O dia 30 é o dia do Bando Anunciador, às 11 horas, e "Banho à Fantasia" com os moradores da Vila Matos percorrendo as praias do Rio Vermelho. As fantasias mais originais receberão prêmios. [...] Às 17 horas do mesmo dia o Bando Anunciador sairá às ruas numa homenagem a Yemanjá com três carros alegóricos, um dos quais levando o presente à "mãe-d'água". No outro desfilarão a Rainha do Rio Vermelho vestida de Yemanjá e suas princesas. Acompanhando os carros, 200 pessoas vestidas de pescadores pulando ao som de um trio elétrico.* (RAMOS, 2017:164 apud A TARDE, 19/1/1972, p.3).

Nas décadas seguintes a festa além de se fortalecer ganhou dimensão nacional e internacional, integrando o calendário turístico das festas de verão da cidade de Salvador, esse crescimento tornou a Festa de Iemanjá a terceira

[32] O Bando Anunciador é um grupo criado em 1860, inicialmente composto por homens que saíam bem cedo pelas ruas do centro da cidade de Salvador, anunciando o início da Festa de Santana. Isso acontecia com dois meses de antecedência.

festa mais popular do município. Em termos de Estado o carnaval fica em primeiro lugar, seguido dos festejos juninos, principalmente o São João, em terceiro fica a Festa do Bonfim e em quarto a Festa de Iemanjá.

A seguir farei uma breve análise das festas que inauguram o chamado calendário de verão das festas de Salvador, farei uma breve exposição sobre as características da festa e da relação existentes entre os santos católicos homenageados na maioria dessas festividades e os Orixás do candomblé. Essa análise busca demonstrar a singularidade da Festa de Iemanjá entre as demais festas da cidade.

1.5.6 – Calendário festivo de Salvador

O calendário festivo da cidade de Salvador é aberto no dia 04 de dezembro com a Festa de Santa Bárbara, essa festa atrai milhares de adeptos para o bairro do Pelourinho, onde é celebrada uma missa para a Santa na Igreja do Rosário dos Pretos. Mais recentemente a missa passou a ser celebrada na Ladeira do Pelourinho, pois a Igreja não suportava a imensa quantidade de fiéis. O festejo de Santa Bárbara está sincretizado com o Orixá Iansã ou Oyá, o vermelho, cor do Orixá e do manto da santa invade as ruas da cidade e os ritos católicos são entrecortados com incorporações do Orixá em fiéis do candomblé. Também é ofertado em diversos locais da região, inclusive na sede do Corpo de Bombeiros, o caruru para a Santa/Orixá, comida à base de quiabo, cebola e camarão seco, que é a preferida do orixá africano. Além da cor vermelha que simboliza as duas divindades, outra questão as associa que são elemento da natureza raios e trovões; conta a história da Santa que Bárbara foi uma moça que nasceu na Turquia e se converteu à fé cristã, o pai ordenou que ela abandonasse essa fé, o que não foi atendido, e por não abrir mão da sua crença, a mesma foi denunciada por ele ao Prefeito da Cidade,

sendo submetida a tortura e tendo seus seios cortados, após a sessão de tortura seu pai a levou para fora da cidade e a degolou. No momento que a cabeça de Barbara rolou pelo chão, um raio riscou o céu e um grandioso trovão foi ouvido pelo povo, nesse momento o pai de Barbara foi atingido pelo raio e caiu no chão sem vida. Por isso, a sua associação com Yansã ou Oyá, a Orixá dona dos raios, dos ventos e das tempestades.

Dia 08 de dezembro acontecem os festejos para Nossa Senhora da Conceição da Praia, a santa é sincretizada com as deusas Oxum e Iemanjá. A Lavagem das escadarias da Igreja neste dia atrai muitos fiéis e pessoas que acompanham os festejos de rua. A associação entre Nossa Senhora da Conceição da Praia com essas duas divindades, Oxum e Iemanjá, se estabelece porque a imagem de Nossa Senhora, em todas as variações, é associada à maternidade e a proteção. No panteão africano tanto Iemanjá, quanto Oxum são mães cuidadosas. Do ventre de Iemanjá surgiu grande parte do panteão Iorubá e Oxum é relacionada ao grande poder feminino e à fecundação.

A próxima grande festa na cidade é a Festa do Senhor do Bonfim. Ela é a segunda festa mais popular da cidade, perdendo espaço em termos de participantes e de destaque na mídia local, apenas para o carnaval. Ela acontece na segunda quinta-feira do mês de janeiro, depois da Festa de Reis. Milhões de pessoas percorrem o cortejo de 8 Km de distância entre a Igreja da Conceição da Praia no bairro do Comércio até a Colina Sagrada da Igreja do Senhor do Bonfim. No altar da Igreja do Senhor do Bonfim encontra-se a imagem de Jesus crucificado. O Orixá que se sincretiza com o Jesus da Igreja do Bonfim é Oxalá, na mitologia Iorubá Oxalá é filho de Olorum, o Deus supremo. Oxalá é conhecido como Orixá Funfun, nomenclatura derivada de efun (barro branco encontrado no fundo dos rios), a cor branca do orixá é a cor usada pelos fiéis e foliões da festa, que tem como tema “quem tem fé vai a pé”.

Após a Festa do Senhor do Bonfim, a terceira festa mais popular de Salvador é a Festa de Iemanjá do dia 2 de fevereiro. A festa dos pescadores, cantada e encantada na voz de Dorival Caymmi, que por muitos anos foi morador do bairro do Rio Vermelho:

Dia dois de fevereiro
Dia de festa no mar
Eu quero ser o primeiro
A saudar Yemanjá
Escrevi um bilhete pra ela
Pedindo para ela me ajudar
Ela então me respondeu
Que eu tivesse paciência de esperar
O presente que mandei pra ela
De cravos e rosas chegou
chegou, chegou, chegou
Afinal que o dia dela chegou
chegou, chegou, chegou
Afinal que o dia dela chegou

Dorival Caymmi (1957)

No dia da festa de Iemanjá várias barracas improvisadas são montadas na areia da Praia da Paciência por filhos e filhas de santo do candomblé e umbanda, que prestam oferendas ao Orixá. Diversos rituais acontecem nesse espaço sob o comando das autoridades dos terreiros de candomblé e templos de umbanda, também é comum que alguns membros das religiões afro-brasileiras, de forma independente de seus ilês e templos, coloquem balaios com elementos rituais e ministrem passes e limpezas com folhas e líquidos sagrados.

Os preparativos do presente do dia 02 de fevereiro começam, quase um ano antes. Na Colônia Z-01, uma comissão é formada e entra em contato com entidades e órgãos para solicitar apoio, e definir a organização do evento.

Um dos principais momentos dessa organização é a escolha do Terreiro de candomblé que realizará a festa. O presente dos pescadores é levado para o Dique do Tororó no dia 01 para ser entregue Oxum e para a Casa dos Pescadores na manhã do dia 02, porém para que isso aconteça, muitos

preceitos são anteriormente realizados pelo terreiro escolhido, principalmente o agrado a Exú.

> *Sem Exú nada se concretiza ou nada se faz no candomblé, o presente religioso não é apenas um ato ou uma devoção, existe todo uma parte que é velada, que é guardada, que é sigilo e que não fica aos olhos de todos. É muito importante se agradar a Exú antes de um presente, principalmente num momento em que se reúne uma multidão, onde existem pessoas das mais distintas energias, dos mais distintos caracteres, dos mais distintos caminhos e destinos. Nem todos estão presentes na festa só por devoção, muitos que participam da Festa, estão pelo lado profano, pela bebida, e nesse momento Exú pode trazer a desordem, uma vez que ele não foi agradado, não foi zelado. Uma das principais coisas que deve preceder o presente, é o agrado a Exú, e existem diversas formas de se agradar a ele, que não necessariamente tem que ser uma oferta da dimensão da que será oferecida à principal divindade homenageada.* (Humbono José Luis Moreno Neto, setembro de 2010)

Outro ponto, também fundamental para que a festa aconteça, é a escolha do artista plástico que produzirá a escultura que acompanha o balaio principal. Essa escultura é o ponto ápice do presente e está envolvida num grande segredo. A chegada da escultura que será colocada no mar em oferenda à Iemanjá é a grande surpresa, ansiosamente esperada por fiéis, pescadores e jornalistas.

1.5.7 – Etnografia da Festa de Iemanjá

No dia da festa de Iemanjá é construído um barracão de madeira entre a Igreja de Santana e a Casa de Iemanjá, esse barracão é construído com uma área central, onde é colocada uma mesa grande, nesta serão depositados o balaio e a escultura que constituem o presente principal de Iemanjá. Em volta da grande mesa tem um espaço onde circulam os adeptos do candomblé escolhido para a confecção do balaio principal, este local tem a passagem

protegida por uma pequena porta. Em volta da parte central ficam os corredores, onde os fiéis entram e saem para depositar os seus presentes. Ao fundo da estrutura são colocados bancos para serem ocupados pelos Ogan[33] e demais Filhos de Santo responsáveis pelos cânticos dos Orixás e pelos batuques. Os atabaques do terreiro escolhido são trazidos para o local pelo seu responsável o Ogan Alabê, ele é a autoridade de santo responsável para assumir o toque dos atabaques (Rum- grande, Pi-médio e Lé-pequeno) e puxar os cânticos sagrados.

A primeira vez que observei a chegada do presente foi em 2010, nesse ano o balaio principal chegou à casa dos pescadores às 5:00 h da manhã. Antes da chegada do balaio e da Yalorixá, um dos Ogan presentes jogou milho branco sobre a mesa em que seria colocado o balaio, depois jogou esse milho nas demais dependências, na Casa de Iemanjá, nas laterais do barracão, sobre os adeptos que já estavam concentrados desde às 4:00 h da manhã na grande fila e por fim na rua que fica na parte da frente do barracão. O milho Branco traz em si a pureza relacionada ao Orixá Oxalá, ele é utilizado nos rituais para invocar a proteção do Deus maior, invocar também a paz e a harmonia para aquele espaço. Jogar o milho branco no ambiente e nas pessoas traz a proteção do Alá[34] de Oxalá, para que todos fiquem protegidos e resguardados; o milho branco também afasta as energias negativas que porventura possam estar ali ou chegar com alguém.

No ano de 2010 a responsável pelo presente foi a Iyalorixá Valdelice Maria dos Santos, falecida em 2016, mais conhecida como Aice de Oxóssi do Terreiro de Candomblé Odé Mirin; a mesma foi responsável pelo acompanhamento do presente da Colônia de Pescadores Z-01 durante 23

[33] Homens escolhidos como cuidadores do terreiro e que possuem tarefas específicas em relação aos ritos. Constituem segundo Braga (1996), uma espécie de conselho consultivo informal ao qual o sacerdote do grupo, poderá recorrer quando necessita de uma ajuda complementar, tanto do ponto de vista religioso, quanto das relações sociais envolvendo o candomblé com outros segmentos da sociedade.

[34] Pano branco que se estende sobre o barracão e sobre as dependências sagradas do candomblé, é visto como a própria representação Orixá Oxalá; se relaciona com a paz e a proteção.

anos. A Iyalorixá, além de comandar e acompanhar todas as etapas da confecção ao depósito do presente no mar, também é responsável pelo jogo de búzios que irá determinar os preceitos a serem colocados no balaio do Orixá. Através do jogo de búzios o Orixá se comunica com a autoridade de santo e informa quais os alimentos sagrados e rituais devem ser feitos para que a cerimônia seja do seu agrado. Antes de levar o balaio de Iemanjá na manhã do dia 02 de fevereiro, é ofertado na noite anterior o presente dos pescadores para Oxum no Dique do Tororó.

Às 5:00 da manhã, a Iyalorixá chegou ao Rio Vermelho e auxiliada pelas filhas e filhos de santo coloca o balaio na cabeça. Uma salva de fogos de artifícios tomou conta do bairro, as pessoas presentes comemoram, gritaram a saudação de Iemanjá "Odô Iyá", ou apenas o "Salve Iemanjá"; A Iyá[35] acompanhada dos filhos e autoridades de santo adentrou na parte interna do barracão e deram início ao Xirê[36]. Inicialmente entoaram cânticos para Ogum, ele é o Orixá responsável pela abertura dos caminhos e sempre o primeiro a ser saudado; após as músicas de Ogum iniciaram as de Iemanjá, na roda a Iyá e as filhas de santo fizeram as coreografias destinadas a cada música. Em determinado momento do xirê a Iyalorixá tocou o Adjá[37] iniciando a possessão dos rodantes[38], os Orixás se apresentaram para a festa com seus ilá[39], Iemanjá incorporada saudou as autoridades presentes e os fiéis com o gincá[40] e iniciou sua dança e me determinados momentos parava para abraçar os fiéis e

[35] Abreviatura de Iyalorixá
[36] Cerimônia onde os adeptos do candomblé formam uma roda, sempre no sentido horário, em que entoam cânticos e dançam para os Orixá.
[37] Adjá é um instrumento de metal com um som parecido a uma sineta, que é usado pelos sacerdotes do candomblé para invocar os Orixás e provocar a possessão.
[38] Diz-se daqueles adeptos que incorporam o Orixá e demais entidades encantadas.
[39] Som emitido pelo orixá como forma de comunicação e identificação em terra)
[40] Movimento se saudação dos Orixá em inclinam o corpo e tremem os ombros.

receber destes os presentes e as flores, os mimos eram repassados para à Iya e para as Ekedes[41], que os colocavam no balaio.

À medida que os balaios ficavam cheios eram entregues à comissão organizadora da Colônia dos Pescadores que os colocam num palco em frente ao mar.

Imagem 25: Fundo do barracão, onde os Ogan e demais filhos de Santo tocam os pontos, ou seja, a música para os Orixás.
Fonte: Arquivo da autora (COSTA, 2011)

[41] Ekede- Mulher que tem como função: auxiliar o Orixá, dançar com ele, vesti-lo, enxugar seu suor durante a dança (por isso que trazem sempre uma toalha no ombro), etc. Geralmente é escolhida pelo próprio Orixá.

Imagem 26: Local do Barracão onde fica a mãe
de Santo, as Ekedes e os balaios principais.
Fonte: Arquivo da autora (COSTA, 2011)

Muitas famílias de pescadores aproveitam o festejo do dia 02 de fevereiro para vender bebidas e alimentos, se tornando para os mesmos uma importante fonte de renda; mesmo os pescadores e as famílias que não possuem a crença no orixá relataram participar comercialmente da festa. Os pescadores conseguem um bom retorno financeiro levando os fiéis nas embarcações para depositar suas oferendas no mar, geralmente remam alguns metros da margem, local onde as ondas não devolvem os presentes para a areia; muitas famílias participam da festa como comerciantes, auxiliando no transporte e vendendo flores e quitutes.

Imagem 27: Boxes de venda de peixes da casa dos pescadores
Fonte: Arquivo da autora (COSTA, 2011)

Imagem 28: Descrição: Imagem da Festa do dia 02/02/2011
Fonte: Arquivo da autora (COSTA, 2011)

A casa de Iemanjá também é um ponto de peregrinação dos fiéis e turistas durante os festejos, numa fila paralela a do presente principal, muitos se aglomeram desde cedo para deixar oferendas próximo às imagens que ficam no interior da casa, sendo essa parte da festa também organizada pelos pescadores.

Todos os pescadores que entrevistei participam ativamente da festa de Iemanjá, mesmo os que afirmaram não acreditar no culto ao Orixá e às outras entidades ligadas ao mar como marujo, participam da festa, e mesmo sem a crença na Orixá demonstram extremo respeito em seus depoimentos. Apenas um dos entrevistados se mostrou totalmente incrédulo ao Orixá e aos possíveis castigos por ignorar seus preceitos.

Imagem 29: Pescadores organizando a entrada fila de fiéis
Fonte: Arquivo da autora (COSTA, 2011)

Imagem 30: Oferendas depositadas na casa de Iemanjá
Fonte: Arquivo da autora (COSTA, 2011)

A festa de Iemanjá expressa todo o sentido da tradição e oralidade dos pescadores do Rio Vermelho, ela reforça os laços de pertencimento ao mar, integra a colônia de pescadores e seus membros ao universo macro da cidade de Salvador, além de expressar a dialética existente entre o material e o imaterial no trabalho marítimo.

O momento do dois de fevereiro é um momento ecumênico, o presente de Iemanjá e Oxum do Rio Vermelho acolhe à todos, desde àqueles que são do candomblé ou da umbanda, àqueles que não conhecem a religiosidade presente no Orixá, mas, que buscam ajuda da divindade e lhes ofertam presentes em troca de alguma dádiva.

Embora seja uma festa realizada em grande parte pelos terreiros de candomblé e umbanda da cidade de Salvador, muitos que não integram o universo do povo de santo, rendem homenagens à Iemanjá. A exemplo desse grupo de amigas que levou para Praia de Santana a sua oferenda (um balaio azul com rosas brancas), as mesmas elaboraram vestes azuis brilhantes e

dançaram para o Orixá. A festa tem espaço para todos, desde àqueles que possuem compromisso religioso, àqueles que buscam integrar-se ao espetáculo e à boemia.

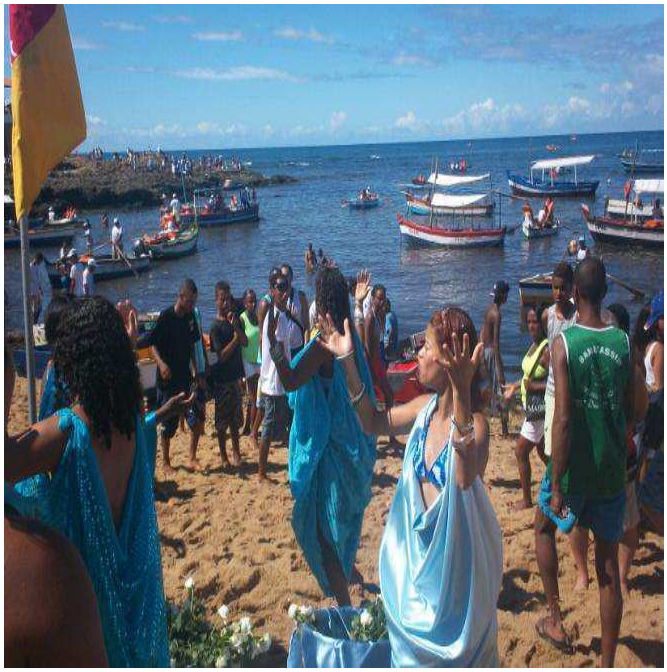


Imagem 31: Homenagens de amigas à Iemanjá no dia 02 de fevereiro
Fonte: Arquivo da autora (COSTA: 2011)

Além das proximidades da Casa dos Pescadores, a Festa e Iemanjá é comemorada em diversas partes do bairro. No Largo da antiga Igreja de Santana, hoje chamado Largo da Dinha, fica uma grande concentração de pessoas, o local é um dos pontos mais boêmios de Salvador, com grande concentração de bares, além do Ponto de Acarajé da Dinha que atrai turistas e soteropolitanos. Em direção à praia da Paciência ficam diversos bares badalados, alguns promovem festas, como é o caso do bar Lalá que oferece o "Festival Oferendas" e coloca Dj na frente do estabelecimento, atraindo milhares de jovens. No Largo da Mariquita tem uma concentração de pessoas nos bares, em frente no Antigo Mercado do Peixe, atual Vila Caramuru, os bares ficam lotados e muitos cobram pelo acesso. No fundo da Vila Caramuru

acontece desde o ano de 2017 a “Enxaguada de Iemanjá”, evento produzido pelo cantor Carlinhos Brown e que atrai centenas de turistas e baianos. Desde 2012 também marca presença na festa o evento “Iemanjá Black” produzido pelo ator Jorge Washington e pela estilista Madá, da grife Negrif, a marca registrada dessa festa é a presença do público negro ligado às artes, ao movimento negro e à intelectualidade baiana. O outro ponto de destaque da festa é a Rua da Fonte do Boi, nela se reúne um público jovem e alternativo, o ponto de concentração principal é a frente da loja Midialouca que produz a “Oferenda Musical” oferecendo programação musical gratuita. Além desses espaços centenas de festas privadas são organizadas em todas as ruas e localidades do bairro. Nas áreas públicas os vendedores ambulantes, previamente registrados pela prefeitura, vendem bebidas e alimentos para os transeuntes.

A programação da Festa de Iemanjá se antecipa a cada ano para o dia 01 de fevereiro, há cerca de dez anos apenas alguns fiéis, que preferiam colocar suas oferendas com mais calma e fugir da multidão, iniciavam sua peregrinação nessa data. Nos últimos anos a festa do dia 01 vem expandindo, alguns artistas e estabelecimentos comerciais passaram a organizar eventos, antecipando as homenagens e os festejos.

Em 1995 foi criado pelo cantor Carlinhos Brown o projeto “O Zárabe”, com aproximadamente 250 percussionistas eles percorriam no dia 01 de fevereiro, com muita velocidade e acompanhado de foliões, as ruas do Rio Vermelho. Com o início do Projeto Enxaguada de Iemanjá esse cortejo deixou de acontecer. Uma multidão seguia O Zárabe na madrugada do dia 01, mas ainda não se comparava ao número de frequentadores do dia 02.

Nos últimos anos os bares, boates e cortejos de rua organizados por moradores e artistas estão tomando a frente dos festejos e atraindo milhares de freqüentadores, a maioria voltados para as celebrações recreativas, não necessariamente relacionados à religiosidade e ao Orixá. A ampliação do

número de dias da festa é analisada por alguns freqüentadores e moradores como um retorno às celebrações do passado, quando o presente dos pescadores se integrava à Festa de Santana. No entanto, a falta de planejamento vem prejudicando a organização da festa feita pelos pescadores, pois a praia amanhece com muito lixo, principalmente latas de cerveja, o que é uma preocupação para os pescadores que cada vez mais procuram associar as oferendas à ecologia.

Imagem: 32: Foto de Alexandre Lyrio mostrando a multidão do dia 01/02/2019
Publicada em https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/outro-2-de-fevereiro-noite-do-dia-1o-lota-ruas-bares-e-praia-do-rio-vermelho/. Acesso em 07/12/2019

Essa fotografia mostra uma multidão de pessoas circulando na Rua da Paciência, Rio vermelho no dia 01 de fevereiro de 2019.

Imagem 33: Foto de Alexandre Lyrio mostrando a multidão do dia 01/02/2019
Publicada em https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/outro-2-de-fevereiro-noite-do-dia-1o-lota-ruas-bares-e-praia-do-rio-vermelho/. Acesso em 07/12/2019

Na frente da Casa de Iemanjá no dia 01/02, uma fila de fiéis se forma para colocar os seus presentes, essa fila vem aumentando a cada ano. Vários balaios são colocados no barracão, e quando cheios são levados para o palco na areia por membros da Colônia de pescadores Z-01. Nas calçadas próximas, alguns adeptos de religiões afro-brasileiras colocam tendas e tabuleiros, nos quais oferecem passes com folhas, benzeduras com amassi[42] e água de flores e colocam pemba[43] para afastar a negatividade.

[42] Mistura de água com folhas sagradas destinadas à limpeza corporal.
[43] Pós feito com barro branco, ervas, sementes e ingredientes que são awo (segredo)

1.5.8 – O presente de Iemanjá

Os presentes oferecidos às Yabás têm significados próprios da cultura, mais ampla, difundidas pela mídia e pelo imaginário popular. Geralmente são oferecidas coisas que agradam à mulher, como pulseiras, brincos, colares, pentes, maquiagem etc. Mas, para o candomblé e para a umbanda, os presentes que realmente agradam o Orixá têm outros significados relacionados ao axé, porém, muitos adeptos destas religiões também colocam esses tipos de objetos na oferenda; como por exemplo pulseiras e braceletes que são tidos como adornos que agradam a Iemanjá e Oxum.

Imagem 34: Descrição: Um dos balaios principais com oferendas como escova, prendedores de cabelo, colares, gloss, sabonete e outros adereços do universo feminino. Fonte: Arquivo da autora (COSTA:2011)

O presente do axé não pode ser feito por qualquer um, pois os Orixás têm certos nuances, os kekê[44], e tudo que é usado no axé, é devolvido à natureza. Existem certas prerrogativas para se cuidar dos Orixás, essas prerrogativas são oriundas de uma tradição e muitas vezes são ditas por indicações do (jogo de búzios) onde o Orixá fala o que vai querer no presente, são eles que dizem o que deve e o que não deve ser colocado.

Para os membros dos cultos afro-brasileiros existem diversos sinais que indicam a aceitação ou não do presente pelo Orixá, a depender da leitura desses sinais ou da consulta ao jogo de búzios pelo sacerdote, pode-se saber se a Yabá foi agradada com as oferendas. A aceitação pode ser reconhecida pela própria incorporação do Orixá, se o presente demorou ou não para afundar, e ainda há a crença de que não existiu a aceitação se a oferenda retornar à praia.

No caso da Festa de Iemanjá do Rio Vermelho, a grande expectativa, é que o presente principal afunde o mais depressa possível. Amado (1956), em seu romance Bahia de Todos os Santos faz referência a aceitação do presente, ele conta que se Iemanjá aceitar a oferta dos filhos marinheiros, o ano será bom para as pescarias, o mar será bonançoso e os ventos ajudarão aos saveiros; se ela o recusar, as tempestades se soltarão, os ventos romperão as velas dos barcos, o mar será inimigo dos homens e os cadáveres dos afogados boiarão em busca da terra de Aiocá.

Embora a festa seja para Iemanjá, várias entidades, relacionadas ou não ao mar, no candomblé e na umbanda, também se fazem presentes na festa, como marujos[45], caboclos, ciganas, Padilhas, boiadeiros etc. Essas entidades são muito diferentes dos Orixás, alguns bebem e fumam, criando uma mistura de elementos e tradições afro-indígenas-brasileiras.

---

[44] Kekê- mimos, coisas que agradam os Orixás.

[45] Marujo é uma entidade relacionada às religiões afro brasileiras, relacionada às águas, que tem a função de leva e traz, de correio entre os mortais e os Orixás do mar. O Marujo é um espírito (Egun na linguagem Iorubá) de um homem do mar.

No Rio Vermelho, a Colônia de pescadores oferece à Iemanjá o presente principal, juntamente com o balaio principal também é ofertado uma escultura. O que faz desse presente o "principal", é justamente ser oferecido pelos pescadores que são os organizadores da festa, porém, existem vários outros balaios que são oferecidos ao mar, e para cada pessoas, terreiro ou templo que participa da festa, o seu presente é o principal.

Imagem 35: Roda de candomblé, com o caboclo boiadeiro[46] incorporado em um dos filhos de santo.
Fonte: Arquivo da autora (COSTA, 2011)

A umbanda também está presente na Festa do Rio Vermelho, porém a forma que o Orixá Iemanjá adquiriu nessa religião tem influências de várias vertentes inclusive no cristianismo. As duas principais fontes que influenciaram

[46] O Caboclo Boiadeiro é alegre, destemido, valente, brincalhão. É um egun, ou seja, um espírito dos mortos que servem de intermediação com o além. Teriam vivido no sertão na lida com o gado e usa chapéu característico de couro.

o surgimento da Umbanda foram o candomblé e o catolicismo, além dessas duas matrizes houve também a influência da religiosidade indígena, do Kardecismo e de cultos esotéricos e orientais. Segundo Barros (2006), vários elementos principalmente católicos foram incorporados aos Orixás africanos, a imagem de Iemanjá, ganhou na Umbanda características bem próximas a da virgem Maria, branca, com cabelos compridos e vestes azuis, não só teve sua imagem diferenciada do Orixá original africano, como possui características bem diferentes no que diz respeito aos caracteres pertencentes ao culto do candomblé.

Imagem 36: Terreiro de Umbanda de Pai Menininho de Feira de Santana, Tendo ao fundo a imagem da virgem Maria, do Jesus Cristo e de Iemanjá. Fonte: Arquivo da autora (COSTA, fevereiro de 2010)

Para compreender melhor o significado da oferenda ao Orixá, resgatarei uma entrevista com o Humbono[47] José Luiz Moreno Neto do Terreiro Ile Axe Obá Koso Lokè Omi, situado no município de Simões Filho, que fiz na ocasião da minha pesquisa para a dissertação de Mestrado (COSTA, 2011). Embora as representações afro-brasileiras possuam significados e compreensões variadas

[47] Equivalente a Babalorixá na nação Jeje.

de acordo com as interpretações, re-elaborações e especificidades dos diversos terreiros e nações de candomblé, achei salutar trazer essa análise para corroborar na compreensão da representação religiosa das oferendas oferecidas para as Iabás[48].

No início da entrevista o Humbono enfatizou a necessidade de pedir licença à Exú[49], aos Orixás e aos antepassados para falar sobre os Vodun[50], a fim de que os mesmos permitissem falar aquilo que tinha que ser entendido e compreendido, pois, segundo o mesmo, muitas coisas são awo[51]. Segundo o Humbono suas palavras representavam não apenas as suas vivências e experiências como sacerdote, mas, aquilo que foi transmitido pelos seus antepassados e antecessores, e contado como história e como exemplo.

> *Há vários itan que contam a questão de se depositar oferendas diversas aos rios, em troca principalmente de fertilidade e prosperidade. Em cada rio, e que no caso do Brasil ganhou mais relevância o mar por conta das transformações que a religião teve no país, todas as Yabás[52] recebem oferendas, e diferente de outras religiões como o catolicismo, em que existe uma promessa, e que uma vez cumprida e recebida a dádiva, é paga com aquilo que se prometeu, no caso do candomblé não. Primeiro se oferece, para depois receber a dádiva, o atendimento do pedido. Para que esse pedido seja atendido, embora seja pedido às mães, as Yabás, esse pedido é atendido por intermédio de Exú, é ele que leva os pedidos para que sejam ouvidos pelas Yabás, no caso do presente de Iemanjá , pela mãe, Iemanjá que é a própria mãe de Exú.* (Humbono José Luis Moreno Neto, setembro de 2010).

[48] Orixás femininos

[49] Exú é a figura mais importante da cultura iorubá. Sem ele o mundo não faria sentido, pois só através de Exú é que se chega aos demais Orixás e ao Deus Supremo Olodumaré. Exú fala todas as línguas e permite a comunicação entre o orum (mundo espiritual) e o aiyè (mundo dos homens).

[50] Vodun- Encantados que representam as forças da natureza, o mesmo que Orixá, porém na nação Jeje.

[51] Sigilo, que é uma das formas de se preservação dos ritos e que também só podem ser passados para aqueles que são iniciados no candomblé.

[52] Yabas- Mulheres ancestrais e mães ancestrais, que muitas delas se tornaram divindades conhecidas como Orixás.

Itan (nome singular e plural) é o termo em iorubá para o conjunto de todos os mitos, canções, histórias e outros componentes culturais dos iorubás. Os iorubás aceitam o Itan como fato histórico, confiam no itan como sendo a verdade absoluta na resolução de disputas. Os itan são passados oralmente de geração a geração. Os Itan servem como espécies de histórias morais, onde são passados ensinamentos de como agir, como se comportar frente a situações e principalmente do respeito aos princípios religiosos.

> *Conta o Itan de Oxum que um rei africano da terra de oxum, no rio que do mesmo nome, prometeu à Yabá que se ele vencesse a guerra ele ofereceria a ela jóias e pérolas. Passado o período de guerra e com sua vitória conquistada, o rei foi aclamado pelo povo por ter conseguido vencer um momento que punha em risco a nação. O rei então volta ao Rio Oxum e deposita nas águas as coisas mais preciosas que possuía no reino, as melhores jóias. Só que uma das oferendas prometidas pelo rei à Oxum, foi pérola e esse era o nome da mulher que o rei havia desposado. O Orixá então lhe cobra que Pérola seja oferecida ao rio, e não houve nada que fizesse com que Oxum voltasse atrás. Uma das principais lições desse Itan segundo o Humbono, é que se tem que ter muito cuidado com aquilo que a gente pede, ou ao que for oferecido para o Orixá. Aquilo que é dito ou falado, tem força e muitas vezes é cobrado, tem que haver temperança e cuidado quando se trata com o Orixá, porque eles podem cobrar o que realmente se ofereceu.*
> *Em relação a se ofertar, se ofertava muito a Olokum, que é o Orixá das águas salgadas, que dependendo da religião é visto como homem ou como mulher, aqui no Brasil o sincretismo de Iemanjá ficou em relação ao mar, mas a própria saudação à Iemanjá Odoyá, significa salve a mãe do rio. No Brasil Iemanjá, que é venerada no Rio Ogun na África, ganha a força e a proporção do mar. Os rios e as águas em geral são ligados às Yabás, seja ela que Yabá for, tem maior peso Oxum e Iemanjá, mas existe Nanã que é a Orixá dos pântanos, das águas salobras, misturadas; Euá o Orixá dos lagos, das lagoas, da água parada. Mas toda e qualquer Yabá pode ser reverenciada em relação à água, o próprio Oxalá que é o senhor da purificação, que nos dar o ar, que nos dá a respiração, que é o criador de todos os seres humanos, que dá equilíbrio e paz a todos, ele também pode ser reverenciado nas águas.* (Humbono José Luis Moreno Neto, setembro de 2010).

Um dos principais pedidos feitos à Iemanjá é a fartura, ela é a grande senhora das águas, a ela pede-se que dê seus filhos que são os peixes. As músicas de Iemanjá, no candomblé, falam o tempo todo da água, o Orixá e a

água se confundem. Num dos pontos cantados para Iemanjá fica bem claro a referência à pesca:

Ê nijé nilé lodô
Iemanjá ô
Acota pê lê dê
Iyá orô miô

Significa, “quem é a grande senhora das águas, é a ela que nós pedimos os seus filhos que são os peixes”, a todo o momento as músicas de Iemanjá falam da água. É a Iemanjá e a Oxum que se perde a fartura em relação à pesca.

Para se oferecer presente aos Orixás, são necessários alguns preceitos, que se forem quebrados se denomina quebra de axé. De acordo com entrevista realizada em março de 2011 com Pantaleão, ex-presidente da Colônia de pesca Z-01 e técnico do Bahia pesca, àqueles que participavam diretamente da elaboração da oferenda, passavam por procedimentos de purificação, como banho de folhas sagradas, ficavam em obrigação por determinado tempo na roça de candomblé para receber axé, faziam rituais para os Orixás, faziam resguardo sexual, não comiam determinados tipos de alimentos, não usavam determinados tipos de roupas, não ingeriam bebidas alcoólicas, ou seja, precisavam na linguagem do candomblé estar com o corpo limpo.

Para o candomblé não seguir esses preceitos significa a perda do encanto e da força do que se faz, porque o Orixá para o candomblé é o encantado, é um elemento da natureza, não existe Iemanjá separada da própria água, não se pode ofertar presentes às Yabás e ao mesmo tempo contrariar os rituais que o envolvem, porque elas são a própria natureza, então o presente é uma forma de agradar à natureza, para que a oferenda seja devolvida em forma de energia.

A maior parte dos terreiros de candomblé de Salvador prefere oferecer seus presentes às Yabás Iemanjá e Oxum, separado do dia 2 de fevereiro no Rio Vermelho. Segundo o humbono José Luis Moreno Neto, isso se dá principalmente pelo ambiente festivo, envolto de bebidas alcoólicas e energias diversas, e porque a celebração religiosa não tem uma identidade total com o candomblé, é uma data relativa à oferenda dos Pescadores.

Imagem 37: Yalorixá e Ogans esperando para levar a oferenda ao mar.
Fonte: Arquivo da autora (costa, 2011)

Um dos interlocutores da minha dissertação em 2010 fez um relato que embasa a responsabilidade, a devoção e a importância do Presente dos pescadores do Rio Vermelho para a Cidade de Salvador e para os fiéis. Ele me informou que não aparece na sede da Colônia Z-1 no dia da festa de Iemanjá, pois tem responsabilidade com o presente dos Filhos de Gandhi. Para ele, os fundamentos que norteiam o presente são importantes e não basta chegar ao local e arriar a oferenda, deve segurar o balaio e esperar ele virar.

> *(...) O negócio lá é sério, tem que segurar o presente, aprumar e deixar que ele afunde por si, todo mundo que vai jogar uma oferenda*

é com um pedido e com a fé, as pessoas trazem com confiança na gente, então a gente tem que saber como fazer". (COSTA, 2011:88).

No ano de 2010, o artista plástico Washington Santana confeccionou para o presente principal, uma escultura de Iemanjá Negra. Mesmo com os cabelos compridos e lisos e traços mais próximos aos europeus, a Iemanjá negra ganhou destaque na mídia e repercutiu, aparentemente de forma positiva na cidade, diversas entrevistas foram publicadas nas mídias virtuais, impressas e televisivas sobre a opinião em relação à imagem. As reportagens não mostraram críticas feitas, tendo inclusive diversos elogios.

Imagem 38: Presente de 2010
COSTA, 2011 apud http://liciafabio.uol.com.br

Em entrevista[53] realizada após o presente, o artista Washington Santana afirmou que "nada mais justo que reverenciar Iemanjá dessa forma, esta cidade é negra". Porém, entre os pescadores a imagem da sereia negra causou polêmica, um pescador me relatou com revolta sobre a oferenda da sereia negra, depois apontou para a sereia branca na frente da casa dos pescadores,

[53] http://liciafabio.uol.com.br

e disse “a nossa é essa aí que você tá vendo”. Segundo o mesmo, vários pescadores ficaram revoltados e fizeram brincadeiras com a imagem:

> *A gente não aceita porque a nossa nação não é essa, a nossa nação é Angola, do culto afro brasileiro, a nossa é branca, o canto da outra é diferente, a mulher linda nossa é essa ai, dos cabelos bonitos e compridos”.* (pescador anônimo em COSTA, 2011:95)

Enquanto mulher negra, envolvida em causas antirracistas e de combate às demais discriminações sociais, não pude deixar de ficar frustrada com os relatos, principalmente por se tratar de quase um consenso entre os pescadores da Colônia. No entanto, compreendendo a transformação sincrética da imagem do Orixá e a propagação dessa imagem em todo o território brasileiro, torna-se compreensível a reação dos pescadores.

O respeito ao presente e à crença de quem está oferecendo foi relatada em todas as entrevistas realizadas nos anos de 2011 e 2019, todos os relatos envolviam histórias de pessoas que, segundo eles, foram castigadas por não respeitarem as oferendas e tentarem se apropriar do que foi lançado ao mar. O pescador Vavá relatou um caso de uma pessoa “de fora” que chegou à praia do Rio Vermelho no dia da festa de Iemanjá com um relógio todo de ouro, a pessoa explicou que era o presente da vida dela e que há muito estava pra oferecê-lo à Iemanjá, um dos pescadores da área viu e se interessou em levar esse balaio tendo, segundo o mesmo, a intenção de se apropriar do relógio. O mesmo colocou a oferenda trazida pela pessoa no barco e foi sozinho levá-la ao mar, a embarcação só percorreu poucos metros e virou com o balaio e os documentos dele, o relógio que não foi encontrado e precisou que os pescadores da área chamassem um reboque para socorrê-lo. Segundo o pescador Vavá, ele não levou fé no que a mulher chegou pra fazer, ele queria ficar como relógio. Nesse mesmo ano morreram duas pessoas afogadas, quando o barco em que estavam virou saindo da enseada. Segundo ele nesse ano o fundamento do balaio foi feito com fundamentos errados, “tinha até

cabeça de bode no balaio, se eu visse que tinha essa matança, nem haveria o presente". (COSTA, 2011: 89)

Esse mesmo episódio do afogamento foi relatado por outro interlocutor. Segundo ele foi feita uma reunião pela comissão da festa de Iemanjá para escolher o candomblé que faria o presente, o que segundo o mesmo acontecia todo ano. Nesta reunião, houve certo tumulto, pois os pescadores não queriam a mesma Iyalorixá do ano anterior e afirmavam que a mesma tinha realizado o preceito errado, o que para os mesmos acarretou o acidente no dia da festa e os afogamentos. Os mesmos então escolheram um novo terreiro, freqüentado por um dos membros da comissão.

O presente da Colônia Z-1 tem um lugar certo para ser colocado, que é de conhecimento dos pescadores, existem três canais pra deixar o presente, quando o cortejo sai tarde é depositado em um dos dois canais mais próximos, no terceiro canal a distância é triplicada e geralmente, só colocam o presente nesse, quando o cortejo marítimo sai cedo. Os presentes levados por fiéis são deixados pelos pescadores num local próximo à praia, porém, com profundidade suficiente para que eles afundem. Mas, os presentes que possuem fundamentos religiosos devem ser colocados no que eles chamam "local certo".

Um dos interlocutores da dissertação afirmou que Iemanjá é meio mulher meio peixe e muitos já a viram, e enfatizou "para vê-la basta ter olhos" (COSTA, 2011: 89). Para ele o que mais atrai quando vêem "a moça", como ele a chama, é o seu canto. Ele conta que já houve no local o caso de um pescador que foi pegar os presentes deixados para Iemanjá, depois que ele retornou à praia houve uma grande chuva e todos os barcos ficaram a salvos, à exceção do dele, depois desse episódio o mesmo ficou cego.

No ano de 2011, a festa dos pescadores foi envolta de muita tristeza, fato que foi amplamente divulgado pela imprensa local. O artista plástico a quem foi encomendado a escultura do presente principal não apareceu com a

imagem, que segundo o presidente da Colônia Z-01 seria uma escultura de Iemanjá de altura, com dois metros com uma grande pérola.

Houve uma insatisfação geral entre os pescadores. Um deles me relatou que nesse ano o presente tinha dado errado, mas que ele acreditava que Iemanjá reconheceria os esforços dos pescadores e estaria observando quem a enganou.

> *Iemanjá é quem bem vê quem fez a coisa errada, e não foram eles da colônia, quem fez é que paga, ele pensa que não paga, mais paga. Se ela fosse vingativa, eles pagavam na hora, mas vão pagando aos pouquinhos, pra saber o que é que fez. Quem não leva a sério, vez em outra recebe a cipoada, no tempo que eu tava aprendendo o barco já virou no mar e depois disso aprendi.* (COSTA, 2011: 95).

O episódio foi amplamente divulgado pela mídia televisiva e impressa, o jornal A tarde de maior circulação na cidade relatou o ocorrido.

> *Artista plástico engana pescadores e Iemanjá ganha presente improvisado.*
>
> *Um incidente interestadual botou um fim à surpresa que a Colônia de Pesca Z1 estava preparando para saudar Iemanjá neste 2 de Fevereiro. Segundo o presidente da colônia do Rio Vermelho, responsável pela organização da homenagem à Orixá rainha do mar desde a década de 20 do século passado, Marcos Santos Souza, os pescadores este ano foram vítimas de um golpe sem precedentes na história da festa.*
> *"Contratamos um artista plástico de São Paulo para confeccionar o presente deste ano e acertamos entre R$ 5 e R$ 6 mil pelo valor da escultura, além dos materiais. A peça deveria ter sido entregue desde novembro. No início ele nos garantiu que entregaria, mas tinha tido problemas porque um familiar havia morrido. Aguardamos esse tempo todo e nada", contou Marcos.*
> *Ainda segundo o presidente da Z1, o presente deste ano seria uma grande concha com uma pérola dentro. Os pescadores também aguardaram até o último minuto, confiando na boa fé do artista, só que ele sumiu e não deu nenhum retorno. Assim, os pescadores tiveram de improvisar a oferenda. Para isso, pegaram a imagem de Iemanjá que fica no peji da Casa do Peso (a casa do Orixá, na Colônia) e colocaram no balaio principal. O presente foi organizado a partir das 15h30 e levado para o mar às 17h desta terça.*

> *Esta foi a primeira vez, desde que começou a tradição de homenagens à Iemanjá, que o presente oficial dos pescadores para a Rainha do Mar não chegou ao barracão do Rio Vermelho no momento da alvorada, que acontece, todo ano, a partir das 4h. A ausência do presente gerou muita especulação ao longo do dia. Segundo informações iniciais de um pescador chamado Fernando Santana, a oferenda teria sido danificada no trajeto para Salvador. "Ano passado também aconteceu um probleminha, mas o presente foi consertado rapidamente. Desta vez foi grave. Isso nunca aconteceu", disse, decepcionado, logo de manhã cedo.* (A TARDE ON LINE- 02/02/2011).

Imagem 39: Presente de Yemanjá 2011
Fonte: www.atarde.com.br, acesso em 03/03/2011

A imagem desceu as escadarias de acesso à casa de Iemanjá pelos braços dos pescadores, a tristeza no olhar é marcante na fotografia. No entanto, a imagem fora da reportagem e no olhar de quem desconhece a festa de Iemanjá do Rio Vermelho, não descreve muito, mas o conjunto de crenças e valores que estão embutidos é que fazem diferença na hora utilizá-la na análise social.

No dia 03 de junho de 2011 um blog[54] relacionado ao bairro do Rio Vermelho lançou a seguinte manchete: “Pescadores enfrentam a ira de

[54] http://ferveriovermelho.blogspot.com/2011/06/pescadores-enfrentam-ira-de-yemanja.html

Iemanjá?". Segundo esse blog após a festa de Iemanjá os pescadores começaram a reclamar da escassez de peixes e da violência das ondas, para os mesmos era a Ira de Iemanjá por causa do ocorrido no dia do presente, alguns afirmaram que estavam mais cuidadosos ao sair para pescar. No blog Ferve Rio Vermelho foi publicado esse depoimento: "(...) é o caso de José dos Santos, 46. 'Depois da festa, ficou um clima pesado no ar, não se pegava mais peixe, o mar estava bravo, mas todo mundo pensou que era a maré de março' explica ele"[55].

Em abril desse mesmo ano a casa de Iemanjá foi arrombada por assaltantes que levaram um cofre de aço no qual são depositados, durante todo o ano, dinheiro dos fiéis para ser usado no presente de Iemanjá e na manutenção do espaço.

O cuidado em volta da realização da festa e das oferendas ao Orixá é fundamental para os pescadores, não apenas pelo ato individual de fé, pela responsabilidade com os fiéis, pelo possibilidade de conseguir uma renda extra com o transporte dos fiéis nas embarcações e vendas de comidas e bebidas, mas porque o mar é o seu espaço de vida e portanto necessita ser preservado. O mar para o pescador não é apenas um local de trabalho e se entender enquanto povo do mar está intrinsecamente relacionado à concepção de ser e existir no mundo.

No ano de 2016 uma grande polêmica repercutiu no dia da festa de Iemanjá, o motivo foi o afastamento da Iyalorixá Aíce Santos, 80 anos, conhecida como Mãe Aice de Oxóssi, que há 24 anos comandava a realização do presente da Colônia de Pescadores Z-01. Segundo entrevista para o jornal A Tarde[56], publicada no dia 02/02/2016, o presidente da Colônia Marcos Santos Souza confirmou o afastamento da Iyá e ao ser questionado pelo

[55] http://ferveriovermelho.blogspot.com/2011/06/pescadores-enfrentam-ira-de-yemanja.html. Publicado no blog por Ícaro Vigas. Acesso em 05/12/2019.

[56] https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1744081-festa-de-iemanja-vive-polemica-nos-bastidores

repórter sobre o motivo, o mesmo afirmou: "É a minha preferência e quem decide tudo que acontece aqui sou eu"[57]. De acordo ainda com a reportagem a líder espiritual do terreiro Odé Mirim, no Engenho Velho da Federação, informou que o aviso foi dado 15 dias antes da festa e relatou: "Ele ainda não tinha me procurado. Quando cheguei na colônia, ele falou que eu estava fora"[58].

A retirada da Iyalorixá causou protestos entre os pescadores, esse fato foi amplamente divulgado pela imprensa, muitas entrevistas foram realizadas com os pescadores e com o presidente da colônia. Esses dados estão disponíveis em mídias impressas e virtuais.

Olívia Santana, que era a secretária estadual de Política para Mulheres, também apoiou publicamente Mãe Aíce: "Ela é referência nesse ritual. É, no mínimo, falta de respeito ser descartada assim"[59]. Jaime Sodré, conselheiro do Terreiro Bogum também deu um depoimento sobre a substituição da Iyá, segundo ele esse procedimento deveria ter obedecido outros critérios. "O posicionamento da divindade também deveria ser verificado pelos búzios. Além da consulta à comunidade de pescadores"[60].

No ano anterior, em 2015, a polêmica também foi grande e gerou muita insatisfação, faltando menos de uma semana para o presente em 28/01/2015, um grupo formado por pescadores da Colônia Z-01 e pela mãe de santo Aíce de Oxóssi procuraram A Tarde[61].

Em uma reunião realizada na Casa dos Pescadores no dia 28 de novembro, juntamente com representantes da Fundação Gregório de Matos e com o IPHAN, perguntei sobre a troca do candomblé nos preparativos do

[57] idem
[58] idem
[59] idem
[60] idem
[61] http://atarde.uol.com.br/null/noticias/1655756-confeccao-de-presentes-para-iemanja-gera-polemica

presente e informaram que não foram consultados e a maioria presente se colocou contrária a posição do então presidente de excluir Mãe Aice.

Desde o ano de 2016, a preparação do presente foi assumida pela Iyalorixá Jacira Ferreira do Ilê Axé Jibayê, localizado em Itinga - bairro do Município de Lauro de Freitas.

1.5.9 – O culto de Iemanjá da África para o Brasil

Segundo Vallado (2002), embora o culto a Iemanjá, tenha se propagado á vários povos iorubanos, na África é uma divindade local, no Brasil sua regência sobre o rio Ogun foi transferida para o mar e muitas de suas atribuições sofreram mudanças, adaptando-se à novas realidades sócio culturais. Iemanjá foi primordialmente cultuada pelos ebás (ègbá), povos pertencentes a uma região situada entre as cidades de Ifé e Ibadan na Nigéria. Após o século XIX, ocorreu a expansão dos ebás, através das guerras entre etnias e consequentemente a disseminação de sua cultura, o culto a Iemanjá foi levado para Abeocutá e demais povoações ao longo do rio Ogun, sendo a partir de então, Iemanjá a ele associado.

Ainda de acordo com Vallado (idem), o culto original a Iemanjá se associa ao plantio e colheita de inhames e coletas de peixes, de onde se origina seu nome Yemonja (Yeye Omo Eja) mãe-dos-filhos-peixes, divindade regente da pesca. Mesmo com a transferência de Iemanjá do rio Ogum para o mar no Brasil, no candomblé o Orixá continua sendo saudado com a expressão originalmente africana Odoiyá, que significa mãe do rio.

Segundo Verger (1981:26), Iemanjá é o orixá dos gbá, uma nação iorubá estabelecida outrora na região entre Ifé e Ibadan, onde existe o Rio Yemojá. As guerras entre nações Yorubás levaram os gba a migrarem para o oeste, para Abeokutá, no início do século XIX. Nessa migração levaram consigo objetos

sagrados e os suportes da divindade, desde então o Rio Ògùn, situado no novo território, passou a ser a nova morada do Orixá.

Damasceno (2005) relata que na África Ocidental a Deusa Iemanjá é apresentada com diferentes nomes. No Benim, Togo e Gana encontra-se uma divindade chamada Mami Wata (metade mulher e metade peixe, com uma representação visual da sereia, assemelhando-se muito com a Iemanjá brasileira" (DAMASCENO, 2005: 37). De acordo com a análise da autora a representação dessa divindade assemelha-se muito com a brasileira, no entanto, o culto de Mami Wata não faz parte do panteão iorubá dos Orixás, ele representa a união de tradições africanas, indianas e europeias e se relaciona ao panteão de antigas divindades da água, da riqueza, beleza e estética.

Em seu livro Made in África de 2001, o autor Câmara Cascudo faz referência às sereias encantadas de Angola e aos presentes que as mesmas recebem em suas festas. O autor destaca as sereias Quianda ligada ao mar, Quituta dos rios, lagoas, montes e matas e Quiximbi sereia que pode ser ter a característica tanto feminina quanto masculina e tem como domínio rios e lagoas. De acordo com Cascudo, as sereias angolanas são entidades locais muito antigas e que só mais recentemente foram reduzidas em sua forma física e, de acordo com sua visão, aculturadas com o mito das sereias do Mediterrâneo.

Em 1904 Nina Rodrigues publicou a Estátua de Iemanjá. Que constitui um banco "destinado ao sacerdote ou feiticeiro quando possuído da orixá Iemanjá" (SALUM, 1999:165). Essa imagem integra a Coleção Nina Rodrigues do Museu Estácio de Lima (Museu Técnico da Polícia), do Departamento de Polícia Técnica/Instituto Médico Legal. Ela foi registrada por Nina Rodrigues como africana. Na imagem, vemos uma mulher com seios volumosos e ventre saliente.

> *(...) A imagem é de uma "escultura 47 cm de altura, que apresenta, como forma, uma mulher em pé segurando uma gamela sob os seios com um volume em platô sobre a cabeça, sendo ao mesmo tempo*

que uma estátua, um banco. A ela relacionamos uma outra estatua de mulher ajoelhada de 60 cm. (LEUBA SALUM, 1999:165)

Imagem 40: Escultura de Iemanjá que integra a Coleção Nina Rodrigues do Museu Estácio de Lima
Fonte: Leuba Salum, 1999: 166.

De acordo Salum (1999) apud Pierre Verger em (1957) publicou a primeira fotografia da estátua de Ibadan, na primeira edição do seu livro "Notas sobre o Culto dos Orixás e Voduns", sob o título de "A estátua de Iemanjá no seu templo de Ibadan na África". A edição de Verger chamava a atenção para o fato de que em seu templo de Ibadan na Nigéria Iemanjá era representada como uma mulher grávida, com seios fartos e com as mãos ao lado de ventre, simbolizando fertilidade.

Imagem 41: “A estátua de Yemoja na África...” Estátua de Ibadan.
Foto PierreVerger, (SALUM, 199:164 apud Verger, 1981:197)

Na transposição forçada do povo Egba, nativos de Abeokutá na Nigéria, pelo Atlântico, vieram não só pessoas, mas as suas culturas, crenças, tradições, línguas, religiosidade etc. A principal divindade local Iemanjá cultuada no Rio Ogum, ganha a dimensão do mar, é para ela que os seus filhos suplicavam por proteção na terrível travessia atlântica. Junto com seus corpos, essas pessoas trouxeram sementes e objetos sagrados, aqui no Brasil enfrentaram a perseguição à sua crença e aos seus ritos, mas, através de estratégias conseguiram manter a sua tradição religiosa, sendo esta, mais tarde incorporada ao panteão de Deuses africanos que no Brasil ganhou o nome de Candomblé.

Para os povos do candomblé a imagem que representa o Orixá africano Iemanjá é a mulher negra, gorda, de seios fartos; para ela são reservadas oferendas e danças. No entanto, no Brasil essa divindade da grande mãe, volumosa, que amamenta seus filhos com generosidade, se mesclou com as diversas imagens de Nossa Senhora e fez surgir uma figura cuja aparência assume padrões estéticos europeus- mulher alva, de formas esguias, cabelos lisos e longos.

Verger (1981) relaciona a reelaboração da imagem de Iemanjá ao surgimento da Umbanda. Segundo ele, para esse seguimento, o Orixá Iemanjá surge como a personificação do bem, uma espécie de fada, com pequenos seios, bem distante da imagem africana de seios volumosos.

Barros (2006), também associa a modificação da imagem de Iemanjá à Umbanda, segundo ele vários elementos principalmente católicos foram incorporados ao Orixá, na Umbanda ela ganhou características bem próximas da virgem Maria: branca, com cabelos compridos e vestes azuis. Não só teve sua imagem diferenciada do Orixá original africano, como possui características bem diferentes no que diz respeito aos caracteres pertencentes ao culto do candomblé. As duas principais fontes que influenciaram o surgimento da Umbanda foram o candomblé e o catolicismo, além dessas duas matrizes houve também a influência da religiosidade indígena, do Kardecismo, além da presença de cultos esotéricos e orientais.

A figura da grande mãe volumosa, grávida, com ventre protuberante e de seios fartos que amamentava seus filhos com generosidade, se mesclou com às diversas imagens de Nossa Senhora e fez surgir uma figura cuja aparência assume padrões estéticos europeus - uma mulher alva, de formas esguias, cabelos lisos e longos.

Em candomblés de diversas nações na Bahia é normal a existência de pinturas nas paredes, quadros e estatuetas com imagem do Iemanjá oriunda

do sincretismo, fato que vem rendendo diversos debates nas últimas décadas. A maior parte dos pescadores do Rio Vermelho associa essa imagem ao Orixá.

Imagem 42: Imagem da Iemanjá branca
Fonte: https://2.bp.blogspot.com/_ucx4nen2mbe/tgmr6lywpxi/aaaaaaaaalg/jl-ivtgrjyk/s1600/aguas.jpg. Acesso em 05/12/2019

Um aspecto importante do culto à Iemanjá no Brasil é a relação entre o Orixá e a figura da rainha do mar, sendo essa geralmente representada através da figura da sereia. Essa associação exerce grande relação com os pescadores.

> *A Iemanjá criada no Brasil, que viajou para o sul e para o norte, é outra, embora conserve o título de "Rainha do mar". Às vezes é sereia, outras ninfa e recentemente até virgem, identificando-se mais com a virgem Maria, a tal ponto que suas devotas no Rio ficam ofendidas lendo casos da Iemanjá africana, de grande força sexual, e*

> *também as passagens contadas pelos pescadores da Bahia, da sereia linda que atrai os jovens na flor da idade para dormir com eles no palácio na Beira do Mar.* (SELJAN apud BARROS, 2006:34)

O culto à Iemanjá adquiriu no Brasil uma proporção de culto superior, aos demais Orixás do candomblé, muitas pessoas procuram as praias no primeiro dia do ano para oferecer presentes, flores a Orixá, independentemente de serem ou não integrantes das religiões afro descendentes. O escritor Jorge Amado, tem um papel fundamental na popularização do Orixá entre os brasileiros, em obras imortalizadas como Mar Morto, ele se refere ao Orixá como Iemanjá dos cinco nomes.

> *Iemanjá, que é dona do cais, dos saveiros, da vida deles todos, tem cinco nomes, cinco nomes doces que todo mundo sabe. Ela se chama Iemanjá, sempre foi chamada assim e esse é seu verdadeiro nome, de dona das águas, de senhora dos Oceanos. No entanto os canoeiros amam chamá-la de Dona Janaína, e os pretos, que são seus filhos mais diletos, que dançam para ela e mais que todos a temem, a chamam de Inaê, com devoção, ou fazem suas suplicas à princesa de Aiocá, rainha dessas terras misteriosas que se escondem na linha azul que as separa das outras terras. Porém as mulheres do cais, que são simples e valentes com Rosa Palmeirão, as mulheres da vida, as mulheres casadas, as moças que esperam os noivos, a tratam de Dona Maria.* (AMADO, 1992:67).

Segundo o Humbono José Luis Moreno Neto, embora tenha ampla popularidade no Brasil, principalmente por conta da sua relação com o mar, dentro do candomblé, Yemanjá apesar de ter uma ampla importância, e de ser um Orixá divino, não tem uma significação maior que outros Orixás como Ogum e Oxalá.

Muitas “histórias de pescadores” são contadas pelos pescadores do Rio Vermelho, nessas os elementos da religiosidade afro-brasileira como o Marujo e Iemanjá, são os mais presentes. Existem também mitos relacionados ao mar, à natureza, ao respeito que se deve ter ao embarcar. Os relatos mostram que a

natureza se revela simbolicamente através de sinais e que estes devem ser observados e obedecidos.

Formular histórias sobre a territorialidade marítima e estuarina representa a intimidade do ser humano com o ambiente natural da pesca, as conhecidas histórias de pescadores, gerando uma relação de indivisão o pescador e o mar, onde "cada território (ou espaço) tem seus seres, suas histórias e ritmo de existir". (RAMALHO, 2006:149).

Um dos rituais citados por alguns pescadores, como comum nas pescarias é o agrado a Marujo, alguns levavam carteiras de cigarro e bebidas para serem oferecidos a esta entidade quando estão no mar. Segundo o pescador Branco, há dez anos, ele estava em um saveiro pescando o dia inteiro, num pesqueiro que sempre dava muito peixe, e não conseguia pegar nada, até que resolveu dar uma carteira de cigarros para Marujo. Ele conta que não acreditava muito nas histórias contadas pelos companheiros sobre Sereias, Marujos e outras entidades relacionadas ao mar. Porém, depois que depositou a oferenda, decidiu jogar a rede novamente e dessa vez ela veio cheia de peixes, e a partir deste dia sempre leva a carteira de cigarros para marujo quando vai ao mar.

Marujo é uma entidade ligado às religiões afro brasileiras, relacionada às águas, que tem a função de leva e traz, de correio entre os mortais e Iemanjá. O Marujo é um espírito (Egun na linguagem Iorubá) de um homem do mar. As principais oferendas para essa divindade são bebidas alcoólicas e fumos (cigarros, cigarrilhas, charutos). As filhas e filhos de santo que incorporam o Marujo apresentam sinais de embriaguês, sempre cambaleantes pela bebida e pelo balanço do mar, pedem bebidas fazendo sinal em direção à boca com o polegar direito. No candomblé e na Umbanda o Marujo é saudado com esse ponto.

O Martin pescador
Que vida é a sua
É bebendo cachaça e caído na rua

Marujo era um homem rico
Mais logo ele empobreceu
Porque o dinheiro que ele tinha
A cachaça comeu
Pisa no massapé e escorrega
Quem não sabe andar leva queda
Se eu jogar rede no mar você não pega
Se eu jogar rede no mar você não pega não
Eu bebo sim
Eu bebo muito bem
Eu bebo com meu dinheiro,
Não é da conta de ninguém
"Quem tem, tem. Não precisa mandar buscar!"

Após entrar no barco muitos pescadores retiram moedas do bolso e jogam para Marujo e quando chegam ao pesqueiro oferecem charuto, cigarro, e cerveja, abrindo a garrafa e depositando lentamente no mar. Após esse ritual fazem seus pedidos de boa pesca e fartura.

A casa de Iemanjá é o principal elo entre os pescadores e a religiosidade afro-brasileira, mesmo aqueles que não são adeptos do candomblé ou da Umbanda zelam pelo espaço e frequentemente acendem velas pedindo proteção ao Orixá. Entre os entrevistados apenas um foi enfático em não crer na existência do mundo espiritual e na relação entre este e a pratica da pesca. Os pescadores mais antigos sempre levam oferendas para Iemanjá quando vão para o mar, esse mesmo costume herdado dos antepassados nem sempre são seguidos pelos mais novos e abolido pelos convertidos às religiões protestantes.

> *Nós sempre levamos fé e confiamos, e sempre conservamos as coisas como achamos, já tem muitos que não respeitam desfaz, mas nós profissionais mesmo, respeitamos, respeitamos o vento, trabalhamos certo, quando a gente desconfia, vem embora, não fica insistindo, desconfiou vem embora, por que pode melhorar ou piorar. Tem um tempo, desconfiou que vai ter um tempo, vem embora, por que se melhorar ou não estamos salvo. Tem gente que não respeita insisti e leva a pior. O pescador mesmo tem que conhecer tudo, antes de acontecer, e quando acontecer, isso é passado pelos mestres. Principalmente problema de vento, o cara tem que conhecer, quando o vento bate três vezes, todas três vezes o barco recuou, pode vir*

> *embora que pode dar qualquer problema. Por que quando ele vem, já vem com uma pressão que ninguém pode suportar. Ai o cara tem que conhecer. Mas os mais novos não querem levar nada disso à sério.* (COSTA, 2011:66).

Os que permanecem ligados aos cultos afro-brasileiro relacionam o sucesso da pescaria ao Orixá e quando realizam pescas fartas compram um balaio no qual colocam oferendas e depositam na gruta de Iemanjá na pedra da sereia ou no mar, "Os mais velhos ensinam que deve sempre zelar as águas e confiar, que ai sempre teve uma dona, o mar não é de qualquer um, tem dona". (COSTA, 2011: 66). Esse ritual está acontecendo cada vez com menos frequência entre os pescadores, pois os mais velhos estão morrendo ou se aposentando e os que estão ingressando na pesca mostram resistência em relação às tradições religiosas.

Outro ritual realizado por alguns pescadores mais velhos do Porto de Santana, após realizarem uma boa pescaria, o mestre do barco escolhe um peixe grande e bonito e oferece de volta ao mar como presente à Mãe D'Água e para que a mesma continue abençoando a pesca.

O sincretismo entre as religiões afro-brasileiras e católica se faz presente no cotidiano dos pescadores do Rio Vermelho e evidencia-se em suas práticas diárias de trabalho. Essas práticas religiosas reforçam o sentimento de pertença à profissão, os laços de amizade e solidariedade, dão visibilidade aos pescadores e criam uma valorização positiva sobre o espaço marinho, além de evocar respeito sobre os saberes ancestrais.

1.5.10 – Presente ecológico na Festa de Iemanjá

Nos últimos anos uma preocupação passou a ser constante na festa de Iemanjá que é a ecologia. Diversos debates estão sendo suscitados na sociedade civil, nos terreiros de Candomblé e Umbanda e principalmente entre

os pescadores do Rio Vermelho, associados ou não à Colônia Z-01. Estes têm como tema central a necessidade de proteção ambiental e a confecção de presentes biodegradáveis.

Maria Stella de Azevedo Santos, conhecida como Mãe Stella de Oxóssi, Iyalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, falecida em dezembro de 2018, levantou uma polêmica no final do ano de 2015 entre as Comunidades de Terreiro de Salvador ao publicar um artigo denominado "Presença, sim! presente não!". Neste artigo[62] a Iyalorixá conta que teve um sonho ou uma espécie de revelação, onde Iemanjá chorava porque seus fiéis estavam sujando a sua casa com presentes. A história da Iyá se aproxima dos Itan[63] africanos, e a mesma propõe que a partir daquele momento os filhos do seu Ilê não mais poluam o mar e presenteiem o Orixá Iemanjá com sua presença, cantando para ela na praia: "Encaro o desafio e digo que a partir de 2016 o 'Presente de Iyemanjá' do Ilê Axé Opô Afonjá não mais poluirá o mar com presentes. Meus filhos serão orientados a oferendar Iyemanjá com harmoniosos cânticos"[64]. Para Mãe Stella os ritos devem ser adaptados à época em cada sociedade: "Meus filhos serão orientados a oferendar à Iyemanjá com harmoniosos cânticos. Quem for consciente e corajoso entenderá que os ritos podem e devem ser adaptados às transformações do planeta e da sociedade"[65].

No entanto, a proposta da Iyá de ofertar cânticos foi rebatida pela maior parte dos Terreiros da cidade de Salvador, as principais discussões perpassaram pela manutenção da tradição e dos ensinamentos ancestrais, com a necessidade de ofertar de flores e alimentos sagrados para o Orixá.

---

[62] http://atarde.uol.com.br/opiniao/noticias/1734286-presenca-sim-presente-nao. Acesso em 02/12/2019.

[63] Itan (nome singular e plural) é o termo em iorubá para o conjunto de todos os mitos, canções, histórias e outros componentes culturais dos iorubás. Os iorubás aceitam o Itan como fato histórico, confiam no itan como sendo a verdade absoluta na resolução de disputas. Os itan são passados oralmente de geração a geração. Os Itan servem como espécies de histórias morais, onde são passados ensinamentos de como agir, como se comportar frente a situações e principalmente do respeito aos princípios religiosos.

[64] Idem (1)

[65] Ibidem (1)

Com as trocas culturais e com o processo de incorporação de valores ocidentais, algumas mudanças ocorreram na ressignificação das oferendas fora dos espaços de terreiro, incorporando objetos, que no caso das yabás, divindades femininas, passaram a serem relacionados com a vaidade e com produtos de uso feminino: perfumes, sabonete, maquiagem, pentes, espelhos, batom etc.

A polêmica em torno do presente dos terreiros despertou nas Comunidades de Terreiro diversos debates e incentivaram a retirada de objetos poluentes dos balaios. O candomblé é uma religião essencialmente ecológica, as oferendas para os Orixás são depositadas na natureza para que a própria se encarregue de assimilar os alimentos e objetos biodegradáveis ofertados. Cada Orixá possui o seu alimento de preferência, que deve cumprir preceitos e formas de apresentação estética.

No candomblé se reverencia a natureza em todas as suas formas, animal, vegetal e mineral. Dessa forma a preservação ambiental é fundamental para a sobrevivência do culto, não existe candomblé sem folhas, sem mares, sem rios, sem lagos, sem manguezais, sem matas, sem animais, sem frutos, sem grãos, sem legumes etc. O crescimento das cidades com e a destruição de áreas naturais acarreta uma necessidade de as religiões de matriz africana refletirem sobre estratégias para proteção e sustentabilidade dos cultos. Como analisa Conceição e Tevizan a seguir:

> *Hoje, as comunidades de terreiros de candomblé preocupam-se em como manter suas práticas religiosas, nesse novo cenário em que os componentes naturais não são mais abundantes e apresentam um quadro limitado, no qual se buscam alternativas estratégicas para garantir a longevidade do Candomblé.* (CONCEIÇÃO & TEVIZAN, 2016: 147)

Na Colônia Z-01 a preocupação com os presentes ecológicos faz parte dos preparativos da festa de Iemanjá, nas entrevistas que realizei juntos aos

pescadores do Rio vermelho nos anos de 2010, 2011 e 2019, essa questão foi destacada, sendo que os mesmos desenvolvem no dia da festa uma ação conscientizadora, por exemplo, observar o depósito de presentes dos fiéis nos balaios para não colocarem frascos de perfumes, garrafas, embalagens plásticas etc. Os fiéis são orientados pelos pescadores a colocarem o conteúdo nos balaios e levarem as embalagens para o lixo.

Imagem 43: Descrição: Pescador- membro da comissão organizadora da festa retirando os frascos de alfazema e colocando seu conteúdo no balaio.
Fonte: Arquivo da autora (COSTA, 2011)

A escultura ofertada como presente principal pela Colônia Z-01 também passou a se adequar ao conceito de ecologia, sendo confeccionado com materiais biodegradáveis. O ano de 2014 marca o início da campanha oficial da Colônia Z-01 sobre o presente ecológico.

No ano de 2014 foi confeccionado pelo artista plástico Rui Santana uma escultura representando uma tartaruga cabeçuda (espécie em extinção). Segundo o artista ela foi confeccionada em madeira e resina, materiais que se

degradam com o tempo. Segundo depoimento do artista dado ao site Eco D[66] a confecção da tartaruga foi para chamar a atenção dos pescadores sobre a importância de cortar as redes e liberar os quelônios capturados.

Imagem 44: Pescadores oferecem presente ecológico à Iemanjá 2014
Foto Joilson Cézar publicada em: http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2014/pescadores-oferecem-presente-ecologico-a-iemanja. Acesso em 02/12/2019[67]

No ano de 2015 a preocupação com o presente ecológico também foi marcante, além da campanha feita pela Colônia de Pescadores, a comunidade do Bairro-Escola Rio vermelho também lançou a campanha "Meu presente para Iemanjá é (bio)agradável"[68], os organizadores dessa campanha incentivaram ouso de flores naturais e frutas como presentes.

[66]http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2014/pescadores-oferecem-presente-ecologico-a-iemanja#ixzz670tV6lmg
[67]http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2014/pescadores-oferecem-presente-ecologico-a-iemanja#ixzz6705Diswj
[68]https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1656066-material-biodegradavel-e-aposta-de-oferenda-para-iemanja

Imagem 45: Presente de Iemanjá 2015
Fonte: Foto de Beto Jr publicada em https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/festa-em-familia-fieis-vao-saudar-iemanja-no-rio-vermelho-ao-lado-de-parentes/.
Acesso em 03/12/2019

No ano de 2016 a Colônia Z-01 lançou a campanha "Presente do bem" colocando faixas e cartazes no bairro do Rio vermelho para que a população não ofertasse objetos que agridam o maio ambiente. Segundo o que foi registrado na mídia desse ano, o presente não foi totalmente biodegradável. Na foto abaixo Mãe Jacira de Obaluaê colocando alfazema no presente, Iyalorixá que nesse ano passou a ser responsável pela confecção e acompanhamento do presente dos pescadores.

Imagem 46: Presente de Iemanjá 2016
Fonte: Foto de mauro Akin Nassor, publicada em
https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/voces-ficam-cultuando-uma-mulher-com-rabo-de-peixe-disse-padre-sobre-iemanja/

No ano de 2017 o presente não foi biodegradável, foi feita uma imagem de Iemanjá com fibra de vidro e oca por dentro, e como enfeites foram usadas flores.

Imagem 47: Presente de Iemanjá 2017
Fonte: foto Max Haack, publicada em http://g1.globo.com/bahia/noticia/2017/02/com-fe-e-oferendas-fieis-lotam-rio-vermelho-para-reverenciar-iemanja.html. Acesso em 02/12/2019

O presente de 2018 foi uma estrela do mar, neste ano as reportagens não deram tanta ênfase à questão ecológica, o segredo em torno do presente é que tomou conta do noticiário soteropolitano.

Imagem 48: Presente de Iemanjá 2018
Fonte: Foto de Joílson César publicada em https://g1.globo.com/bahia/verao/2018/noticia/principal-presente-de-pescadores-para-iemanja-estrela-do-mar-gigante-e-entregue-nas-aguas-do-rio-vermelho.ghtml. Acesso em 03/12/2019

O presente de 2019 foi uma concha feita de papel reciclado, onde foi depositada uma imagem de Iemanjá e flores feitas de papel.

Imagem 49: Presente de Iemanjá 2019
Fonte: Foto de Henrique Almeida publicada em https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2032224-presente-de-iemanja-representa-uniao-e-harmonia-entre-as-religioes-diz-mae-jacira-de-obaluae. Acesso em 02/12/2019

O festejo de Iemanjá tem se antecipado para o dia 01 de fevereiro, muitos fiéis preferem ir na casa dos pescadores neste dia, para ofertar seus presentes e evitar a multidão do dia principal. No entanto, nos últimos anos a iniciativa de alguns bares e artistas de antecipar a festa, tem levado cada vez mais pessoas ao local, o que segundo os pescadores causa uma grande

sujeira na praia, pois essa antecipação tem um viés mais recreativo do que religioso. Ao amanhecer muito lixo fica concentrado na areia, principalmente latas de cerveja, refrigerantes, copos e garrafas plásticas. Esse também é um problema ecológico a ser enfrentado no plano de salvaguarda para o registro de reconhecimento patrimonial da Festa de Iemanjá.

1.5.11 – Mérito como Patrimônio Cultural

Tenho a honra de submeter aos membros do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural da Fundação Gregório de Matos o laudo Etno-histórico sobre a Festa de Iemanjá de Salvador para análise do Registro Especial do Patrimônio Imaterial, conforme critérios metodológicos definidos pela Diretoria de Patrimônio e Humanidades da Fundação Gregório de Matos e dispostos no Decreto N° 27.179/16.

Este laudo foi elaborado em cumprimento ao pleito da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), pessoa jurídica na forma federativa nos termos da lei 8.906 (EAOAB) na figura do seu presidente, à Fundação Gregório de Matos para o Registro da Festa de Iemanjá, celebrada anualmente no dia 02 de fevereiro no bairro do Rio Vermelho, Cidade de Salvador, para fins de sua inscrição no Livro de Registro Especial do Patrimônio Imaterial.

O instrumento de Registro, regulado pelo Decreto n° 3.551 de 2000, dividiu os bens imateriais em quatro livros, divididos a partir de suas peculiaridades, o instrumento desse laudo a Festa de Iemanjá se enquadra como bem material disposto no Livro de Registro das Celebrações.

Seguindo os critérios definidos pela Gerência de Patrimônio Cultural Imaterial (DEFINIÇÂO GPCI Nº 01)[69] para abertura dos processos de inventário para fins de registro de bens culturais imateriais, analisarei a Festa

[69] Setor de referência do IPHAN.

de Iemanjá em relação a: Temporalidade; vigência; representatividade; demanda cultural frente aos processos hegemônicos e fortalecimento das políticas afirmativas da cultura; representatividade do bem cultural para o Estado, Município, diversidade cultural e identitária; demandas culturais dos grupos historicamente postos à margem dos processos dominantes e fortalecimento das políticas afirmativas no campo da cultura; riscos sobre a continuidade do bem cultural; Demandas originárias de detentores ou praticantes do bem cultural que se encontra em situação de conflito ou vulnerabilidade; Existência de bem cultural, que por sua particularidade e por conferir identidade a um determinado grupo, diferenciando-o no contexto geral do Município.

Temporalidade

Em relação à festa de Iemanjá há comprovações de que a mesma ocorre a quase um século, além das fontes orais e seus registros ao longo da história, temos comprovações em livros e jornais da sua realização e da particularidade de ter sido, desde o início, uma celebração dos Pescadores do Rio Vermelho dedicada ao Orixá africano Iemanjá. Os dados podem ser comprovados nas entrevistas realizadas, nos registros antigos de jornais, sendo alguns já disponíveis em mídias eletrônicas e nos registros incorporados ao corpo desse laudo.

Vigência na atualidade

A festa de Iemanjá é a terceira mais importante da cidade de Salvador, é uma das principais atrações do calendário turístico da cidade, atraindo milhares de turistas do Estado da Bahia, de diversas regiões do Brasil e de outros países. O número de participantes perde apenas para o Carnaval e a Festa do

Senhor do Bonfim. A veracidade desse fato é constatada em entrevista com os cidadãos de Salvador ou em sites oficiais da cidade, como o site da Fundação Gregório de Matos[70] e da Bahiatursa[71].

Representatividade

A festa tem como protagonismo duas Comunidades tradicionais (Pescadores e Povos e comunidades de Terreiro de matriz africana), ambos protegidos pelo Decreto nº 6.040/2007, que estabelece a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais. Além destes, a festa de Iemanjá acolhe todos da cidade e de fora, tornando-se um grande espetáculo de convivência e respeito, é a única celebração pública de grande porte realizada no País para um Orixá africano. Aglutina fiéis, pescadores; povos de terreiros; foliões; turistas; comerciantes; artistas e até alguns evangélicos, que se posicionam em diversas ruas e ruelas do bairro, para distribuir folhetos oferecendo a salvação frente a crença no Orixá, enfim, independente das diferenças, a festa acolhe a todos em um clima de alegria e com pouquíssimos registros de violência.

1.5.12 – Demanda cultural frente aos processos hegemônicos e fortalecimento das políticas afirmativas da cultura.

As religiões afro-brasileiras lutam desde o período colonial para manter os seus ritos litúrgicos e sobreviver à perseguição e estigmatização da sua crença. As festas públicas que envolvem o candomblé, e principalmente a Festa de Iemanjá, são responsáveis pela publicização dos cultos africanos, integrando a religião à vida cultural e religiosa brasileira. Os pescadores do Rio

[70] http://www.culturafgm.salvador.ba.gov.br/
[71] http://www.bahiatursa.ba.gov.br/

Vermelho estão na pequena produção mercantil artesanal, estão localizados numa área urbana, e ao longo do crescimento do bairro do Rio Vermelho foram sendo empurrados cada vez mais para bairros distantes do Porto em que trabalham e sustentam a família. Estão sujeitos a diversas intempéries e agressões ecológicas como: a poluição, às intempéries, as mudanças climáticas, a falta de combustível e dinheiro para os aviamentos[72] etc. No entanto, a pesca constitui para a maior parte deles, a principal forma de manutenção financeira da família, e a festa de Iemanjá é um momento em que conseguem uma renda extra com o transporte dos fiéis, com a venda de bebidas e comidas por parte de seus familiares, mas principalmente é um momento em que são visibilizados.

A cidade de Salvador, tão famosa pelos alimentos provenientes do mar e preparados à base de azeite de dendê, invisibiliza esses profissionais, portanto, é um momento de resgate da auto-estima da comunidade. É um momento em que suas crenças são respeitadas, as crenças do mar, o que os tornam únicos, o que os identificam. Mesmo sem uma presunção histórica, os pescadores do Rio Vermelho resgataram os festejos públicos do culto da sua Orixá em Abeokutá. Agradar ao Orixá, resgatar os valores da cultura afro-brasileira é mais que uma celebração, é uma necessidade de se integrar ao mar e aos seus segredos.

1.5.13 – Riscos sobre a continuidade do bem cultural e demandas originárias de detentores ou praticantes do bem cultural que se encontram em situação de conflito e vulnerabilidade.

Nos últimos anos alguns conflitos romperam os limites do bairro dos pescadores e tomaram conta de diversos jornais da cidade. Entre os vários

[72] Apetrechos de pesca

conflitos e brigas internas, a realização do presente é a que mais preocupa, pois existem desavenças em relação à do planejamento da festa.

Esse descontentamento público ficou registrado não apenas em jornais e sites, mas também numa reunião realizada no dia 28 de novembro de 2019, nas imediações da Casa dos Pescadores da Z-01 e presenciada por mim e por membros da Fundação Gregório de Matos e do IPHAN.

Muitos Pescadores reclamam que não são mais consultados nas decisões sobre a festividade, como historicamente acontecia. Portanto, essa é uma grave ameaça ao futuro do presente de Iemanjá, pois toda a celebração gira em torno da Colônia Z-01 e a mesma recebe para o evento diversos financiamentos públicos e privados, inclusive valores que são depositados durante todo o ano por fiéis no cofre da Casa de Iemanjá, para colaborar com a festa e com a manutenção do espaço.

Outro risco para a execução do presente é a falta de uma política de planejamento e de uma campanha de conscientização para manter a praia limpa durante a antecipação da Festa no dia 01 de fevereiro. Como os frequentadores do dia 01 vão ao bairro principalmente pelos eventos recreativos criados pelos bares e estabelecimentos locais, ao amanhecer deixam a praia repleta de lixo, principalmente embalagens de cervejas, águas e refrigerantes. Isso vem desagradando os pescadores, que nos últimos anos vem se concentrando na diminuição de danos ao meio ambiente.

Um dos pontos levantados pelos pescadores, para a necessidade de restaurar a democracia na Colônia, é poderem decidir sobre o presente ecológico, mas para isso precisam ter conhecimento sobre os preparativos.

Particularidade

A religiosidade é um fenômeno agregador na Cidade de Salvador, mesmo àqueles que não possuem crenças participam ativamente dos festejos

religiosos da cidade. A maior parte das festas está associada a santos católicos, a exceção da Festa de Iemanjá, realizada para um orixá africano. Apesar da perseguição e do preconceito enfrentado pelas religiões de matriz africana do período colonial até a atualidade, a Festa de Iemanjá vem se mantendo e se fortalecendo há quase cem anos, se tornando a maior festa para um Orixá africano fora da África.

Navegar pelo mar de fora é viver acompanhado do perigo iminente, o imprevisto das mudanças climáticas, como tempestades podem causar acidentes. Desses perigos só podem escapar embarcações comandadas por quem entende os segredos da natureza. Os pescadores que se arriscam no “mar a fora” vivem a incerteza do regresso, tendo a possibilidade da morte sempre à espreita, nesse cenário a fé e a religiosidade estão sempre acompanhando esses pescadores, como demonstra as palavras do pescador Pantaleão em entrevista que realizei em 2011, “Quando você pega um barco sem infraestrutura e se aventura mar a fora, você tem que se apegar a alguma coisa”.

Em doze anos de estudos sobre populações pesqueiras e ribeirinhas, já ouvi muitos relatos e histórias de pescadores e marisqueiras, sobre a bomba de ar, a vovó do mangue, marujo, a grandiosa Iemanjá, chamada de "a véia, a moça, a mãe d'água" etc. Diante de tantos mistérios que as águas guardam, alguns desvendados pela ciência moderna (que também é uma crença), os encantados protegem essas populações, na medida em que efetivamente evocam o respeito sobre o poder da natureza, dá coragem de enfrentar os desafios necessários à sobrevivência e o consolo quando não se tem o retorno esperado. Os humanos e não humanos têm ações concretas sobre as populações marítimas e ribeirinhas, para estas pessoas não é apenas uma questão de crença, é o real, não é só simbólico, é concreto. Creio que os saberes ancestrais salvam, na medida em que protegem àqueles que os

conhecem e é o que marca a vida e a morte de quem convive com as incertezas do mundo natural.

Identificar as realidades materiais e imateriais que cercam o modo de vida das populações costeiras e ribeirinhas é fundamental para compreender os elementos que unidos dão sentido as suas práticas e garantem a sua construção identitária enquanto População Tradicional. A festa de Iemanjá representa a persistência da tradição, da cultura e da oralidade dos pescadores do Rio Vermelho, ela reforça os laços de pertencimento ao mar, integra a colônia de pescadores e seus membros ao universo macro da cidade de Salvador e do Brasil, além de expressar a dialética existente entre o material e o imaterial no trabalho marítimo. A festa de Iemanjá divulga, democratiza e contribui para a manutenção dos saberes ancestrais dos cultos afro-brasileiros, reúne pessoas de todas as partes do mundo em torno de um Orixá africano, contribuindo dessa forma com o combate ao racismo e o fortalecimento da imagem da cidade e do Brasil no mundo.

Os Terreiros de matriz africana estão amplamente representados na Festa de Iemanjá. Assim como em Abeokutá, território do Culto de Iemanjá na Nigéria, a população integra o espetáculo de fé, diversão e criatividade. A interpretação sobre o evento nem sempre segue as regras dos dogmas religiosos, muitos apreendem a força do Orixá em sua particularidade e conhecimento leigo. Para os adeptos do candomblé é um momento de andar de cabeça erguida pela cidade, sem os olhares repreendedores dos intolerantes, assim como em Abeokutá centenas de filhos e filhas de santo incorporam suas entidades protetoras. Orixás, Caboclos, Padilhas, Ciganas encantadas, Boiadeiros, Marujos e uma diversidade de encantados incorporam nos corpos negros, brancos, índios, cantando e dançando para o Orixá. Mesmo como cansaço e a apreensão para que tudo dê certo, os pescadores trabalham incessantemente nos dias 01 e 02 de fevereiro, pois com todos esses afetos e

afetados, com todos os mimos e agrados, eles têm a plena certeza de que Iemanjá está feliz.

Diante do exposto e conforme o preenchimento de todos os critérios do Decreto 27.179/16 do Diário Oficial do Município de Salvador sobre o Registro Especial do Patrimônio Imaterial, encaminho o laudo Etno-Histórico concluído e fundamentado ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural da Fundação Gregório de Matos, cujo parecer declaro favorável ao reconhecimento oficial, por parte do Município de Salvador, da Festa de Iemanjá do dia 02 de fevereiro. Agradeço a oportunidade de contribuir com um passo tão importante para o fortalecimento da História e da Cultura da Cidade de Salvador.

Oxum Anadeji!

ODOIYÀ!

Respeitosamente,

Cristiane Sobrinho Costa
Doutora em Antropologia
Mestre em Estudos Étnicos e Africanos

1.5.14 – BIBLIOGRAFIA:

AMADO, Jorge. **Mar Morto: romance.** Rio de Janeiro. Record, 65ª ed, 1992.

_____, Jorge. **Bahia de Todos os Santos (Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador).** 4a ed. São Paulo: Martins, 1956. 310 p.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia (rito nagô).** Brasiliana, 1961.

BARROS, Cristiane Amaral de. **Iemanjá e Pomba Gira: Imagens do feminino na Umbanda**. Dissertação de mestrado do programa de pós graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006.

BRAGA, Júlio. **Religião afro-brasileira. Práticas de resistência e modernização**. Societé suisse des Américanistes/ Schweizerische Amerikamisten – Gesellschaft Bulletin, 1995- 1996, pp. 63-67.

CARYBÉ. **As sete portas da Bahia**. Martins, 1962.

CONCEIÇÃO, Sueli S.; TEVIZAN, Salvador D.P. **Uma Estratégia para a Sustentabilidade das Comunidades de Terreiros de Candomblé.** Gaia Scientia. Edição especial cultura, Sociedade & ambiente. Volume 10(1): 145-151, (2016).

COSTA, Cristiane, S. **Pescadores do Rio Vermelho: Ritos, Tradições e Ancestralidade da Pesca Artesanal.** Dissertação (Mestrado), Centro de Estudos Afro- Orientais da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2011.

DA CÂMARA CASCUDO, Luís. **Made in Africa**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

DAMASCENO, Tatiana Maria. **Nas águas de Iemanjá: um estudo das práticas performativas no candomblé e na festa à beira-mar**. 2015.

FERRETTI, Sergio F. **Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural**. CAROSO, C. & BACELAR, J. (Org.) Faces da Tradição Afro-Brasileira. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas/CEAO, 1999, p.113-130.

IVO, Anete Brito Leal. **Pesca: tradição e Dependência: um estudo dos mecanismos de sobrevivência de uma atividade tradicional na área**

urbano-industrial da Salvador. Dissertação (Mestrado) FFCH-UFBA, Salvador: Bahia, 1975.

LOPES, Lucídio. **Rio Vermelho e suas tradições: memória de Lucídio Lopes.** Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador, 1984.

NUNES, Alina Sá. **Habtats essenciais para os peixes explorados pela frota "linheira" do Porto de Santana, Rio Vermelho.** Salvador-Bahia. Dissertação (Mestrado), Instituto de Geociências- Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2002.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro Negro: Umbanda e sociedade brasileira.** São Paulo; Brasiliense, 1999.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **Rio Vermelho.** Salvador: AMARV, 1991.

_____, **100 anos da Paróquia do Rio Vermelho**. Salvador: Acirv, 2012

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. **"Há esse povo do mar!": Um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernanbucana-São Paulo**: Polis: Campinas, SP: CERES (Centro de Estudos Rurais do IFCH-UNICAMP), 2006.

_____. Multiculturalismo e sincretismo (AS Moreira & ID Oliveira, Comps.). **O futuro das religiões na sociedade global**. Uma perspectiva multicultural, 2008.

RAMOS, Cleidiana Patricia Costa. **Festa de verão em Salvador: um estudo antropológico a partir do acervo documental do jornal A Tarde.** Salvador, Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA- UFBA), 2017.

SALUM, M.H.L. **Por que são de madeira essas mulheres d 'água?** Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, S. Paulo, 9 : 163-193,1999.

_____. **Vistas sobre arte africana no Brasil: lampejos na pista da autoria oculta de objetos afrobrasileiros em museus**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.25. n.2. p. 163-201. Mai-Ago. 2017.

SANTOS, Eufrazia Cristina Menezes. **Religião e Espetáculo: análise da dimensão espetacular das festas públicas do candomblé.** 2005. PhD Thesis. Universidade de São Paulo.

SANTOS, Marcos S.S. **A cadeia produtiva da pesca artesanal no Estado do Pará: Estudo de caso nordeste Paraense.** Amazônia: Ci. & Desenvolvimento, Belém, v.1, n.1, jul. /dez. 2005.

VALLADO, Armando. **Iemanjá, a grande mãe africana do Brasil.** Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

VERGER, Pierre. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo.** Editora Corrupio Comércio, 1981.

1.6.0 – PARECER DA DPH

Milena Luisa da Silva Tavares

O pedido de Registro da *Festa de Iemanjá do dia 02 de fevereiro, no Rio Vermelho, nessa cidade*, foi apresentado pela Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, representada por seu Presidente Fabrício de Castro Oliveira, com assinatura de 20 de fevereiro do ano em curso, dirigida ao Presidente da Fundação Gregório de Mattos, Fernando Ferreira de Carvalho, junto com a documentação pertinente para instauração do processo de preservação municipal, segundo determina o Decreto nº 27.179/16 Art. 4 § 1º, atendendo ao que determina a Lei n° 8.550/14, Art. 21, inciso I.

Vale registrar que embora a OAB tivesse apresentado carta de anuência assinada pelo atual presidente da colônia Z1, em pesquisa na internet se verificou que o mesmo chegou a ser detido a pedido do Ministério Público da Bahia[73], acusado de apropriação indevida de valores na condução da colônia de pescadores, sendo motivo de muita reflexão no setor técnico. Após ouvir[74] os detentores sobre a questão, foi também providenciada assinatura de anuência diretamente aos próprios pescadores da mesma colônia, anexadas ao processo em referência.

[73] Ver em: https://noticias.r7.com/bahia/presidente-da-colonia-de-pescadores-do-rio-vermelho-e-detido-em-salvador-06012017 acesso em 05 de março de 2019. Procuramos o Sr. Marcos Antônio Chaves, mas nos foi dito pelos pescadores, que ele deixou de freqüentar a Colônia Z1 após ter sofrido atentado por agiotas na colônia, chegando a ser ameaçado de morte.

[74] Em 15 de novembro de 2019 e em outras reuniões com os pescadores, foi unanimidade o discurso quanto à desassistência da atual condução da colônia, inclusive nas falas registradas em entrevista, cujos áudios e termo de cessão de uso se encontram na caixa referente ao processo de registro da festa. A reclamação é de que o atual presidente da colônia Z1 não lhes repassa os recursos, de doações ou que são arrecadados em instituições públicas e privadas. Declararam que vem mantendo a festa por fé a Iemanjá, mas demonstraram revolta e indignação pelo fato de trabalharem todo o dia, sem direito nem mesmo a oferta de água, em meio ao calor escaldante, dispondo do próprio combustível para deslocar seus barcos. Denunciaram que até mesmo a tinta, que deveria ser destinada a pintura das suas embarcações é vendida, e que destino igual vem acontecendo com outras doações, a exemplo de freezer e balança, que nunca chegou aos boxes da Colônia Z1 e mesmo camisas da festa. Foi ainda observado que são repassadas listas para serem assinadas em branco e que há medo de sanções àqueles que confrontarem a situação, com ameaças de expulsão e de acesso ao recurso do defeso.

Nas visitas que se fez à sede da mesma colônia, se informou sobre a solicitação encaminhada pela OAB e, especialmente, se prestou esclarecimentos quanto à política de registro especial do patrimônio imaterial municipal, a cada um dos pescadores. Vale registrar que os pescadores declararam não ter conhecimento da solicitação de registro da festa, encaminhada aos órgãos de preservação do patrimônio cultural[75], e demonstraram absoluta preocupação quanto à vinculação do atual presidente da colônia nessa iniciativa. Foi garantido aos mesmos que o Plano de Salvaguarda será desenvolvido junto a eles, que são os legítimos detentores da manifestação e que eles indicarão as ações que consideram necessárias para o fortalecimento da manifestação e melhoria das suas condições.

Observa-se que a Festa de Iemanjá da cidade do Salvador vem sendo pesquisada e retratada pela mídia e por diversos autores. O laudo emitido pela Doutora Cristiane Sobrinho atesta o atendimento aos requisitos recomendados ao registro especial, destacando-se sua continuidade histórica, vigência na atualidade, representatividade e demandas culturais e sociais dos detentores.

O evento é celebrado no dia 02 de fevereiro de cada ano no mesmo local, com conhecimentos transmitidos e difundidos por seus detentores, os pescadores da Colônia Z1, que mantém a prática religiosa desde o início da década de 20 do século passado, reforçando a fé no culto afro brasileiro, a identidade coletiva e o sentido de *baianidade*. Além de oferecerem um presente especial à Iemanjá, os pescadores recebem as oferendas que os fiéis lhe dedicam com pedidos e agradecimentos, durante todo o dia 02 de fevereiro, colocando-as em cestos e levando-as em embarcações até águas mais profundas.

De acordo com VERGER (2018: 198-199), Iemanjá, divindade cultuada no Candomblé[76], é sincretizada no Brasil como Nossa Senhora da Imaculada Conceição, festejada no dia 08 de dezembro, mas curiosamente os pescadores

[75] A OAB encaminhou solicitação de registro do patrimônio imaterial ao IPHAN, ao IPAC e a FGM.

[76] Culto religioso estabelecido no Brasil por africanos escravizados e seus descendentes, voltando-se às forças da natureza personificados por ancestrais divinizados: Orixás, Voduns, Inquices e ao Ser Supremo Olorum, Mawu ou Nzambi, de acordo com a nação de origem.

organizam o presente para Iemanjá no dia 2 de fevereiro, se distanciando do sincretismo que liga Oxum a Nossa Senhora das Candeias, e relata a festa da seguinte forma:

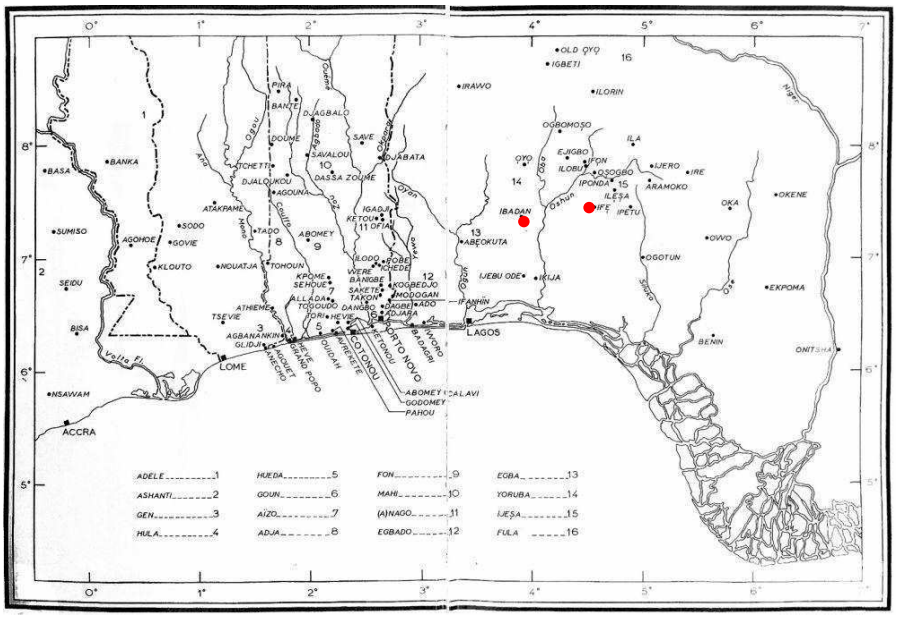
> *A festa do dia 2 de fevereiro é uma das mais populares do ano, atraindo à praia do Rio Vermelho uma mulltidão imensa de fiéis e de admiradores da Mãe das Águas. Iemanjá, em sua forma latinizada, é frequentemente representada por uma sereia com longos cabelos soltos ao vento. Chamam-na, também, Dona Janaina ou, mesmo, Princesa ou Rainha do Mar.*
> *Neste dia, longas filas se formam diante da porta da pequena casa construída sobre um promontório, dominando a praia, no local onde, nos outros dias do ano, os pescadores vêm pesar os peixes apanhados durante o dia. Uma cesta imensa foi instalada de manhã, logo cedo, e começa então um longo desfile de pessoas de todas as origens e de todos os meios sociais, trazendo ramos de flores secas ou artificiais, pratos de comidas feitas com capricho, frascos de perfumes, sabonetes embrulhados em papel transparente, bonecas, cortes de tecido e outros presentes em dinheiro, assim como colares e pulseiras. Tudo é arrumado dentro da cesta, até que, no final da tarde, ela está totalmente cheia com as oferendas, as flores colocadas por cima. O presente para Iemanjá, transformado numa imensa corbelha florida, é retirado com esforço da pequena casa e levado, em alegre procissão, até a praia, onde é colocado num saveiro. O entusiasmo da multidão chega ao seu ponto máximo; não se escutam senão gritos alegres, saudações a Iemanjá e votos de prosperidade futura. Uma parte da assistência embarca a bordo dos saveiros, barcas e lanchas a motor. A flotilha dirige-se para o alto-mar, onde as cestas são depositadas sobre as ondas. Segundo a tradição, para que as oferendas sejam aceitas, elas devem mergulhar até o fundo, sinal da aprovação de Iemanjá. Se elas boiarem e forem devolvidas à praia, é sinal de recusa, para grande tristeza e decepção dos admiradores da divindade.* (VERGER, 2018: 198-199).

Sobre o início da festa Lopes (2008, p.60) relata o que segue:

> *Os primeiros responsáveis pelas festas foram três pescadores: Alípio Capenga, Saturnino apelidado de Salu, e Florentino apelidado de Fulô e também Olavo e Clemente Tanajura, sendo que os dois últimos não eram pescadores, eram peixeiros, negociavam com peixe. Estes cinco, auxiliados pelos outros pescadores, conseguiram uma caixinha de papelão, cada um botou seu presente que constava de perfumes, pós-de-arroz, sabonetes, espelhos e outras coisas, botaram a caixinha dentro de um balaio, enfeitaram com muitas flores e fitas, fizeram muitos pedidos para Iemanjá ajudar, botaram no saveiro com bandeiras de papel, onde embarcaram os encarregados*

> *do presente. Outras embarcações levaram outros pescadores e as famílias, e os amigos que quiseram embarcar; foram batendo palmas, cantando sambas e soltando muitos foguetes. Quando chegaram no lugar apropriado, o saveiro que levava os presentes, que ia na frente dos outros, estancou a carreira, botaram as flores no mesmo lugar. Voltaram, chegaram em terra, fizeram um samba de roda, se divertiram até alta noite.* (LOPES, 2008: 60).

VERGER (2018, p. 196) relata que na África *Iemanjá, cujo nome deriva de Yèyè ọmọ ejá ("Mãe cujos filhos são peixes"), é o orixá dos egbá, uma nação ioruba estabelecida outrora na região entre Ifé e Ibadan, onde existe ainda o rio Yemoja.* No Brasil Iemanjá é uma divindade popular ligada mais às águas salgadas, que às águas dos rios.



VERGER (2002)

Figura 50: Mapa da África, com localização de Ifé e Ibadan.

As homenagens à Rainha do Mar se iniciam com alvorada, por volta das 5 horas, sendo agradecido o ano de proteção e a fartura das águas salgadas. Vale observar que é tradição os pescadores providenciarem um presente especial, que encomendam a um artista plástico local. Nos últimos anos eles

têm se preocupado em oferecer presentes biodegradáveis[77], devido à necessidade de garantir a preservação ambiental[78], prática que vem sendo também adotada pela população, orientada por dirigentes e praticantes do culto nesse sentido.

A festa, que é seguramente uma das mais representativas da cidade, chega a atrair mais de 100 mil pessoas ao bairro e conta com apoio de instituições públicas[79], o que é fundamental, devido à instalação de comércio informal no entorno[80] e à grande circulação pelas ruas e adentrando o mar. Percebe-se logo cedo a presença de grupos de manifestações culturais tradicionais, como capoeiristas, baianas de acarajé, afoxé Filhos de Gandhi, entre outros e hotéis e restaurantes locais promovem pacotes com almoço e apresentações artísticas, como atração a parte.

De acordo com LUZ (2017: 16), os principais valores das tradições culturais jeje-nagô, que se destacam na formação do patrimônio negro em terras brasileiras, são expressos por meio da linguagem religiosa, que estabelece relação constante entre esse mundo e o além - o *aiyê* e o *orun*, lembrando que na África esses valores religiosos permeiam as relações do homem com o mundo natural. Quanto ao mérito de preservação da Festa de Iemanjá, vale observar as palavras do entrevistado Leonel Monteiro, Presidente da Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro-Ameríndia (verbal)[81]:

[77] Vale registrar que houve denúncia de que o atual presidente da colônia nem sempre atende a essa preocupação dos pescadores. Foi-nos dito, como exemplo, que a escultura de uma tartaruga foi feita em fibra de vidro e teve que ser quebrada por eles, em alto mar, pois não estava afundando, sendo observado isopor no seu interior, razão pela qual nunca afundaria.

[78] No presente da Festa de Iemanjá do último dia 2 de fevereiro/2019, foi oferecida uma concha feita em papel reciclado, que ganhou flores e uma imagem da Rainha do Mar.

[79] Divulgação e apoio da SALTUR, presença de militares da marinha, manutenção pela SEMAN, LIMPURB, responsável pela limpeza urbana, segurança pela Polícia Militar, controle de tráfego de veículo, pela TRANSALVADOR, salva vidas da SALVAMAR, entre outros.

[80] Comércio de flores, bebidas, comidas típicas, etc.

[81] Entrevista concedida por MONTEIRO, Leonel. Entrevista VIII. (12.2019). Entrevistador: Milena Luisa da S. Tavares, 2019. Arquivo.mp3 (01:15h).

> *É a única festa que não há sincretismo, ela é simplesmente Festa de Iemanjá. Não há sincretismo com nenhum santo católico, por exemplo, embora alguns estudiosos coloquem que ela teve sua origem na antiga festa de Sant'Anna, de São Pedro, aí no Rio Vermelho, mas a gente conversando com as pessoas de candomblé mais antigas, e a nossa participação também pessoal, nos aponta que num determinado momento, lá na década de 1920, por aí os pescadores estavam muito preocupados com a diminuição de peixes, do pescado para sobreviverem, e aí fizeram um pedido a Iemanjá e ofertaram uma oferenda e, logo em seguida, teve em abundância de pescado. Então, a partir daí é que de fato aquilo que já acontecia, porque as pessoas, desde sempre, já arriaram e arriam suas oferendas pra Iemanjá, lá no Rio Vermelho e em outros cantos de Salvador e do estado também, mas ali foi que, por conta deste episódio com os pescadores, ganhou essa força que a gente vê hoje. Isso nos mostra a força que tem o culto a esta divindade do panteão africano e que traz às praias do Rio Vermelho uma serie de terreiros de candomblé, de umbanda e de outras vertentes também das religiões afro-ameríndias, que vêm de todo estado e de outros estados fora da Bahia, pessoas de todo canto e estrangeiros também, para reverenciar, para agradecer, para conhecer, pra saudar essa divindade tão popular em nosso país que é Iemanjá. Então, é de fundamental importância que a gente tenha preservado, salvaguardado essas práticas publicas neste espaço uma vez que as áreas publicas ou os espaços públicos como os rios, mares, matas, são a extensão dos terreiros de candomblé. Então, essas áreas precisam ser preservadas, para que a prática dos saberes e fazeres ancestrais sejam cultuados e perpetuados. Então, para além da festa em si, ali também está sendo perpetuado, está sendo passado para as futuras gerações, do seu mais velho para o seu mais novo, todo um legado ancestral africano do culto a Iemanjá. Não é simplesmente ir lá e ofertar. Não. Ali vai acompanhado de rezas ancestrais, de toques de instrumentos sacros ancestrais, a forma de fazer as oferendas, a forma de arrumar os balaios, a forma com que arreia o presente, tudo isso tem um aprendizado, vem de todo um legado ancestral e que precisa ser preservado. Então preservar esse patrimônio, no seu aspecto imaterial e no seu aspecto material, envolvendo toda a ambientação do Rio Vermelho, como a Casa do Peso, e particularmente aquele quarto onde são depositadas oferendas dedicadas a esta divindade, naquele local, é de suma importância, pra que a gente tenha a garantia da continuidade desta festa tão linda que se constitui hoje, a maior festa religiosa pública, não sincrética do país.* (MONTEIRO, 2019).

E do Presidente da AMARV Lauro Matta (verbal)[82]

[82] Entrevista concedida por MATTA JÚNIOR, Lauro. Entrevista VI. (12.2019). Entrevistador: Milena Luisa da S. Tavares, 2019. Arquivo.mp3 (21:28 min.).

> *A importância, não tem, está acima de qualquer parâmetro, não existe, importância... mil! entendeu? Porque é uma festa que foi, segundo os livros, inclusive a gente tem livros aqui, surgiu com pescadores e hoje é uma festa internacional. No dia 03 de fevereiro, 04, você vê em qualquer canal de televisão, inclusive do exterior, você vê a festa. Então, a importância é ímpar. O que necessita, é que os órgãos: federal, estadual, municipal, que esse cuida, olhe pra essa festa com mais carinho.* (MATTA JÚNIOR, 2019).

No Rio Vermelho a devoção ao culto de Iemanjá é também percebida em esculturas implantadas no espaço público, sendo essas: Estátua de Iemanjá, localizada frente à Casa do Peso, do artista Manoel Bonfim; Odoyá, frente ao largo da Dinha, do artista Ray Vianna, Iemanjá, em mosaico cerâmico implantado em alvenaria de contenção próximo a Casa do Peso, no nível da praia, de autoria do artista Bel Borba, escultura de Iemanjá implantada no Largo da Mariquita concebida pelos artistas Tatti Moreno e Renato Viana, além de vários grafites, estampados em muros e fachadas de imóveis locais, reforçando o significado simbólico da festa para a identidade da cidade.

Além da manifestação religiosa, há um momento profano na festa principalmente quando ocorre o encerramento do presente, por volta das 18h, pois se intensifica os equipamentos sonoros na região, que só deverão ser desligados às 22h, a fim de atender a orientação da prefeitura.

A fim de preservar a Festa de Iemanjá como patrimônio imaterial do município, se buscou a identificação dos elementos culturais que compõe a manifestação, conforme pode ser avaliado na leitura do Laudo Etno Histórico, produzido pela Doutora Cristiane Sobrinho Costa, que realizou o inventário da festa, retratando sua história, o modo como os pescadores se estruturam no seu próprio espaço, os valores atribuídos aos elementos e as fragilidades, que merecem atenção e investimento em ações que venham a garantir a permanência da expressão cultural para as próximas gerações.

O Registro, conforme instituído pelo IPHAN, por meio do Decreto n° 3551/2000, e também aplicado pela PMS, por meio da Lei n° 8.550/2014,

regulamentada pelo Decreto n° 27.179/2016, que tende a ser complementar à política de preservação Federal e Estadual, é o instrumento de proteção legal voltado ao reconhecimento e valorização do patrimônio cultural imaterial brasileiro, devendo o dossiê técnico, que traduz o bem cultural em consideração, ser submetido inicialmente à apreciação pública, para que todos (as) interessados (as) possam se manifestar, de forma a contribuir com a análise e decisão do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. A seguir se registrou ações identificadas como indicadores para o plano de salvaguarda, a ser construído com os pescadores, caso haja parecer conclusivo favorável ao registro

Manifestamo-nos favoráveis ao Registro Especial da Festa de Iemanjá, por considerar que a manifestação resguarda relevância para inscrição no Livro do Registro Especial dos Eventos e Celebrações, atendendo aos requisitos da temporalidade, caráter dinâmico e grande expressividade para a cultura afro-brasileira. Trata-se de manifestação de referência na cidade, merecendo atenção especial, divulgação e apoio de órgãos públicos às necessidades apontadas pelos pescadores, devendo ser desenvolvido um Plano de Salvaguarda junto aos mesmos, para fortalecer a tradição.

É o parecer, S.M.J.

Atenciosamente,

Milena Luisa da S. Tavares
Diretora de Patrimônio e Humanidades / matrícula 3127555
Arquiteta urbanista – CAU A 27.294-9
Especialista em Conserv. e Rest. de Monum. e Sítios Históricos – CECRE/UFBA
Especialista em Gestão de Cultura dos Estados do Nordeste – UFRP

REFERÊNCIAS:

FONSECA, Maria Cecilia Londres. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2.ed. rev. Ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Minc – Iphan, 2005.

LOPES, Licídio. Rio Vermelho e suas tradições; memórias. Salvador. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984, página 60.

LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira. 4ª Ed. – Salvador: EDUFBA, 2017. 507p. il.

MATTA JÚNIOR, Lauro Alves da. Entrevista VI. (12.2019). Entrevistador: Milena Luisa da S. Tavares, 2019. Arquivo.mp3 (21:28 min.)

MONTEIRO, Leonel. Entrevista VIII. (12.2019). Entrevistador: Milena Luisa da S. Tavares, 2019. Arquivo.mp3 (01:15h).

RODRIGUES, José Eduardo Ramos; MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. Estudos de direito do patrimônio cultural. Belo Horizonte: Fórum, 2012.

UNESCO. Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage, Paris, 17 October 2003.Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006.

VERGER, Pierre Fatumbi. Notícias da Bahia de 1850. Salvador: Corrupio, F.C.Ba, 1981. 200p.

VERGER, Pierre Fatumbi (1902-1996). Tradução Maria Aparecida da Nóbrega. Orixás: deuses iorubas na África e no novo mundo. 6.a ed. Salvador: Corrupio, 2002. 295p. il.

VERGER, Pierre. Orixás: deuses iorubas na África e no novo mundo. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018. 308p. : Il.

VIANNA, Hildegardes. Folclore brasileiro: Bahia. Rio de Janeiro: Portinho Cavalcanti Editora Ltda, 1981.

1.7.0 – PROPOSTAS DE SALVAGUARDA

Milena Luisa da Silva Tavares

Visando cumprir o que indica a Lei 8.550/2014, Cap. III Do Registro Especial do Patrimônio Imaterial, Art. 21 inciso III, registramos a seguir ações, que devem ser buscadas para a melhoria das condições sociais e materiais dos produtores da manifestação e de transmissão e reprodução da festa de Iemanjá:

- Promover encontros visando à elaboração do Plano de Salvaguarda junto com os pescadores da Colônia Z1, caso a Festa de Iemanjá seja registrada como patrimônio da cidade do Salvador;
- Apoiar a promoção de auditoria na Colônia Z1 e a revisão do estatuto, prevendo nova eleição para presidente, organizada e confiável;
- Realizar mapeamento e apoiar o cadastramento dos pescadores da Colônia Z1 em programas de apoio social;
- Apoiar os pescadores na conquista por melhores condições de saúde, educação e direitos sociais;
- Auxiliar o acesso e estimular a participação dos pescadores em cursos de capacitação e empreendedorismo;
- Estimular a implantação de escola de pesca na Colônia Z1, para transmissão dos conhecimentos da pesca artesanal;
- Garantir que a comissão responsável pela organização da festa seja eleita anualmente e que seja composta majoritariamente por pescadores;
- Garantir que o artista plástico contratado utilize apenas material reciclado na confecção do presente principal;
- Garantir a não circulação de trio e mini trio no circuito da festa;
-

- Buscar ampliar o efetivo de policiais, para garantir a segurança no espaço público onde ocorre a manifestação;
- Estimular e apoiar os pescadores na captação de recursos seja para manutenção ou adquirir novos barcos, os equipamentos necessários a atividade de pesca e para a realização da festa;
- Promover a valorização e a divulgação da Festa de Iemanjá;
- Estimular a produção de documentários e publicações sobre a manifestação;
- Regulamentar, junto aos órgãos responsáveis, o porte das embarcações a motor que devem ter acesso ao Porto de Santana no dia da Festa de Iemanjá;
- Estimular a elaboração de projetos de valorização e divulgação da Festa de Iemanjá.

1.8.0 – ANEXOS

Livro: Dois de Fevereiro no Rio Vermelho, Ubaldo Marques Porto Filho

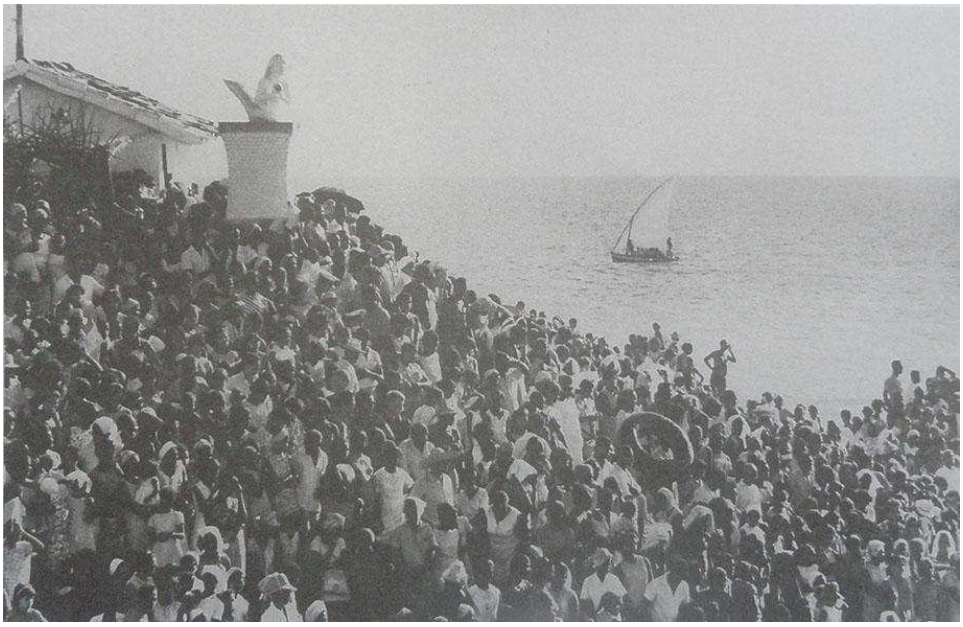


Fig. 51 - Reproduções imagens da Biblioteca Juracy Magalhães Júnior: Tonny Bittencourt /foto: Sílvio Robatto, festa de Iemanjá, 1969.

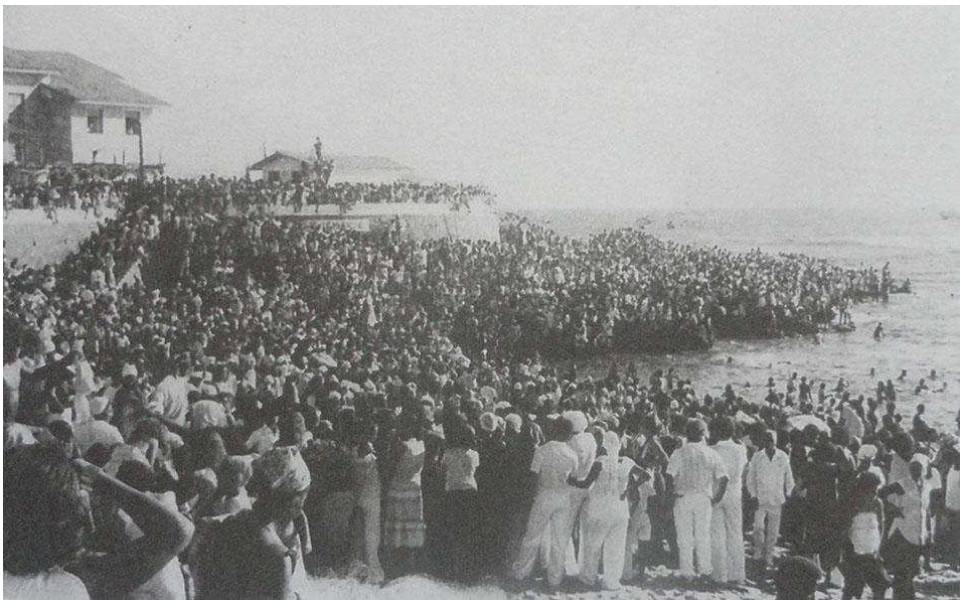


Fig. 52 - Reproduções imagens da Biblioteca Juracy Magalhães Júnior: Tonny Bittencourt /foto: Tarquínio Gonzaga, festa de 1972.

Fig. 53 - Reproduções imagens da Biblioteca Juracy Magalhães Júnior: Tonny Bittencourt/ foto: Tribuna da Bahia, festa de 1987.

Fig. 54 - Reproduções imagens da Biblioteca Juracy Magalhães Júnior: Tonny Bittencourt /foto: Acervo da Biblioteca, Quadro Existente na Casa do Peso.

Fig. 55 - Reproduções imagens da Biblioteca Juracy Magalhães Júnior: Tonny Bittencourt /foto: Michael Wanner, Mãe Aíce de Oxossi – desde 1994, comanda os rituais religiosos da Festa de Iemanjá. Festa de 1980.

Fig. 56 - Reproduções imagens da Biblioteca Juracy Magalhães Júnior: Tonny Bittencourt / foto: Yvonne Schoucair Caria, Carro Alegórico com o Bando Anunciador de 1962, com a Rainha do Rio Vermelho, Sandra Caria.

Fig. 57 - Reproduções imagens da Biblioteca Juracy Magalhães Júnior: Tonny Bittencourt /foto: Acervo da Biblioteca, cedida por Carlos Onias Almeida de Barros (Caito), José Raimundo Ferreira de Barros (Zequinha Elefante), que durante vários anos interpretou o personagem do Arauto do Bando Anunciador. Festa de 1949.

Fig. 58 - Reproduções imagens da Biblioteca Juracy Magalhães Júnior: Tonny Bittencourt /foto: Raimundo Sampaio, Imagem de Senhora Sant'Ana sendo transladada p/ nova Igreja Matriz do Rio Vermelho, na noite de 26 de julho de 1967, acompanhada, dentre outros paroquianos, Osório Villas Boas (1), João Pinheiro (2), Aurélio Souza (3), e Affonso Taboada Souza (4).

Fig. 59 - Reproduções imagens da Biblioteca Juracy Magalhães Júnior: Tonny Bittencourt / foto: Acervo da Biblioteca, Presentes da Festa de Iemanjá de 1989.

Fig. 60 - Reproduções imagens da Biblioteca Juracy Magalhães Júnior: Tonny Bittencourt /foto: Acervo da Biblioteca, Abertura dos Festejos de Iemanjá, ACM. Festa de 1968.

Fig. 61 - Reproduções imagens da Biblioteca Juracy Magalhães Júnior: Tonny Bittencourt /foto: Sílvio Robatto, festa de Iemanjá 1969.

Imagens SALTUR/PMS, 02.02.2018 – Autoria: Bruno Concha

Fig. 62 – Vista da Colônia Z1 no dia 02.02.2018.

Fig. 63 – Presente principal 02.02.2018.

Fig. 64 – Presente para Iemanjá, 02.02.2018.

Fig. 65 – Vista do Porto de Sant'Anna no dia 02.02.2018.

Fig. 66 – Vista das embarcações, dia 02.02.2018.

Fig. 67 – Movimento na areia e na rua, dia 02.02.2018.

Imagens - FGM/PMS, autoria: Tonny Bittencourt

Fig. 68 – Vista do peji de Iemanjá, na Colônia Z1, em 15.11.2019.

Fig. 69. Peji de Iemanjá, em outro ângulo, em 15.11.2019.

Fig. 70 – Porto de Sant'Anna, em 2008.

Fig. 71 – Saudação para Iemanjá na saída da embarcação, em 2008.

Fig. 72 - Fiéis entregando presente a Iemanjá

Fig. 73 – presença de integrantes do candomblé.

Fig. 74 – Presença de integrantes do candomblé.

Fig. 75 – Registro de instalação artística do artista Ray Vianna, em 2008.

Fig. 76 – Balaios com presentes para Iemanjá, em 2008.

Fig. 77 – Registro de alagbê, na Festa de Iemanjá.

Imagens autoria: Paulo José Teles Filho, dez. 2019.

1.8.2 – Acervo em Bibliotecas Públicas da Cidade do Salvador

Biblioteca Ruy Barbosa / IGHB

Livro	94(813.8)Salvador / C332 - CARYBÉ. As sete portas da Bahia. São Paulo: Martins, 1962. 332 p. il.
Livro	94(813.8) / T231 - TAVARES, Odorico. Bahia imagens da terra e do povo. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 298 p. il.
Livro	39(813.8) S / C898 - CRAVO NETO, Mário. Bahia. São Paulo: Rhodia, 1980. 138 p. il. Índice fotográfico; biografia do autor.
Catálogo	141.338 / I97 - IWASHITA, Pedro Kuniharu. Maria no contexto da religiosidade popular brasileira: análise religiosa e psicológia do sincretismo entre Maria e Iemanjá, na perspectiva de C. G. Jung. Friburgo; Suiça: [s. n.], 1987. 609 p. il.
Catálogo	141.338 / I97 - IWASHITA, Pedro. Maria e Iemanjá. São Paulo: Paulinas, 1991. 506 p. il.
Livro	299.6(813.8) / M217 - MAIA, Vasconcelos. ABC do candomblé. São Paulo: GRB, 1985. 120 p. il.
Livro	299.6(813.8) / S231 - SANTOS, Deoscóredes M. dos. Axé Opô Afonjá: notícia histórica de um terreiro de Santo na Bahia. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Estudo Afro-Asiáticos, 1962. 109 p.
Livro	94(813.8)Salvador / L864 - LOPES, Licídio. O Rio vermelho e suas tradições: memórias de Licídio. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984. 107 p. il.
Digital	FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. **Cantigas de Iemanjá.** Salvador: Casa das máquinas, 2009. CD-ROM.
Livro	94(813.8)Salvador / C332s - CARYBÉ. As sete portas da Bahia. Prefácio de Jorge Amado. Bahia: Assembléia Legislativa Bahia, 2012. 385 p. il.
Livro	94(813.8) / T231b - TAVARES, Odorico. Bahia imagens da terra e do povo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. 298 p. il.
Livro	299.6 / L821p - LODY, Raul. O povo do Santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. Rio de Janeiro: Pallas, 1995. 260 p.

Livro	94(813.8) / L864r - LOPES, Licídio. O Rio Vermelho e suas tradições: memórias de Licídio. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984. 107 p. il.

Biblioteca Manuel Querino

Livro	HIS-00879 - AMADO, Jorge. Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios. Ilustrações de Carlos Bastos. 27 ed. Rio de Janeiro: Record, 1977. 372 p. il.
Obra Rara	HIS-00100 - QUERINO, Manuel. A Bahia de outrora. Prefácio e notas de Frederico Edelweiss. Salvador: Progresso, 1946. 328 p. (Estudos Brasileiros - Série 1ª - Autores Nacionais vol.3).
Livro	ART-00854 - BIANCARDI, Emília. Raízes musicais da Bahia. Salvador: Omar G. Editora, 2006. 392 p. il.
Livro	HIS-01625 / v. 6 - BAHIA. Faculdade de Turismo. Calendário Cultural. Salvador, 1985. v. 6. 36 p. Trabalho elaborado pelos alunos da Faculdade de Turismo da Bahia sob a orientação da Profª Antonietta de Aguiar nunes, titular da disciplina História do Brasil.
Livro	HIS-02222 - CARYBÉ. As Sete Portas da Bahia. Texto e desenhos de Carybé, prefácio de Jorge Amado. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1976. 347 p. il.
Periódico	HIS-01525 – CX-67 - DEFESA do Patrimônio Cultural da Bahia. REVISTA DE CULTURA DA BAHIA, Salvador: Conselho Estadual de Cultura, n.15, p. 25-51, 1985.
Livro	ARQ-01201 - SALVADOR e a Baía de Todos os Santos: guia de arquitetura e paisagem. Coordenação Eugênio de Ávila Lins e Mariely Cabral de Santana. Sevilla: Consejeria de Obras Públicas y Vivienda, Dirección General de Rehabilitación y Arquitectura, 2012. 708 p. il. fot. col. (Guias de Arquitectura).
Livro	ANT-00302 / v. 2 - OI KABUM. Escola de Arte e Tecnologia. Almanaque 2: São Lázaro/São Brás/Iemanjá/Itapuã/Carnaval. Salvador: Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia de Salvador, [s.d.]. v. 2. n. p. il.
Livro	HIS-02371 - TAVARES, Odorico. Bahia: imagens da terra e do povo. ilustrações de Carybé. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A, [s.d.]. 291 p. il. (Coleção Prestígio, Copa, 894).

Biblioteca do Arquivo Público Municipal

Livro	398 / P412f / RPG - PENNA, Jurema. Festas tradicionais de Salvador: ciclo do verão. Salvador: PMS, 1978. ca 25 p. Publicação da Prefeitura Municipal do Salvador, por intermédio do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura.
	39(813.8) / A481b / ACERVO GERAL - AMADO, Jorge. Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios. Desenhos de Carlos Bastos. 27 ed. Rio de Janeiro: Record, 1977. 372 p.
Livro	39(813.8) / C333s / ACERVO GERAL - CARYBÉ. As sete portas da Bahia. Texto e desenhos de Carybé, prefácio de Jorge Amado. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1976. 347 p.
Livro	82-1 / G598f / ACERVO GERAL - GOES, Jayme de Faria. Festas tradicionais da Bahia. Capa de Lênio, ilustrações de Carybé e Hélio Aguiar. Savador: Progresso, 1961. 106 p.
Livro	379.85(813.8) / L763a / ACERVO GERAL - LIONS CLUBE DA BAHIA. Atrações turísticas de Salvador. Salvador: Manú, 1964. 70 p.
Livro	379.85(813.8) / T693b / ACERVO GERAL - TORRES, Carlos. Bahia: cidade feitiço. Salvador: Imprensa Oficial, 1957. 183 p. Inclui mapa turistico da cidade do Salvador.
Livro	911.375.64:94(813.8) / F981r / ACERVO GERAL - FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. Rio Vermelho. Salvador: EGBA, 1988. 145 p.
Livro	911.375.64:94(813.8) / P853r / ACERVO GERAL - PORTO FILHO, Ubaldo Marques. Rio Vermelho. Salvador: [s.n], 1991. 274 p.

Biblioteca da Fundação Mário Leal Ferreira

Periódico	BAHIA ANÁLISE E DADOS / v.19, n.3 - PORTELA, Thais de Bhanthumchinda. Considerações sobre algumas dinâmicas socioespaciais encontradas em festas populares do condomblé: a participação nos espaços públicos. Bahia Análise & Dados, Salvador: SEI, v.19, n.3, p. 849-862, jul./set.2009. ISSN 01038117.
Periódico	MUITO / , n.302 - Muito. Salvador: A Tarde, n.302, 02 fev. 2014. 29 p. ISSN 1984-0721.
Periódico	SUA CASA / , n.16 - LESSA, Cláudia. Charmoso por natureza moderno por vocação. Sua Casa, Salvador: A Tarde, n.16, p. 22-25, mar.2010.

Livro	MAD-103 - VALOIS, Hélio da Silva. Qualidade de vida da comunidade dos pescadores urbanos da cidade do Salvador - Bahia: praia de Santana / Rio Vermelho. Salvador: [s.n.], 2006. 52 p. il. color.
Foto	CAR-459 / Acervo Fotográfico - SALVADOR. Orgão Central de Planejamento. Orla Marítima: fotografias aéreas. Salvador: OCEPLAM, [1978]. 07 fot., p&b. tam.0,18x0,24cm.
Livro	URB-664 - BRANDAO, Maria de Azevedo. Linhas de ação de um programa de valorização da identidade da cidade. Salvador: [s.n.], 1979. 20 p.

Biblioteca Central do Estado da Bahia

Coleção Reconcavo / 1951 - (Livros)

TAVARES, Odorico; MAIA, Vasconcelos; PEDREIRA, José; ROCHA, Carlos Eduardo da; VERGER, Pierre. Coleção Reconcavo. Salvador: Turista, 1951. 10 cadernos

Número de chamada: 398 C655 XX

Acervo: 147016

2.

Dois de fevereiro no Rio Vermelho : tudo sobre a mais monumental festa de Yemanjá do mundo / 2009 - (Livros)

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. Dois de fevereiro no Rio Vermelho: tudo sobre a mais monumental festa de Yemanjá do mundo. Salvador: ACIRV, 2009. 95 p. ISBN 9788590337867.

Número de chamada: 394.2 P881d

Acervo: 136642

3.

Festa de Yemanjá, A / 2014 - (Livros)

CARYBÉ. A Festa de Yemanjá. Salvador: Correio da Bahia, 2014. Não paginado (Coleção As Sete Portas da Bahia). ISBN 9788568287040.

Número de chamada: 309.18142 C329f

Acervo: 155595

ACERVO LITERÁRIO DA FESTA DE IEMANJÁ QUE CONSTAM NA BIBLIOTECA JURACY MAGALHÃES JÚNIOR – RIO VERMELHO

- DOIS DE FEVEREIRO NO RIO VERMELHO
  Ubaldo Marques Porto Filho
  Salvador - 2009

- O RIO VERMELHO E SUAS TRADIÇÕES: memórias de Licídio Lopes
  Fundação Cultural do Estado da Bahia
  Salvador - 1984
  As Festas do Rio Vermelho pág. 47 a 56.

- RIO VERMELHO
  Projeto História dos Bairros de Salvador, Assessoria de Projeto Especiais da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Empresa Gráfica da Bahia.
  Salvador: O Projeto, 1988
  As Festas do Rio Vermelho Pág. 99 a 113

- RIO VERMELHO DE CARAMURU A JORGE AMADO
  Ubaldo Marques Porto Filho
  Salvador - 2009
  Festa do Rio Vermelho Pág. 28 a 29.

- RIO VERMELHO
  Ubaldo Marques Porto Filho
  Rio Vermelho, Salvador: AMARV, 1991
  As Grandes Festas, cap. V Pág. 89 a 106.

- FESTAS POPULARES DA BAHIA: FÉ E FOLIA
  Nelson Varón Cadena.
  Salvador: Edição do Autor, 2015.

OBS: A BJMJr/ Rio Vermelho possui um acervo fotográfico, reportagens, revistas e recortes de jornais referentes a Festa Yemanjá.

Salvador, 28 de novembro de 2019

DOC. Nº:

ASSUNTO: Festa do Rio Vermelho

Festa do Rio Vermelho: a volta às tradições.

A comissão de festejos do Rio Vermelho informou ontem que todos os preparativos para a tradicional festa do bairro já foram encerradas e que as afirmativas do Padre Raimundo Machado, vigário da Paróquia de Santana, de que não será realizada a lavagem da Igreja, conforme programado, não atrapalhará a festa porque, se for o caso, eles farão a lavagem das paredes e escadas.

Quanto isto, as primeiras barracas começam a se instalar no Rio Vermelho, para sustentar a participação popular na festa, que tem o seu ponto alto no dia 2 de fevereiro, quando cerca de 100 embarcações de todos os tipos e portes vão ao mar, carregadas de presentes, que são jogados a duas milhas da praia, para Iemanjá, a "rainha das águas".

VOLTA AS TRADIÇÕES

Este ano, a comissão encarregada dos festejos do Rio Vermelho resolveu dar à festa um cunho religioso além da sua tradição popular. Assim, programaram para o dia 3 de fevereiro a lavagem da Igreja, a exemplo do que é feito em outras festas de bairro, como Pituba e Bonfim. O vice-presidente da comissão, Eulírio Menezes, disse que isto não constitui novidade, uma vez que a festa, até 20 anos atrás, contava com todo o apoio da Igreja e havia não só a lavagem, mas também uma procissão com a imagem de Nossa Senhora de Santana.

— Depois — conta Eulírio — veio um padre para a Paróquia e com o seu egoísmo alegou que o povo fazia da festa bagunça. Acabou com as atividades ligadas à religião.

A comissão decidiu voltar às velhas tradições e incluiu no programa da festa a lavagem da Igreja, encontrando resistência por parte do vigário, que distribuiu uma nota à imprensa, negando a realização da lavagem e esclarecendo que a festa "não tem ligação com a Igreja, nem caráter religioso cristão". Ao que parece, as afirmativas não amedrontaram a Comissão, que afirmaram: "Mesmo ficando a Igreja fechada, lavaremos os degraus e as paredes. A menos que a Polícia venha impedir".

TRADIÇÃO DOS PESCADORES

Eulírio Menezes revelou que há mais de 40 anos a festa foi instituída. A princípio contando apenas com a participação dos pescadores, que lançavam ao mar presentes para "a rainha das águas". Depois, os moradores do bairro foram começando a se interessar pela festa e ela foi se popularizando, contando hoje com o apoio do povo e dos turistas, "que ficam fascinados e querem fotografar tudo".

Desde ontem começaram a chegar as primeiras barracas, apesar da programação oficial só ter início no próximo dia 29 com um grito de carnaval, às 20 horas. A partir daí começa o movimento, que segundo Eulírio se intensifica a partir do dia 2 de fevereiro. No dia 30 será conhecida a Rainha da festa, escolhida entre quatro candidatas, todas moradoras do bairro. A rainha será aquela que conseguir vender mais votos e o dinheiro arrecadado será utilizado pela comissão para os festejos em louvor a Iemanjá.

Além do dinheiro obtido com a venda de votos, a comissão contou com a ajuda de moradores do Rio Vermelho, do Governo, da Prefeitura e doações feitas através do "Livro de Ouro" para compra dos presentes para Iemanjá. Eulírio calcula que cerca de Cr$ 5 mil serão empregados na festa.

PRESENTE SECRETO

No dia 2 de fevereiro, a festa do Rio Vermelho terá seu momento de maior beleza e movimentação. As 12 horas, os pescadores e a comissão encarregada dos festejos oferecem um almoço ao povo e começam os preparativos para a entrega dos presentes a Iemanjá. Durante todo o ano, os devotos da "rainha das águas" levam presentes que são guardados em uma casinha no Rio Vermelho, junto a uma imagem da padroeira dos pescadores. Os presente são colocados em balaios, assim como o presente "maior", construído por um pescador e que Eulírio diz ser secreto.

Embarcações de todos os terminais de Salvador e os saveiros que pertencem a pescadores do Rio Vermelho, vão para o mar e jogam os presentes para Iemanjá. A saída das embarcações será às 16 horas e, de acordo com Eulírio, elas levarão 150 balaios com ofertas para a "Mãe d'Água", na sua maior parte bonecas, talcos, perfumes, pentes e maquiagens. Na volta do mar, as embarcações são recebidas com fogos de artifícios, que dão como encerrada a festa de Iemanjá.

PROSSEGUE A PROGRAMAÇÃO

Com o encerramento da festa de Iemanjá, o samba começa a tomar conta das barracas instaladas no Rio Vermelho e prosseguem as programações da Comissão. No dia 3 de fevereiro será a lavagem da Igreja, às 11 horas, e no dia 5 ternos e ranchos de todos os bairros se apresentarão no palanque armado pela Prefeitura. No dia 6, a Comissão prepara mais uma surpresa para o povo: a apresentação do "Mula Trio", que é um trio elétrico improvisado em cima de uma carroça. Além do "Mula Trio", às 10 horas, a festa será animada por cordões, batucadas, trio elétrico, afoxés e blocos carnavalescos. Para este dia está previsto um banho de mar à fantasia e a comissão faz um apelo aos organizadores de blocos e batucadas para que compareçam à festa.

Ainda no dia 6, às 16 horas, o tradicional Bando do Rio Vermelho estará percorrendo as ruas do bairro. Trata-se de um desfile alegórico com a participação da Rainha da festa e de um Rei Momo. No dia 7, a festa do Rio Vermelho será encerrada com mais uma inovação — a entrega de um ramo de prata ao novo presidente da Comissão. Como todos os anos, no último dia da festa, a Comissão dos Festejos elegerá um novo presidente, que terá o encargo de organizar toda a programação durante o ano de 78. Este ano, o presidente da comissão, Armando Amorim, resolveu mandar fazer um ramo de rosas, em prata, para oferecer ao escolhido para o próximo ano. A entrega do ramo será feita às 23 horas, com queima de fogos de artifícios.

Iemanjá, a Rainha das Águas: no Rio Vermelho tudo pronto para os festejos em sua homenagem, no próximo dia Dois de fevereiro.

MAR LEVOU AS FLÔRES DE IEMAN

ram locais mais desertos, vão em ônibus especiais, vestidos com trajes usados nas reuniões internas e presenteiam Iemanjá com cânticos.

Também jogam presentes nas águas, pedindo, em troca, uma dose maior de fôrças, capaz de ajudá-los a enfrentar os futuros problemas da vida.

Diz Mauro Pôrto que os umbandistas têm até medo de que seu dia (por decreto o de 31 de dezembro é o Dia do Umbandista desde 1967) seja transformado em nôvo carnaval popular. Essa é uma das causas de sua preferência por locais afastados.

— Êsses grupos que aparecem na Zona Sul carioca — afirma — são apenas um atrativo turístico, desfigurado e explorado por pessoas estranhas. Até faquires aparecem engolindo pregos - para ganhar dinheiro.

"Arroio dos Quilombolas de Palmares,
Arroio do Desemboque do Quizongo,
Arroio de Exu do Bodocó, vos ofereço maconha de pito, quitunde, quibombe, quingombô. Assim, sim!" (*)

Eis uma descrição dos rituais da Zona Sul carioca, feito pelo suplemento Poder Jovem do Jornal dos Sports, em 2 de janeiro de 1968:

"Em Ipanema, de 10 em 10 minutos, uma imagem de rainha, cercada de velas. Em volta de cada terreiro há tanta gente que é difícil ver direito. O dia inteiro foi gasto na preparação da cerimônia. Iemanjá é mulher e é vaidosa. É preciso escolher com cuidado para agradar uma mulher vaidosa. Flôres, perfumes, pentes brancos, champanhas, fitas e espelhos são ofertados orgulhosamente!

De um modo geral, entre os médiuns há mais mulheres. O atabaque bate: começa a cerimônia Os médiuns saúdam os orixás; é o bate-cabeça: "Salve a pemba, salve a toalha, salve a coroa de Nossa Senhora." Crentes e curiosos caminham entre os terreiros e tendas para conversar, pedir conselhos ou mesmo entrar no ritual. As chamas das velas parecem acompanhar os rodopios das saias brancas das babás e filhas-de-santo que rodam ao som dos atabaques.

Meia-noite. É hora de ir para o mar: o momento da entrega, Janaína preside a cerimônia. Já se cantaram os pontos dos orixás e as divindades estão presentes. Foguetes, ritos e os pontos tornam-se cada vez maiores. Os fiés caminham para a frente, muitos dos curiosos imitam o gesto. Ouve-se o estampido das garrafas de champanha. É o auge.

Os orixás tomam os filhos-de-santo na beira d'água. Como homenagem final a Iemanjá. Um a um, os médiuns são batizados. As preces são ditas. É meia-noite e os fiéis começam a voltar ao terreiro armado na praia muitos trazem nas mãos garrafas ou vasilhas com a água da rainha. No rosto de cada um vem estampada a confiança de que Iemanjá lhes dará um ano de alegrias. E os cânticos vão até de manhã, quando chegam os primeiros banhistas".

Essa festa de Iemanjá é o maior acontecimento da umbanda, o que não é de estranhar, pois ela é mais ou menos como a mãe de todos os orixás. Entre os cultos afro-brasileiros, só óxiste uma festa maior: a sangrenta e impressionante iniciação das filhas-de-santo na Bahia. Eis como a revista Siete Dias, da Argentina, a descreveu em 19 de janeiro dêste ano:

"Todos os anos, na segunda quinzena de janeiro, a cidade de Salvador estremece em meio a um cataclismo místico, primitivo e pagão (...) em entusiasmo popular que só p o d e ser comparado ao do caranaval do Rio de Janeiro (...)

Um elevado número de noviças (iáo) se gradua como filhas-de-santo: é um espetáculo deslumbrante, adereçado com ritmos de bongôs e sacrifício de sangue.

Uma vez que as iáos passaram o tempo de prova e que entesouraram todos os implementos necessários para a tomada do hábito, recolhem-se a um recinto especial e juntas integram um grupo

que recebe o nome de barca É o primeiro rito do rigoroso processo de iniciação, que dura uma semana inteira.

A primeira etapa consiste em submeter a noviças a um banho coletivo de purificação, ao ar livre e na presença de uma elite de veteranos. A sacerdotisa em chefe é quem derrama sôbre as acólitas uma cascata de fôlhas verdes, símbolo da entrada da natureza. A partir dêsse instantes são frequentes os banhos rituais (ariaxé), feitos com a água salgada de um poço existente no pátio do candomblé.

Durante todo o tempo as noviças devem exibir os conhecimentos juntados durante o ano. É indispensável que saibam de memória a intrincada mitologia dos deuses africanos e os graus de parentesco que unem os diversos orixás.

Êsse primeiro exame se desenvolve em meio a danças frenéticas e delírios de êxtase. Enquanto as filhas dançam por turno os ritmos complicados e cardíacos dos tambores, um côro bate palmas, repetindo a palavra mágica **kelé, kelé**

Há um instante que deve ser respeitado zelosamente: mãe-de-santo é quando a recebe no corpo o espírito da divindade à qual pertence. É então que as noviças se submetem ao ritual da depilação. Rodeadas por todos os ornamentos do culto e por uma nutrida concorrência, as jovens sentam-se num diminuto tamborete e o ajudante do candomblé pela-lhes as cabeças e outras parte do corpo, esmerando-se para que não fique sequer um cabelo. Imediatamente a mãe-de-santo pinta-lhes o corpo de uma forma particular, que recorda os sinais e cicatrizes de nascimento entre os povos africanos.

Mais tarde, após um breve recolhimento, a mãe-de-santo abre no crâneo desnudos das jovens duas largas e profundas incisões para que por essas aberturas possam introduzir-se o espírito de orixá. O ajudante, com um cutelo ritual, começa então a sacrificar vários animais (galinhas, pombas, cabras, cachorros) e a regar a noviça com o sangue das vítimas. Dá-se começo, assim ao **bolô**, o instante em que a **iáo** recebe o espírito da divindade".

"Arraial do Exu do Aussá, vos ofereço quisama, quinanga, quilengue, quingonbô.
Tomai acaçá, abará aberém, abaú!
Assism, sim!
Tirai-me essa murrinha, êsse gôgo, êsse urufá!
Vos ofereço quitunde, quitumba, quelembé, quingombô".

Segundo as lendas africanas e brasileiras, a história de Iemanjá é cheia de incestos. De Obatalá (Céu) e Odudua (Terra) nasceram Aganju e Iemanjá, que, apesar de irmãos, amaram-se com grande intensidade casaram-se e tiveram um filho, Orungan.

Êste, quando cresceu, apaixonou-se pela mãe. Raptou-a, violou-a. Iemanjá a princípio se resignou, mas depois começou a se desesperar e fugiu Orungau perseguiu-a, até o instante em que Iemanjá caiu morta.

E seu corpo imediatamente começou a crescer, desmedidamente, os seios transformados em fontes de água, dois grandes rios que formariam um grande lago. Daquele corpo esticado e imenso aos poucos iam saindo orixás, como Ogu, comandante das guerras, Xangô, controlador dos trovões, Oya, deusa do rio, Niger, Olokum, Oloxá, Oxum, tantos outros.

Os mais eruditos atribuem a Iemanjá origens diferentes: descobrem ligações com as sereias da Mitologia Grega, a mãe-d'água do Amazonas. Estudos aprofundados provam que ela era conhecida desde há muitos séculos, nas civilizações mais antigas, pois até mesmo os povos orientais prestavam homenagens à divindade da água, comandadas por uma outra superior.

Em seu livro Léguas da Promissão, o grande Adonias Filho conta a história de uma belíssima jovem de uma comunidade amaldiçoada que poderia ser na Bahia ou no inferno ou em outro lugar qualquer, e que, como Israel no Egito, é obrigada a fugir para uma espécie de Canaã. Mas chega a um deserto impossível de atravessar,

sem comid
Então a b
se transfor
gera fartu
boquiaberto
Iemanjá.

Os umba
lam de
mas assegu
muitos os
guns de e
de, resolvi
Iemanjá.
os filhos d
podem ser
pois ela é
amor, cari
contra as
Por isto é
quem quise
próximo
trate de i
terreiros.

"Fute. C
nato. Não
avança na
vinga.
Exu, escan
fina ela, a
eu não te
homem ne

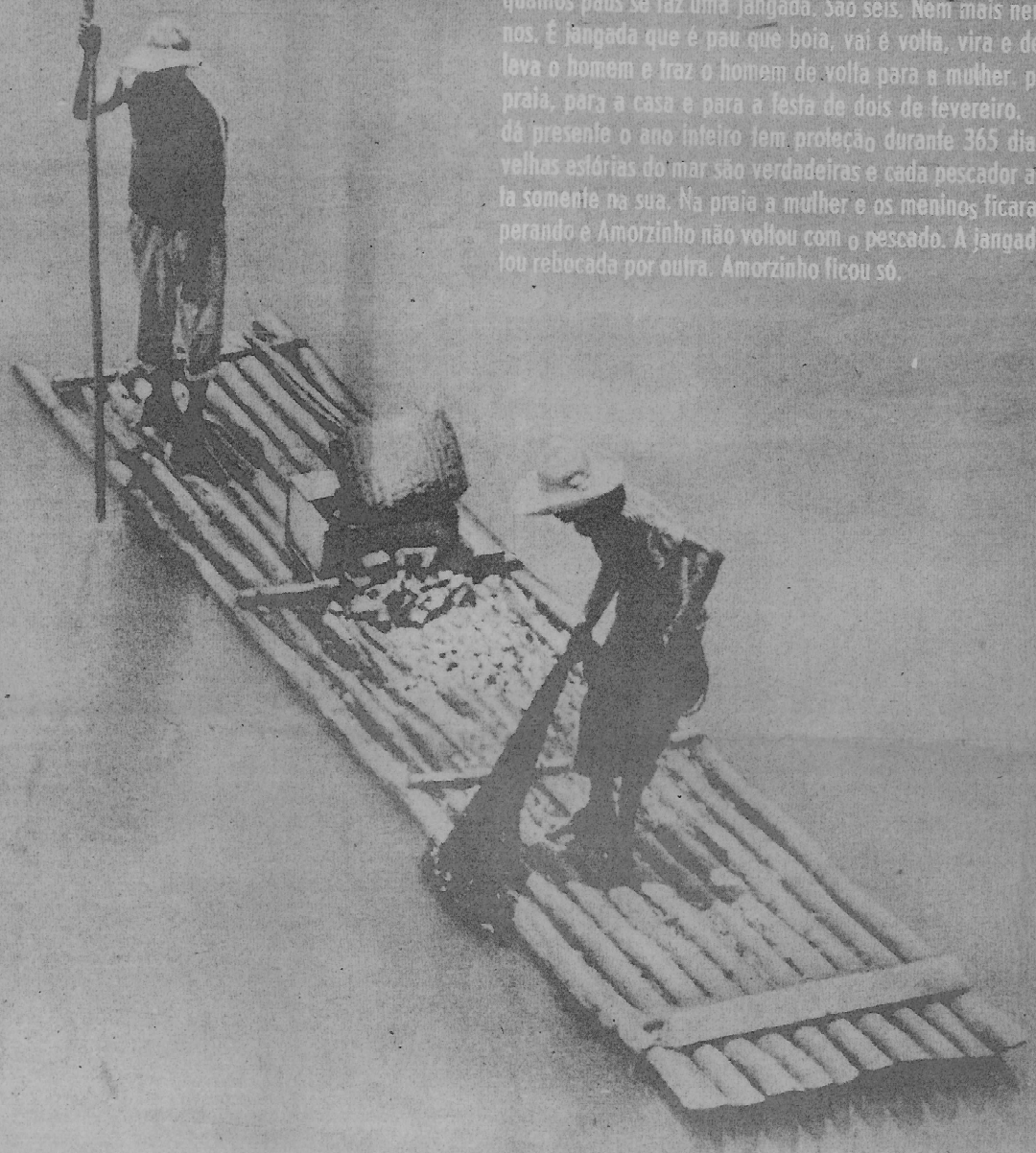
Louvado
Para se
vado". (*)

(*) Jorge
ma de Eno
(*) Jorge
tória.

Transporte marítimo

COM QUANTOS PAUS SE FAZ UMA JANGADA

A jangada saiu com Amorzinho e ficou só, lá no mar do Rio Vermelho. Até hoje ninguém sabe do seu corpo tostado. Flaviano um velho lobo das águas teve Yemanjá deitada nos seus braços sorrindo, agradecendo as flores recebidas durante o dia. Lodio, Zequinha e Renato estão curtidos, conservados no sol e sal e pelo tempo de pesca são íntimos da Dona das Águas. Quem sabe, sabe e diz com quantos paus se faz uma jangada. São seis. Nem mais nem menos. É jangada que é pau que boia, vai e volta, vira e desvira, leva o homem e traz o homem de volta para a mulher, para a praia, para a casa e para a festa de dois de fevereiro. Quem dá presente o ano inteiro tem proteção durante 365 dias. As velhas estórias do mar são verdadeiras e cada pescador acredita somente na sua. Na praia a mulher e os meninos ficaram esperando e Amorzinho não voltou com o pescado. A jangada voltou rebocada por outra. Amorzinho ficou só.

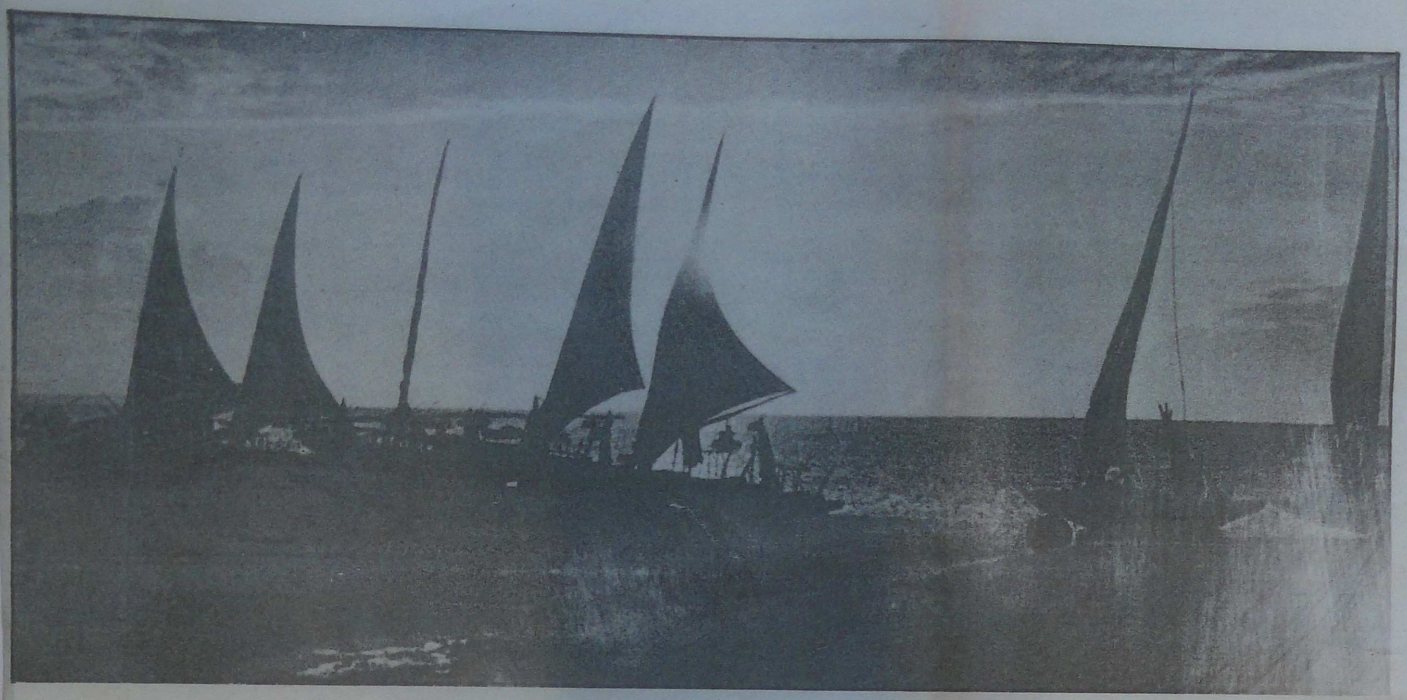


Texto de Amoz FELIX

PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR
FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS
ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL

Jangadas
DOC. Nº

PERIÓDICO Revista do Jornal da Ba.
CAD. 08 p09
DATA 1 - 10 - 72
PAG.
Nº



Velho pescador é quem diz com quantos paus se faz uma jangada. São seis. Menos disso não dá equilíbrio e o homem vai para a água. Com vela ou sem vela ela tem que ser feita com "pau verdadeiro" vindo do sul. No aracambu coloca-se a vela, logo em seguida a espadela, o que a segura, adiante os bancos e local para a vela da mezena. Duas pessoas são suficientes para o seu manejo e ao contrário do que se diz, essas embarcações viram, apesar de não ir para o fundo, não oferecendo por isso muito perigo para os seus tripulantes.

Sempre o seu uso foi para pescaria. As grandes, pelo menos na Bahia já sairam de circulação por dois motivos. Os velhos homens do mar morreram sem deixar sucessores e os atuais não dispõem de dinheiro suficiente para comprar o material necessário. As aqui existentes vêm do Ceará sobre outras, por via marítima.

A jangada está morrendo aos poucos, agoniza porque todos estão com pressa de ir buscar o peixe e voltar correndo para a venda e para casa. Os pescadores também estão acompanhando o ritmo do progresso e preferem saveiros a motor que só levam velas para um caso de emergência, a exemplo de uma pane. Há cerca de 20 anos a exemplo de uma pane. Há cerca de 20 anos a pescaria era toda feita por jangadas. Hoje o seu número é ínfimo, apesar de não haver influência na pescaria que depende unicamente da sorte e da força da maré — maré que só corre para o lado sul —. Quando está para o norte também não quer dizer nada. A que vai para o leste é a pior porque leva os peixes para os fundos e ninguém sabe onde, local imaginário inimigo número um dos pescadores. O raio de ação de uma jangada não tem limites. Com um bom vento o pescador dá uma saída de duas horas, aproximadamente, dependendo do pesqueiro, onde se encontram os cardumes.

A JANGADA FICOU SÓ

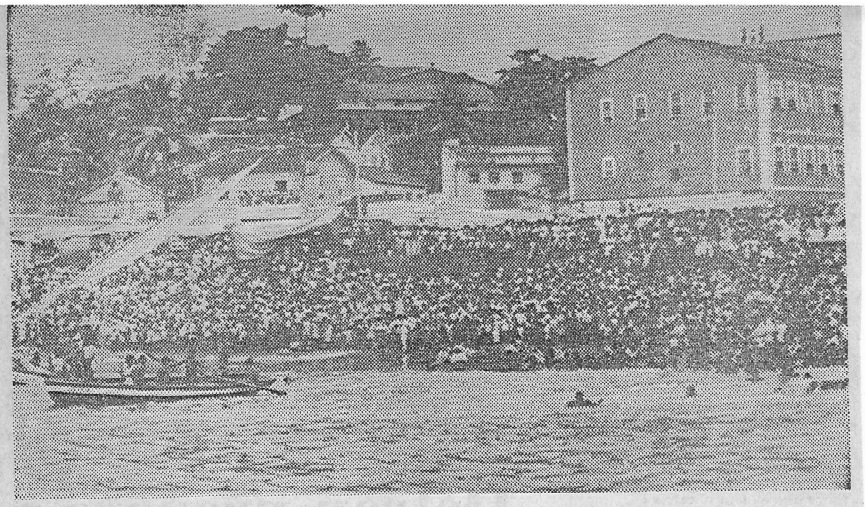
Flaviano Santos, velho pescador das bandas do Rio Vermelho moreja no mar há 30 anos. Em toda a sua vida de mar lembra-se que dois casos ocorreram e a Jangada ficou só, lá fora, dentro do mar, sem Amorzinho, o seu dono. O mesmo ocorreu com Oó. Ninguém sabe como foi nem os seus corpos foram encontrados. Ambos eram velhos, fortes e conhecedores dos mistérios dos redutos de Yemanjá. Flaviano tem a sua própria estória: perdeu o seu pai muito cedo, indo aprender ofício de pedreiro. Por causa das brigas caseiras entre o seu padrasto e sua mãe fez a esta uma promessa de que quando carbaase dinheiro a separaria daquele homem. Manoel um velho amigo, que também era da Conceição lhe levou para a primeira pescaria. Deu dinheiro na primeira vez. Flaviano Santos, para quem não sabe, é o homem responsável pela Festa de Yemanjá, no dia dois de fevereiro. Ele não diz que foi promessa, nem diz que não foi. Apenas afirma que o pouco que tem foi retirado do mar e por isso rende homenagens à Dona das Aguas. Certa feita ele se encontrava na Casa do Peso, quando chegou uma moça e lhe pediu para colocar flores na estrada de Yemanjá. O favor foi feito. Quando Flaviano foi dormir sonhou que uma moça bonita de cabelos longos deitou-se nos seus braços e balançou a cabeça como que agradecendo. Era a própria. Daí para cá, apesar de nunca ter visto nada no mar, acredita fervorosamente em Yemanjá.

OS VELHOS MARINHEIROS

Os mais velhos pescadores das águas do Rio Vermelho estão aí firmes e fortes. Todos os dias eles saem para pescar. Lidio, Zequinha, Renato e Zé Grande conhecem os segredos do mar, vão e voltam em jangadas ou em saveiros. Todos são tementes, rezam e têm as suas obrigações religiosas e de quando em quando levam os seus presentinhos. Flaviano é o homem que vem preparando o Presente de Yemanjá há 8 anos consecutivamente. Além de tomar a frente da festa, era apenas um balaio mandado da casa de uma mãe de santo. Por cima flores e o resto ninguém sabia o que era nem tinha a curiosidade de ver. De ano para ano Flaviano vem modificando as oferendas principais. Primeiro um grande peixe, uma talha, uma fonte, um reinado, uma taça e uma concha, e por último um barco, além das centenas de balaios com flores. A sua grande função é angariar ajuda, principalmente dos poderes públicos para que a festa de ano para ano cresca sem perder o cunho popular. A casa do peixe está sendo ampliada e nada de esmorecer.

A JANGADA VAI VIVER

Homem forte, do peixe bom, filho de Oxalá, ogam de Omolu, afilhado de Yemanjá, Flaviano diz que apesar do progresso e do grande surto de barcos a motor, a jangada não vai desaparecer nunca porque quem não quer se afastar muito a prefere. Apesar do número pequeno de jangada em todo nordeste, estas vão permanecer para sempre levando-se em conta também o seu custo mais acessível. Depois de pronta custa em média de 200 cruzeiros, enquanto um barco navega pela casa de 4 a 5 mil cruzeiros, o que impossibilita muitos pescadores de praticar a pesca moderna. Quem é do mar não enjoa. Jogando a jangada mais do que o barco, oferece entretanto maior segurança.



A hora do presente no mar, entre palmas, cânticos e saudações a Iemanjá.

Presentes no fundo do mar pela grandeza de Janaína

Sem muitos cânticos, mas com muitas palmas e vivas a Iemanjá, mais de cem balaios de flores, perfumes e enfeites saíram ontem do Rio Vermelho para a homenagem à Rainha do Mar. Uma pequena frota de saveiros, vindos de quase todas as praias de Salvador, aguardaram durante toda a tarde a incessante entrega de presentes para levar ao mar.

Aa maioria das pessoas achavam que esta era a festa mais concorrida de todos os anos, e que "o povo realmente participa com devoção", como observou a turista paulista Josete Barros de Almeida, que levava água de colônia, fitas e baton par Iemanjá.

MULTIDÃO

Na verdade o povo estava realmente participando da festa. A'ém da multidão que dançava e cantava nas barracas de bebidas há dias armadas nas proximidades da praia, o povo levava presentes e perigosamente se comprimia nos muros, encostas e escadaria que contorna a enseada, para acompanhar todos os lances do ritual que começou com a coleta de presentes na Casa de Peso e, depois de armazenados em balaios de vimes, erm trazidos para a beira do mar. Na praia eram depositados em lanchas e saveiros.

Os homens que desciam para a praia com os balaios de presentes enfrentavam uma vigorosa pressão dos que queriam subir ou descer ao mesmo tempo. Muita gente não sabia se subia ou descia e a maioria ficava parada no meio da escada e começavam os empurrões. Uma moça subira suja de sangue e ninguém soube a causa: se caíra ou fora cortada, mas mesmo assim ninguém desistia da movimentação e caíam xingavam, rasgavam as roupas ou perdiam bolsas e sapatos.

Em cima, na Casa de Peso, onde os presentes estavam sendo armazenados a confusão não era menor: os pescadores controlavam a entrada e saída de pessoas no pequeno salão (de pouco mais de 20 metros quadrados) mas a confusão não diminuía. Além de entregar os presentes todos queriam se aproximar da Fonte de Iemanjá que existe no local, molhando as mãos e o rosto na água. Praticamente ninguém saía dali sem cumprir também esse ritual e moedas eram deixadas no fundo da pequena fonte de cimento, em volta da imagem de Iemanjá colocada no centro.

FLORES E PEDIDOS

A maioria dos presentes levados era flores. Havia também em quantidade, perfumes e os enfeites para Iemanjá (fitas e adereços), mas existia bilhetes (cujos segredos eram solenemente protegidos pelos pescadores) dinheiro, talcos, cosméticos e misteriosos embrulhos; alguns demonstrando uma meticulosa preparação de embalagens, idéia bem clara da preocupação e devoção dos fiéis.

Uma devoção também demonstrada pela firmeza e seriedade com que defendiam o teor dos pedidos que acompanham cada oferta, como fez D. Maria Madalena de Jesus, que levou lata de talco, fitas e um frasco de seiva de alfazema. Além de ensinar ao filho o lugar onde depositar o boneco de p'ástico que levava para a divindade disse: "Esses pedidos não se revelam, todo mundo faz o seu e depende da fé que nós temos para eles serem atendidos". Quanto ao significado de cada oferta ela dizia ser também "pessoal, depende da maneira como a pessoa interpreta a devoção". Já Ana Luzia, estudante de engenharia, não sabe bem o que significa a oferta, mas "tenho muita fé nessas obrigações", e depositou um baton dois sabonetes e um embrulho pequeno em um dos balaios.

Maria do Carmo de Jesus, uma devota que todos os anos comparece ao Rio Vermelho garante que aquela é a festa mais bonita da Bahia. "gosto também da Conceição da Praia mas essa é melhor". Vestida a rigor, com seu traje de baiana, ela trouxe flores, velas, perfumes e fitas para Iemanjá. Eulina Sampaio, estudante, de calça lee e camiseta indiana, que deixara um pouco a barraca para vir olhar a festa, também gosta do Rio Vermelho, "mas isso aqui já tá pequeno para tanta gente assim".

ALVORADA

Às 4 horas da manhã chegou o presente oficial, seguindo-se às 5 horas a alvorada com clarins e fogos e às 6 horas começou a entrega de oferendas. As 13 horas, foi oferecido um almoço às autoridades e convidados, levado a moqueca de peixe, feijão e arroz: às 15h30min terminou a entrega e oferendas e às 16h30min deu-se a largada para o mar das 60 jangadas cheias de presentes para Janaína.

Embora fosse segunda-feira, não faltou o samba de roda, a batucada em todas as mesas armadas no largo de Santana. A casa de peso, como sempre, foi pequena para tanta gente. Não faltaram a água de cheiro, o pó de arroz, espelhos, pentes, e muitas flores, acompanhando a Ie-

O branco soberano absoluto sobre os corpos dos fiéis, que caminharam até as águas do Rio Vermelho para arriar o presente.

Gente da terra, cariocas, paulistas, turistas estrangeiros se misturavam, no barracão de palha onde, ao som de atabaques e agogôs, as mães de santo saudavam a Mãe d'Água. Nas barracas, a cerveja ao sabor do caranguejo davam a nota da festa popular.

SINCRETISMO RELIGIOSO

A festa de Iemanjá vem demonstrar mais uma vez o sincretismo religioso, herança dos escravos africanos que, para conseguir saudar os seus santos tiveram que relacioná-los com os santos católicos, daí que Iemanjá ficou caracterizada na pessoa de Nossa Senhora do Rosário. A festa desapareceu em muitos locais ficando quase que restrita à praia de Santana, no Rio Vermelho. Hoje já se oferecem presentes na festa da Pituba e Itapuã, mas a grande festa do mar, é mesmo no dia 2 de fevereiro quando os pescadores disputam a saudação a Iemanjá.

As mães de santo fazem invocações para que Iemanjá venha participar da festa e muitas delas entraram em transe. Iemanjá ou Janaína, Princesa do Mar, Princesa de Aioká, Sereia do Mar e a Mãe de 15 deuses, inclusive do Mar, na mitologia iorubana. Seu poder é imenso, trazendo ao mundo tanto alegria como também as maiores calamidades. Em meio a esse sincretismo há a animação do povo em geral, até mesmo dos que não acreditam nesses mitos, que durante todas as noites vivem num clima carnavalesmo que acompanha todas as festas de largo.

PAI JUSTINO

Justino dos Santos, um dos mais tradicionais pais de santo da Bahia, famoso no bairro de Brotas, chegou cedo ao largo do Rio Vermelho, levando o presente de Iemanjá. Sua fisionomia de preto velho "milagreiro" despertava a atenção da multidão, sobretudo dos turistas, que lhe abordavam a todo instante pedindo explicações sobre a devoção dos baianos à "Mãe Iemanjá". Simpático, sorridente, conhecedor profundo dos terreiros de candomblés da Bahia, Justino respondia todas as perguntas sem vacilações.

Gente da confiança de "Mãe Menininha", ele não cansava de elogiar a "Rainha do Gantois". Referindo-se à "Deusa das Águas", disse que seus poderes vão além da imaginação". Iemanjá — afirmou — é a nossa grande rainha, e neste dia nós agradecemos a ela tudo o que fez por nós durante o ano. Aliás, a homenagem que lhe prestamos hoje é até insignificante diante do que ela tem feito pelos baianos. Todos os dias, nas minhas orações, peço sua proteção.

Diário de Notícias, 03.02.76, cad. 01

OS MUITO NOMES DE YEMANJÁ, A MÃE-D'ÁGUA, A RAINHA DO MAR.

"Yêmanjá, a mãe-d'água, mora no Dique e merece as mais ruidosas homenagens da população de cor da Bahia. É o ôrixá mais poderoso "do fundo do Calunga" (o mar) e é no mar, e em geral nas águas, que se exerce o seu culto", segundo Edison Carneiro, em seu livro "Candomblés da Bahia".

Segundo o mesmo autor, Yêmanjá tem outros nomes: Janaína ou Dona Janaína, Princesa ou Rainha do Mar, Princesa do Aiuká ou Aruká (o mar), Sereia, Sereia do Mar e Sereia Mukuña, Dandalunda (Angola), Kaiala (Congo), Inaê (aférese de Janaína, com mais um ê eufônico), Marabô, Dona Maria. . .

Raul Giovanni da Motta Lody, em seu livro "Ao Som do Adjá", publicado pelo Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura da Prefeitura de Salvador, afirma que "em diversas regiões do Brasil a "Yemanjá" recebe vários nomes, tais como: Dandaluanda, Inaê, Rainha do Mar, Abê, Sereia do Mar, Princesa do Aiocá, Axoquê (no culto dos Malês), Janaina, Dona Maria, Mãe Dandá, Marabô, Mukunã, Olokun, Omaloku, Calunga, Kaja, Kayala.

O mesmo autor, no mesmo livro e sob o título "Yemanjá, a Yabá Mãe", informa: "diz a lenda que **Yemanjá** (as águas) e **Aganju** (a terra firme) se casaram. Do casamento nasceu "Orungan" (o ar e as alturas). Na ausência do pai, "Orungan" possui sua mãe "Yemanjá". Após o incesto, esta cai morta e de seu ventre nascem os orixás". E explica a origem do nome: "Yemanjá" — a mãe peixe. Yeye — mãe. Eja — peixe. Surgindo o nome "Yeyeya", atualmente "Yemanjá".

SINCRETISMO

Elyette Guimarães de Magalhães, em seu livro "Orixás da Bahia", editado pela Prefeitura do Salvador, através do seu Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, apresenta Nossa Senhora da Conceição como a santa católica correspondente a Yemanjá no sincretismo religioso da Bahia.

Para a autora, "a senhora dos mares é uma ninfa majestosa (em muitos mitos ocupa, ao lado de Oxalá que então se representa como seu consorte, o posto mais elevado da hierarquia divina), senhora de ar imponente e calmo, verdadeiro protótipo de **Magna Mater** africana. De seu corpo violado pelo filho **Orungan** (Oxumaré) nasceram os grandes deuses, segundo um famoso mito; ela é a "mãe dos seios lacrimosos" que assim se esvaindo deu origem aos oceanos, dama de ventre fecundo que se mostra sempre grávida de numes à nossa imaginação. Como as outras divindades, de resto, assume diversos caracteres na múltipla trama de ritos e mitos: temos, assim, p.e., uma **Iemanjá Saba** ou **Asobá**, a mais velha de todas, que coxeia e manifesta uma aparência um tanto senil, e uma **Iemanjá Oguntê**, que se apresenta como uma jovem senhora muito imponente, desafiadora e algo belicosa, portando inclusive uma espada, em companhia de seu filho Ogum — e assim por diante. O denominador comum de suas várias representações míticas é a excelsa maternidade que a assinala e se combina a seu fastígio de soberana. Na iconografia afra e afro-brasileira Iemanjá é figurada muito frequentemente como uma mulher nua esteatopígia, genuflexa, de grande ventre e de seios volumosos, com uma gamela na cabeça. Entre nós, aliás, esta imagem, embora ainda seja reconhecida, foi suplantada pela da sereia — tipo da mitologia européia que aqui se combinou ao da deusa negra. No nosso caso, o que importa observar é que na função religiosa a **iawo** que a incorpora projeta, de certo modo, sobre si mesma, o arquétipo da grande mãe de seio profundo, altiva e maternal. A dança de Iemanjá é solene e cheia de ondulações; o seu **cavalo** mima deste modo o balanço marítimo, o jogo das águas profundas".

No sincretismo religioso também personificam a mãe d'água Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora do Carmo. No candomblé, Yemanjá aparece vestida com suas cores rituais: azul, rosa, vermelho e branco. Na mão, segura o "abêbê" (leque de metal prateado) e na cabeça leva uma "adê" de franjas de contas cobrindo-lhe o rosto. Contas brancas e transparentes formam sua "guia" (colar) e suas pulseiras são de alumínio ou outro metal branco.

VOCABULÁRIO:

Abêbê, s.m. — Leque da deusa Ôxún, quando de latão, e da deusa Yêmanjá, quando pintado de branco. O leque é de forma circular, tendo recortada no centro a figura de uma sereia.

Adê, s.m. — Capacete de Ôxún (candomblés de Angola).

Adjá, s.m. — Pequena campa, de cabo longo, que a mãe agita à altura da cabeça das filhas para provocar a chegada dos ôrixás.

Aiuká, s.m. — O fundo do mar. Usado, principalmente, em expressões como Rainha ou Princesa do Aiuká, referentes à mãe-d'água.

Babalaô, s.m. — Advinho, sacerdote de Ifá.

Babalorixá, s.m. — Pai-de-santo.

Candomblé, s.m. — O local em que se realizam as festas religiosas em geral; as cerimônias religiosas anuais obrigatórias do culto.

Cavalo do santo, s.m. — A pessoa possuída pelo ôrixá. (O santo — de acordo com a crença geral — não pode estar a pé).

Filha-de-santo, s.f. — Sacerdotisa, iniciada.

Iaô, s.f. — Inicianda. Obs. O termo nagô é yawô.

Iyabá, s.f. — Ôrixá feminino (qualquer).

Iyalôrixá, s.f. — Mãe-de-santo.

Mãe-de-santo, s.f. — Sacerdotisa-chefe, responsável espiritual e temporal pelo candomblé e pela educação religiosa das filhas, diretora das festas, suprema autoridade em todas as dificuldades materiais, religiosas e morais.

Obrigações, s.f.pl. — As exigências da herança religiosa ou do ritual em geral.

Ôbá, s.m. — Rei (na África). Termo ocasionalmente empregado para distinguir um ou outro ôrixá.

Ogã, s.m. — Protetor civil do candomblé, escolhido pelos ôrixás e **confirmado** por meio de festa pública, com a função de prestigiar e fornecer dinheiro para as festas sagradas.

Ôrixá, s.m. — Personificação e divinização das forças da natureza, que bem pode ser traduzida por **santo**, na acepção católica.

Pai-de-santo, s.m. — O chefe do candomblé.

Pêji, s.m. — O santuário dos candomblés (nagô).

Yawô, s.f. — Termo nagô, que significa noiva e esposa mais jovem, simplificado para iaô na Bahia, com o sentido de noviça, inicianda.

(Edison Carneiro — Candomblés da Bahia).

Correio da Bahia 18-05-01/98

SECRETÁRIA MUNICIPAL DE COMUNIÇAÇÃO SOCIAL

BOLETIM Nº

JORNAL da Bahia

CAD:

DATA: 29/1/78

Pescador prepara em segredo o "presente maior" para Iemanjá

Conhecedor de muitas estórias sobre a "rainha das águas", o velho pescador, hoje aposentado, Flaviano Santos é quem organiza, este ano, o "presente maior" para Iemanjá, que será entregue junto a outros, no próximo dia 2 de fevereiro, em alto mar, numa procissão que sairá, às 15 horas, do largo do Rio Vermelho.

O presente principal é segredo, mas, segundo mestre Flaviano, "pode ser coisa que mulher bonita usa". Ele será depositado em um dos balaios, que serão levados pelo saveiro "Filhos das Águas" para jogá-los nas águas da padroeira dos pescadores.

PROCISSÃO E MUSICA

Na casa de Iemanjá, próxima à igreja do Rio Vermelho, estão sendo feitos todos os preparativos para a festa. Os balaios já estão prontos e, nas paredes, está sendo pintada sua imagem, mas a santa não se econtra no seu "peji" (assento de Iemanjá) porque, segundo mestre Flaviano, "saiu para tomar banho e trocar de roupa" e só na véspera da festa volta para sua gruta, que é toda feita de conchas do mar.

No dia 2 de fevereiro, o saveiro "Filhos das Águas", que há mais de 20 anos transporta os presentes de Iemanjá, sai em procissão, às 15 horas, até o alto mar, com os pescadores cantando sua música preferida : "Unime carador, labore carador".

O mestre Flaviano, que esteve afastado cinco anos dessa festa, devido a problemas com a Colonia de Pescadores, estava ontem muito contente por ter voltado a servir sua protetora, com a qual tem "muita intimidade desde os tempos de menino".

- Eu estava sentado no muro, como sempre fiz quando era pescador mais ativo, e uma moça me chamou e pediu para eu colocar umas flores no braço da estátua da sereia. Depois que atendi seu pedido, ela foi embora e me deu dois cruzeiros prá comprar guaraná. Dividi o dinheiro com os companheiros e fui para casa deitar. Estava na cama descansando quando veio aquela moça com cabelos bonitos, compridos, e chegou perto da minha cama e balançou a cabeça várias vezes agradecendo. Aí, me assustei e fui levantando, quando vi, ela tinha desaparecido.

Essa foi a última vez que mestre Flaviano avistou-se com Iemanjá, contou ele, explicando que ela se afastou de sua gruta na praia do Rio Vermelho porque "andaram jogando muita bomba, fazendo muita zoada, porque iam fazer uma pedreira por lá. Então, ninguém mais a viu".

SECRETÁRIA MUNICIPAL DE COMUNIÇAÇÃO SOCIAL

BOLETIM Nº

JORNAL A TARDE

CAD:

DATA: 5/2/79

PAG:

Nº:

A festa do Rio Vermelho

Hildegardes Vianna

O Rio Vermelho, como toda antiga aldeia de pescadores, tem suas lendas que envolvem o lugar, já por si atraente, de um encanto indiscutível. As sereias, donas das águas, andam à solta por lá. Segundo a tradição, e o que nos conta Silva Campos, foram pescadas de rede, por duas vezes, duas lindíssimas habitantes do fundo do mar. E se nunca mais deu xaréu na praia de Santana agradeçam ao tratamento dispensado a uma das tais sereias. Foi lá também que encontraram Caramuru, vítima de um naufrágio nos baixios fronteiros à Foz do Rio Vermelho, na Mariquita.

Primitivamente ia-se ao Rio Vermelho por Brotas. Só em 1812, o conde dos Arcos, empregando 300 forçados, fez abrir a estrada que partia do Campo Grande, ou seja o antigo Rio Vermelho de Cima. A estrada do 2 de Julho (Rio Vermelho de Baixo), batizada posteriormente de Vasco da Gama, e que o povo chama justificadamente de Vasco da Lama, é mais nova ainda. Foi em 1859 que, graças aos proprietários das roças que permitiram a passagem por suas terras, começou o tráfego pelos caminhos do dique.

A sua festa, porém, data dos tempos da guerra da Independência. Corria entre os pescadores uma lenda, também registrada por Manuel Querino, de que naquela época os moradores da então povoação do Rio Vermelho, amedrontados pelos repetidos ataques dos portugueses, fugiram para a Pituba e Itapuã. No dia 13 de fevereiro de 1923, um grupo de pescadores voltou para espiar o que estaria acontecendo. Sentados em volta da igrejinha, conversavam despreocupadamente, quando viram surgir uma velha, que afirmavam ter sido Nossa Senhora Santana, dizendo que os portugueses andavam por perto. Iam se retirando quando foram surpreendidos pela fuzilaria inimiga. Ainda assim conseguiram fugir.

Terminada a campanha da Independência, os pescadores do Rio Vermelho começaram a fazer uma romaria como recordação do aviso do céu. Na véspera da romaria levavam uma imagem por toda a zona, precedidos por músicos, angariando donativos para as despesas da festa. Além deste auxílio havia um fundo de reserva permanente proveniente de descontos na pesagem do peixe.

No dia da festa, as jangadas rumavam para a Pituba, em saudação à Nossa Senhora da Luz, tornando ao porto de Santana, após os cumprimentos de praxe. Houve ocasião em que seguiam grupos por terra até o local conhecido por Contrato para receberem os pescadores que vinham de Armação, trazendo as imagens de São Benedito e São Gonçalo. Neste dia ninguém pescava, sendo que os que jogavam rede no mar morriam afogados.

Depois o Rio Vermelho foi sendo invadido paulatinamente por veranistas e, em conseqüência, a sua festa foi se transformando. Os primeiros veranistas eram pessoas que sofriam de beriberi e, que buscavam nos banhos (tomados na maré de ondas batidas) a possível cura dos seus males.

Depois a fama da salubridade do lugar, com seu clima suave e aquele cheiro bom que poucos marés possuem, o Rio Vermelho passou a ter uma nova vida. Casarões de pedra e cal foram se irmanando às cabanas de palha dos pescadores.

Na festa, como é natural, havia separação. Pobre brincava a seu modo, com seus batuques, seus sambas, sua alegria herdada da pureza dos costumes. O veranista rico, ou remediado, inventava brincadeiras para encher as horas diferentes que desfrutava. Ficou estabelecido festejar Santana um domingo antes do Carnaval.

Anunciando os festejos saía um lindo bando anunciador, no domingo anterior ao da procissão, com máscaras (caretas) a pé e a cavalo, além de um clube preparado para dar maior realce ao acontecimento. Carros alegóricos, razoavelmente apresentáveis, com as moças mais destacadas entre moradores e veranistas.

A lavagem da igreja era feita debaixo de música, após o que corriam os devotos em busca de lenha para alimentar as fogueiras da véspera da festa.

Do dia da lavagem até o domingo, faziam leilões com mesas de comida, angariando fundos para a festança. Sábado, à tarde, saía do porto de Santana, ou da Paciência, uma embaixada em jangadas visitando as praias mais próximas à guisa de convite. Outra embaixada ia por terra angariando donativos.

Posteriormente os ternos e ranchos, a exemplo do que era feito no Bonfim, dançavam em frente à igrejinha de Nossa Senhora Santana. No domingo, além da procissão, faziam corridas de jangadas, cavalhadas com parceiros caracterizados e exibições de Chegança. Na segunda-feira seguinte a dança da corda era quem dava a nota. Segunda-feira que foi crescendo, quase atingindo o prestígio da segunda-feira do Bonfim, hoje uma segunda-feira chocha apelidada de festa da Ribeira. Há tanto para contar sobre o Rio Vermelho!...

SECRETARIA MUNICIPAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
ORDEM Nº
JORNAL A TARDE
CAD:
DATA: 30/1/81
PAG:
Nº:

Presentes para Iemanjá começam a ser levados à casa dos pescadores

Toda a programação para a festa de Iemanjá, que terá seu ponto alto, segunda-feira, dia dois de fevereiro, já está definida, enquanto a comissão organizadora e os pescadores do Rio Vermelho providenciam os últimos preparativos para que os festejos deste ano possam superar a animação dos anos anteriores.

Desde ontem admiradores e devotos da "rainha das águas", começaram a levar para a casa dos pescadores no bairro do Rio Vermelho, os primeiros presentes que, ao lado de tantos outros, serão jogados em alto-mar, na tarde da segunda-feira. José Ramos dos Santos, membro da comissão organizadora dos festejos disse, ontem, que este ano, mais de 150 balaios serão utilizados na condução dos presentes, sem falar naqueles oferecidos diretamente pelos interessados e nas "braçadas" de flores conduzidas fora do presente principal.

PRECEITO

A comissão organizadora está divulgando a programação das atividades da festa, cujas comemorações serão iniciadas às cinco horas da manhã do dia dois, com a chegada do presente principal no palanque, armado ao lado da Igreja do Rio Vermelho. Em seguida, às 5h5min, uma alvorada, com clarins e queima de fogos de artifícios abrirá, oficialmente, os festejos que se estenderão por todo o dia, atingindo seu ponto maior às 16 horas, quando centenas de embarcações, em cortejo marítimo, deixarão a praia do Rio Vermelho conduzindo os presentes oferecidos a Iemanjá a cinco milhas de distâncias, em alto-mar.

O saveiro "Filho das Águas", 15 anos responsável pelo transporte do presente principal à dona da festa, já está devidamente preparado e aguarda, apenas, a tarde de segunda-feira para lançar-se ao mar. José Ramos dos Santos, um dos pescadores, que mais tem se empenhado na preparação dos festejos, lembra que, este ano, número de presentes deverá ser bem mais elevado do que em 1980, enquanto se mostra um pouco apreensivo com a possibilidade de não poder transportá-los de uma vez, durante a procissão, o que vai obrigar aos pescadores fazer nova entrega no dia seguinte "porque os presentes não podem ser depositados após o pôr-do-sol". Sem explicar o motivo, José disse que isso é uma questão de "preceito" e que, se as oferendas forem feitas após o sol haver recolhido, "as coisas podem piorar para os pescadores".

Declarou, também, que as pessoas interessadas em homenagear Yemanjá, com a oferta de presentes, poderão encaminhá-los para a casa dos pescadores, no Rio Vermelho, onde os objetos estão sendo recolhidos para serem depositados no mar, na tarde de segunda-feira. Explicou que, no "Filho das Águas", irá apenas, o presente principal, que ficará exposto ao público, das cinco às 16 horas da manhã do dia dois, no palanque armado ao lado da Igreja do Rio Vermelho. Neste palanque, cuja estrutura começará a ser montada a partir de hoje pela Prefeitura Municipal do Salvador, serão reservados lugares para a apresentação de grupos de candomblé e para as oferendas levadas durante o dia da festa.

Até ontem à noite o movimento nas barracas armadas nas ruas adjacentes à Igreja do Rio Vermelho, foi considerado muito pequeno, tanto pelos próprios barraqueiros, como pelos pescadores, que, todavia, estão otimistas com a possibilidade de tudo melhorar a partir da noite de hoje. Isso pelo menos, foi que deixou transparecer o proprietário da barraca "Robertão", enquanto tirava a licença para se instalar na Festa da Pituba,. Ele afirmou, para alguns funcionários da Secretaria de Serviços Públicos, que "se Deus quiser, a partir de amanhã (hoje), o **Couro vai comer.**". Da mesma forma, o pescador José Ramos dos Santos garantiu que somente durante o final de semana é que as pessoas irão "movimentar bastante as barracas".

A TARDE

DATA: 3/2/81

Os pescadores conduziram, num grande balaio, os diversos presentes que foram doados a Iemanjá

100 embarcações foram ao encontro de Iemanjá

Uma miniatura da Casa do Peso, foi o presente principal que os pescadores ofereceram ontem, à tarde a Iemanjá, na festa em sua homenagem. Mas a Rainha das Águas — como também é conhecida a dona da festa do Dois de Fevereiro — recebeu ainda dos pescadores 150 balaios contendo as mais variadas lembranças, além de inúmeros outros cestos repletos de flores e fitas multicoloridas, perfumes, sabonetes e espelhos, muitos dos quais vindos de outras cidades, inclusive do Rio de Janeiro.

Levando o presente principal, três tripulantes, duas pessoas batendo os atabaques e outra manjeando a vela, o saveiro "Filho das Águas" deixou a praia às 16h30min, abrindo um cortejo que foi seguido por cerca de 100 embarcações, de onde sobressaiam as flores oferecidas a Iemanjá. A balaustrada que contorna a praia no Bairro do Rio Vermelho, toda a calçada da área e marquises de casas e prédios, ficaram superlotadas de gente querendo assistir aos mínimos detalhes da festa. Enquanto os barcos preparavam-se para iniciar o cortejo em direção ao alto-mar, muitas crianças divertiam-se mergulhando na água.

MAIS ANIMADA

Apesar da curiosidade de todo mundo em conhecer o presente "maior" que os pescadores dariam a Iemanjá, desde o começo dos festejos do Rio Vermelho, somente ontem, a partir das 5 horas, é que revelaram o segredo, exibindo a miniatura da Casa do Peso durante todo o dia, até o início do cortejo marítimo. Por volta das 15 horas, era enorme a fila de pessoas carregando flores para depositar nos balaios e, ao mesmo tempo, dar uma olhada no presente principal, que estava enfeitado com uma boneca vestida de noiva e um bolo típico de ocasiões de casamento, além das flores que ocupavam também lugar especial na decoração da pequena casa.

Alfazemas eram derramadas nos visitantes (que ficavam satisfeitos ao receber o "banho de cheiro") A Casa do Peso também foi muito procurada pelos populares, a maioria vestindo roupas brancas, como manda o "figurino" da Festa de Iemanjá.

Na opinião de vários pescadores, sem nenhuma dúvida, a festa de ontem foi melhor do que a de 80, a começar pelo número de presentes oferecidos à Rainha da Águas. No ano passado, apenas 100 balaios foram atirados ao mar. Este ano a quantidade quase duplicou. Eles também consideraram a festa mais animada, como o pescador Antônio Santos. Segundo ele, o grande número de balaios jogados ao mar tinha uma relação com a dificuldade da vida nos tempos atuais. "A situação está difícil e as pessoas estão com mais fé", observou.

Do mesmo modo, Gilberto Matos Sacramento, conhecido como "negão de Dony" e presidente do afoxé "As Filhas de Ghandi", comentou: "Não tem nem comparação com a festa do ano passado. A de hoje (ontem) está muito melhor". Participando da festa de 2 de fevereiro há 20 anos seguidos, ele fez um diagnóstico que coincide com a de diversos outros pescadores que, de um modo geral, mostravam-se contentes em realizar mais uma festa para Iemanjá

ATENDIMENTO MÉDICO

Foram atendidos no posto médico, instalado no bairro, três crianças e dois adultos, queimados por azeite, sendo os menores em estado mais grave, encaminhados ao Pronto-Socorro, enquanto os outros tiveram atendimento no local.

O comportamento dos policiais de serviço na festa, considerado muito agressivo, foi duramente criticado por populares, que também condenavam a Prefeitura Municipal, por não ter delimitado ainda um lugar específico para as "baianas" venderem seus quitutes, nas festas de largo.

O policiamento ontem, durante o dia, no Rio Vermelho, reuniu 250 homens, entre policiais militares e civis e, de acordo com as informações do delegado David Bittencourt, as ocorrências principais se resumiram à detenção de quatro conhecidos marginais, conduzidos de imediato à Delegacia de Furtos e Roubos. "O resto foi a rotina: bebedeira, briga e espeto".

BOLETIM Nº

CAD: A TARDE

DATA: 31/2/81

Nº:

A Casa de Peso está sendo repintada para festa

Dois de fevereiro tem festa nas águas com as oferendas à Iemanjá

Dois de fevereiro. Somente neste dia, com festa no mar e no largo, é que os pescadores vão mostrar publicamente o presente principal que entregarão a Iemanjá, depois de amanhã, quando paralelamente milhares de pessoas também oferecem lembranças à "Rainha das Águas". Por enquanto, o presente vem sendo preparado com muito cuidado, mas mantido em segredo, "para aumentar a curiosidade do público e fazer supresa", segundo justifica José Ramos dos Santos, pescador e membro da comissão organizadora dos festejos.

Tipicamente profana — não existe programação religiosa por parte da Igreja Católica — a Festa do Rio Vermelho a cada ano atrai maior número de pessoas, as quais dão de presente a Iemanjá, flores, sabonetes e alfazemas. No ano passado, cerca de 100 balaios foram atirados em alto-mar. E para a próxima segunda-feira — ponto alto da festa do bairro, a previsão é de que pelo menos 150 balaios sejam oferecidos à "Rainha".

O Rio Vermelho vai acordar em festa no dia 2. Conforme a programação já elaborada pela comissão, às 5 horas, o principal presente estará chegando ao barracão, que ontem começou a ser instalado ao lado da igreja, a qual fica perto da Casa dos Pescadores. Cinco minutos após, uma alvorada com clarins e queima de fogos de artifício, dará início oficial aos festejos, que prosseguirão durante todo o dia. E das 5 às 16 horas, o presente ficará exibido satisfazendo a curiosidade de quem desejar conhecê-lo.

Mas, é às 16 horas, que as atenções se voltam para o mar. Abrindo o cortejo marítimo, estará o saveiro "Filho das Águas", responsável pela condução do presente principal para Iemanjá. Na embarcação irão apenas três tripulantes e mais duas pessoas para bater os atabaques e uma outra encarregada de manobrar as velas.

Seguindo o caminho traçado pelo "Filho das Águas", diversos barcos acompanharão o cortejo até o alto-mar, levando populares que, certamente, oferecerão perfumes e flores à "dona da festa". Aliás, os presentes de Iemanjá começaram a chegar, há alguns dias, à Casa dos Pescadores, que por sinal, ficará aberta durante toda a noite de domingo para segunda-feira, podendo ser visitada por qualquer pessoa.

Assim como o presente "maior" da Rainha das Águas, a Casa dos Pescadores, do mesmo modo, vem sendo preparada para a festa. As suas paredes passaram a receber nova pintura branca ontem à tarde. Nas portas e janelas será colocado, possivelmente hoje, o azul-claro de sempre. A estátua de uma sereia montada num pedestal, ao lado da Casa dos Pescadores, por sua vez, ficará de "cara nova", recebendo igualmente uma camada de tinta branca.

MUNICIPAL

JORNAL Jo. Bahia PAG. 06
CAD. Suplemento
DATA 29.01.86 Nº

As mil cores do Rio Vermelho

A festa de Yemanjá consagra o altíssimo astral de um dos bairr mais animados do verão baiano

O esplendor fenomenal da festa de Yemanjá que acontece no próximo domingo — uma das duas mais belas festas no calendário de festas populares da Bahia, a outra é a do Bonfim — apenas consagra o boníssimo astral do bairro do Rio Vermelho,sem dúvida hoje em dia um dos lugares mais "mais" do verão baiano, principalmente depois que a Barra se transformou no quartel general dos turistas argentinos. Mas, por incrível que pareça, uma das poucas coisas que faltam áquele lugar é um jardinzinho com árvores e espaço suficiente para as pessoas poderem se espichar ao sol ou á lua naquela importantíssima atividade humanan vulgarmente chamada lazer.

Pois é. O Rio Vermelho não dispõe de nenhuma área de lazer. A sensibilidade manuelina de Castro (do nosso anterior prefeito) não foi capaz de entender que aquela fábrica de papel teria mais que ser substituida por um imenso parque não industrial.Mas foi: hoje aquilo ali é apenas um posto de gasolina. Mas os moradores, através do Germen não desistem e agora querem um espaço no Largo de Santana, ao lado da Igrejinha. Coisa mais que merecida para o simpático povo daquele lugar.

Mas apesar disso a noite do Rio Vermelho aos fins de semana pode ser tudo, menos entediante. A farra pode começar no Bar da Esquina, que praticamente é a porta etílica do lugar/bairro. Lá o público bebedor é ecumênico (graças a Deus) e altas horas da madrugada pode se encontrar de tudo por lá: de pescadores comemorando a boa pesca do dia a intelectuais amantes da obra de Raduan Nassar. Ou até meninhas do Lisieux em busca do tempo pardido. Ou ainda: Dóris Night completamente bêbada imitando Darlene Glória em "Toda a Nudez Será Castigada".

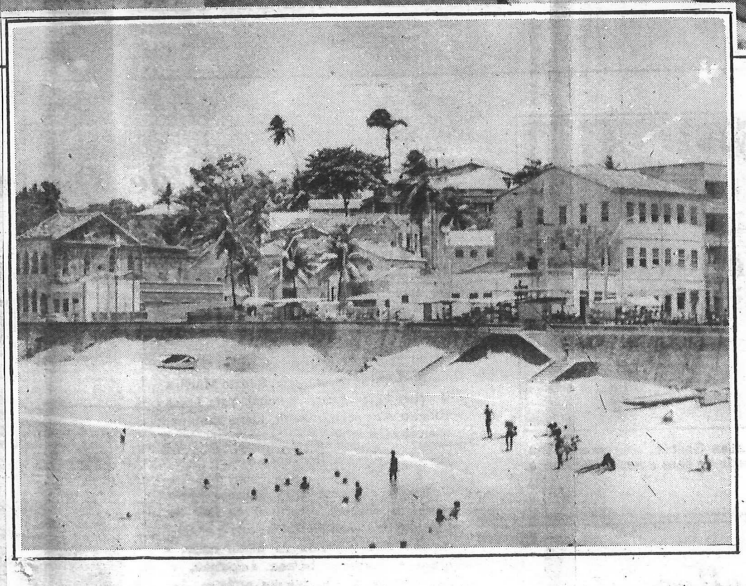
A seguir, vizinho daí, tem uma espaço mais pros menores de trinta e oito anos e sete meses: é o Graffitte, um lugar absolutamente ciclotímico. Uma semana pode estar completamente lotado e na outra completamente às moscas. Mas geralmente se bebe cerveja gelada e pode até se dançar numa boa nos dias em que o lugar está de bom humor. As pessoas que frequentam o lugar são geralmente interessantes, principalmente antes das três da manhã. Depois já está todo mundo de pileque e fica difícil perceber a diferença entre um tijolo e um gato

Bem perto tem o Bar Bilhostre, um bar mais para o sério, onde se consegue discutir numa sexta-feira, de madrugada até o caráter e a importância de um órgão (êpa) como a Fundação Gregório de Matos para a cultura soteropolitana". Mas não se assuste, nem se intimide. As pessoas aí estão a fim da mesma coisa que todo o mundo: um colinho amigo para esquecer as mágoas do período. A depender do dia você poderá sair muitíssimo bem acompanhado, principalmente se estiver a fim de discutir a "importância da participação do PT nas últimas eleições em SP". Mas relaxe e desça o morro.

Vá ao "Tulha", na entradinha do Colégio Medalha Milagrosa. É um bar descaradíssimo. Diz-se natural, pode? Lá você pode comer aquela comidinha que não estraga sua silhueta e ao mesmo tempo encher a cara de whisky ou cerveja. Nada de sectarismos, pois. É onde o povo mais jovem (em todos os sentidos) anda frequentando neste verão. Ao contrário do que você pensa lá não serve batida de gergelim ou coquetel de vodka com leite de soja, mas a gataria que por lá aparece é de fazer corar frades de pedra.

Pertinho, no Largo de Santana, tem o agradável "68"', frequentado por comunistas não exageradamente radicais e toda uma fauna que inclui de estudantes do Vieira (o Antonio, no Garcia) a bichonas casadoiras. Na entrada do bar fica a "Livraria do Largo", um espaço divertido e simpático. Mais ainda pela presença de sua proprietária: Lucia Coroa.

Um lugar imperdível, entretanto, é a Panficadora River, na esquina do Largo de Santana. Aberta até as dez e meia da noite é um lugar ótimo para beber uma cervejinha gelada no balcão enquanto o povão do bairro compra pães, sardinhas em lata, salsinhas, manteiga a granel pilhas para rádio, meia dúzia de ovos e aqueles baratos todos que consagram uma boa padaria de bairro. Hora melhor para beber uns birinaites é na boca da noite de uma sexta-feira, qualquer. Uma delícia.



Sob as Bênçãos e olhares de Yemanjá o Rio Vermelho é um dos bairros mais agitados deste verão baiano

ECRETARIA MUNICIPAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

OLETIM Nº

UNCIONARIO:

JORNAL da Bahia

CAD: 1º

DATA: 03-01-87

PÁG: 127

PJ: 10

Alteração melhora festa de Iemanjá

A Festa de Iemanjá terá algumas mudanças em 87. Atendendo solicitação da Associação dos Moradores e Amigos do Rio Vermelho (AMARV), a Empresa de Turismo de Salvador (Emtursa) decidiu proibir a instalação de barracas no trecho próximo à balaustrada da Praia da Paciência. "É preciso que a área fique livre para as pessoas assistirem à procissão marítima", explicou o presidente da AMARV, Ubaldo Porto Filho.

No encontro também ficou definido que a administração municipal se encarregará da iluminação, ordenamento do comércio ambulante, decoração com bandeirolas, construção da casa de presentes, pinturas da Casa do Peso, condução das baianas e trios elétricos, e exibição de grupos de samba e capoeira. Segundo o diretor da Emtursa, Mário Duarte, o órgão vai requisitar barcos à Capitania dos portos para a procissão marítima.

A AMARV ficou responsável pelos concursos de barcos e de barracas, premiando a mais animada, com melhor comida e a mais enfeitada.

ETIM Nº
CIONARIO:
A TARDE
DATA: 24/01/87
PJ: 0210

Iemanjá fica sem presente?

Com muitas barracas já instaladas no Largo da Mariquita, os preparativos para a Festa de Iemanjá estão adiantados, este ano. O que preocupa os pescadores da Colônia Z-1, organizadores da parte religiosa, é a falta de verbas, pois até o momento o dinheiro esperado da Prefeitura não apareceu. A verba é destinada ao pagamento da mãe-de-santo responsável pelo ritual da festa e para a confecção do presente principal, que só de adiantamento já exigiu um total de Cz$3.500,00. A entrega de presentes à orixá é o ponto culminante dos festejos e acontece no dia 2 de fevereiro **(Pág. 3).**

Falta verba para presente de Iemanjá

Os preparativos para a Festa de Iemanjá estão adiantados, com muitas barracas já instaladas no Largo da Mariquita, mas os pescadores da Colônia Z-1, que organizam a parte religiosa, estão preocupados com a falta de recursos. Até agora, a Prefeitura não forneceu a verba necessária, segundo o presidente da colônia, Jorge Filho.

Ele explicou que a verba é necessária para o pagamento da mãe-de-santo responsável pelo ritual preparativo da festa e pela assistência espiritual da comissão organizadora do evento. Também para o pagamento do presente principal, que só de adiantamento já exigiu um total de Cz$3.500,00, ainda, para o pagamento da alvorada com clarins e os tocadores de atabaques que acompanham o presente, e para a compra dos balaios e fogos.

A Festa de Iemanjá, que acontece no dia 02 de fevereiro, com a entrega de presentes a orixás, é a parte culminante de um complexo ritual. A festa tem o seu preparativo e a mãe-de-santo já começou a trabalhar, ontem, quando foi oferecida a comida do escravo, que é quem abre as ruas e os caminhos. "Depois nós oferecemos as comidas dos orixás, no dia 1º, meia-noite, nós oferecemos um presente a Nanã, no Dique do Tororó, e, finalmente no dia 02, acontece a grande festa com a entrega do presente à Iemanjá", explica Jorge Filho.

Antes da festa, a Colônia terá que providenciar a pintura e restauração da casinha de Iemanjá, na Colônia de Pescadores, trabalho que deverá iniciar na próxima semana, tão logo a Prefeitura libere a verba necessária. Jorge Filho informa, também, que a programação festiva começa no dia 29 próximo, com a realização da lavagem da casinha, cujo cortejo sairá da Pedra da Sereia, num percurso de 40 minutos, e da qual participarão 40 baianas, os pescadores e a população em geral.

MUITAS DESPESAS

Apesar de já existirem muitas barracas instaladas no largo, a perspectiva dos barraqueiros é de só começarem a trabalhar na quinta-feira, dia 29, em razão da falta de cervejas e refrigerantes, que só deverão ser fornecidos poucos dias antes dos festejos. A principal queixa dos barraqueiros é em relação ao reajuste do imposto de localização, que passou de Cz$315,00, para Cz$864,00.

Eles esperam que o fornecimento de cervejas e refrigerantes melhore para que possam recuperar um pouco dos gastos, uma esperança que pode ser frustrada pela escassez desses produtos. "Não vai ser como nos outros anos, mas terá cerveja", assegura a proprietária da Barraca Beija Flor, Adélia Santos Barbosa.

Segundo ela, os fornecedores estão levando em conta a antiguidade do barraqueiro na atividade, a localização do ponto e a forma de pagamento.

HOMENAGEM Hoje, a oferta é da comunidade do Solar do Unhão. Domingo é dia de ritual semelhante no Rio Vermelh

Presentes ecológicos celebram Iemanjá

MEIRE OLIVEIRA

Dois presentes, neste final de semana, antecipam as homenagens realizadas no dia 2 de fevereiro para a Rainha do Mar. Além do propósito de agradar à divindade, ambos trazem no nome da oferenda o cuidado com o meio ambiente.

Iniciativas como estas têm sido alvo de debates mais constantes, após a publicação do artigo *Presença, sim! Presente, não!*, em dezembro de 2015 em A TARDE, da ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, Mãe Stella de Oxóssi.

No texto, ela revelou que, a partir deste ano, o terreiro não irá colocar presentes no mar em homenagem a Iemanjá. A orientação da líder espiritual é que sejam oferecidos cânticos à divindade protetora da cabeça, Iemanjá do povo ketu, Mamento Dadá, Dandalunda ou Kayala, correspondente nas nações da família bantu.

A amplitude da festa em homenagem à Rainha do Mar, realizada no Rio Vermelho, foi a motivação da recomendação de Mãe Stella.

A 3ª edição do presente ecológico para Iemanjá acontece hoje. É organizada pelo coletivo de grafite Nova 10 Ordem, que atua na comunidade Solar do Unhão (Gamboa de Baixo) com o projeto Museu Street Art Salvador (Musas).

"Fizemos a escultura de uma sereia negra e, após conversar com moradores, resolvemos sacralizar a peça por conta da relação que a comunidade tem com ela, por ser próxima ao mar", contou Julio Costa, integrante do Musas.

Rita Barreto / Divulgaç

Preparativos para a entrega do Grupo Nzinga começam hoje, no terreiro Mutá Lambô ye Kaiongo, liderado pelo tata de inquice Mutá Imê

Fotos Péricles Palmeira / Divulgação

Escultura de grafiteiros acompanha cortejo do Unhão

Saída

A concentração tem início às 9h, na sede do Musas, quando ocorre, além do café da manhã, os últimos preparativos das oferendas que serão entregues no mar.

Por volta das 11h, religiosos do candomblé, integrantes do Musas e moradores saem em cortejo, embalados pelo afoxé Filhas de Gandhy, percorrem as ruas do local e seguem até a embarcação que levará os presentes.

Todas as comidas votivas de Iemanjá e para Oxum são embaladas em folhas de bananeira, mantendo a relação essencial de respeito entre as religiões de matriz africana e a natureza.

"Não usamos recipientes. Até os balaios voltam com a gente. No mar, só ficam as comidas, o líquido dos perfumes e as flores. Não usamos sabonete, espelho e qualquer outro material que se transforme em poluente", disse a equede Noélia Pires, do Terreiro Omi Tolá, responsável pela preparação espiritual do presente. Na volta do mar, uma feijoada encerra o ritual religioso.

Culto semelhante ocorre, domingo, no bairro do Rio Vermelho. Na 10ª edição, a campanha *Iemanjá Protege Quem Protege o Mar* será realizada pelo Grupo Nzinga de Capoeira Angola.

Os preparativos começam hoje, no terreiro Mutá Lambô ye Kaiongo, liderado pelo tata de inquice Mutá Imê. Amanhã, às 19h, os integrantes do Nzinga saem para a entrega dos presentes.

Dique

A primeira homenageada é Kissimbi (divindade corresponde a Oxum da tradição Ketu), que tem ritual realizado no Dique do Tororó. Em seguida, já no Rio Vermelho, é a vez de Dandalunda (correspondente a Iemanjá da tradição Ketu).

A orientação é que as pessoas escolham presentes de materiais biodegradáveis, como flores, frutas, fibra vegetais e papel. "O ideal levar objetos como boneca de pano, colares e brincos d conchas, barquinhos de pa pel, além dos bilhetes co pedidos", explicou Paul Barreto, uma das coordena doras Nzinga.

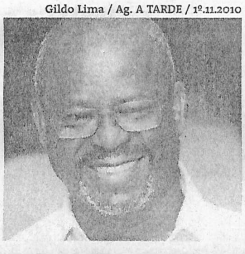
"O candomblé já tem ess preocupação de não agred a natureza que é a essênci da religião. Colocamos as co midas rituais e materia biodegradáveis", contou tata de inquice Mutá Imê.

A ação intensificada po divulgação em redes socia e palestras na sede da a sociação tem dado result do. "Tem crescido a part cipação ao longo dos ano As pessoas lotam a sede acompanham os presentes contou o sacerdote.

"O candomblé já tem essa preocupação de não agredir a natureza"

MUTÁ IMÊ, tata de inquice

Gildo Lima / Ag. A TARDE / 1º.11.2010



"Peça foi sacralizada devido à relação da comunidade com Iemanjá"

JULIO COSTA, integrante do Musas

"No mar, só ficam comidas, o líquido dos perfumes e as flores"

NOÉLIA PIRES, equede

ARIA MUNICIPAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

M Nº

ONARIO:

JORNAL T. da Bahia

CAD: 1º

DATA: 02.02.87

PÁG: 33

PJ: 05

Na Casa de Iemanjá, ontem, as pessoas já apareciam para fazer suas oferendas

Todas as preces hoje para a Rainha do Mar

Tudo pronto para iniciar as homenagens a Iemanjá, a raiha do mar, no Rio Vermelho. Os festejos começam logo às 5h30min, com alvorada de fogos e clarins, mas só às 17 horas, com a saída dos barcos para lançar os presentes ao mar, que a festa ganha seu ponto lado. Ontem, as pessoas que não podiam faltar hoje ao trabalho ou não quiseram enfrentar a fila para entrega do presente, levaram suas oferendas à casa de Iemanjá, na sede da Colônia de Pesca Z-1.

Durante todo o dia, entretanto, o movimento nas barracas esteve fraco e o fato só não desanimou os barraqueiros porque estes sabem que Iemnajá é muito querida entre os baianos e poucos deixam de fazer suas homenagens à rainha. Para os populares que estiveram ontem na festa, o público reduzido é resultado da cerveja cara, — em algumas barracas chega a cusar Cz$ 30,00 —, mas garantem que hoje farão força para retornar ao local.

PRESENTE — De acordo com a programação distribuída pela Colônia de Pesca Z-1, depois da alvorada, será a vez da chegada do presente principal, encomendado pelos pescadores, para ser jogado para Iemanjá. Guardado com todo o segredo, como acontece todos os anos, o organizador da festa, pescador Jorge Filho, conhecido como Coepe, adiantou apenas que ele custou Cz$ 9 mil 500,00 e foi confecionado, como acontece tradicionalmente, pela artesã Lourdes, do Engenho Velho de Brotas.

O presente principal ficará exposto ao público no barracão instalado junto a Casa de Iemanjá. Das 7 às 16 horas, serão recebidas as oferendas e presentes dos populares que encherão os 100 balaios. Às 17 horas, liderado pelo saveiro Rio Vermelho, sairá o cortejo de barcos para lançar os presentes ao mar. Os organizadores da festa se queixaram da pouca ajuda da Prefeitura, afirmando que, dos Cz$ 50 mil de custeio pedido, só Cz$ 30 mil foi dado, ficando o resto das despesas a cargo dos pescadores.

Os barraqueiros também têm muitas queixas. Além da pouca cerveja recebida, estão comprando a barra de gelo até por Cz$ 60,00, quando, na fábrica, custa Cz$ 12,00. O transporte da barraca em caminhoes aumentou de Cz$ 400,00 para Cz$ 800,00 e a taxa de iluminação também foi majorada.

CIONARIO: _____ DATA: 03.02.87 PÁG: 01 pág 57

Flores e perfumes para Iemanjá

etiu-se, com toda a beleza colorida que sempre acontece, a festa em homenagem a Iemanjá. Milhares de pessoas, muitas vestidas de branco ndo presentes (flores, perfumes, espelhos e até jóias) lotaram o Rio Vermelho. Depois, o desfile dos barcos (quase 100) levando as oferendas para vaidosa Rainha do Mar. E o sambão tomou conta de todos. (Página 5)

...o pescador ofereceu um barco a rainha...

...e entre milhares de flores e vidros de perfumes, a boneca foi destaque

RETARIA MUNICIPAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

:TIM Nº

IONARIO:

JORNAL da Bahia

CAD: 1º

DATA: 04.02.87

PAG: 51

PJ: 09

Presentes de Yemanjá foram bem recebidos

Conta uma lenda muito antiga que todos os presentes oferecidos a Iemanjá no dia dois de fevereiro e que são recusados por ela aparecem no dia seguinte boiando na praia do Rio Vermelho. Como o período é de vacas magras, entretanto, a "rainha das águas" resolveu aceitar tudo, pois não apareceu nada ontem em toda a praia. Dezenas de menores abandonados, embrenhados da areia suja da maré, se misturavam a garis da prefeitura que faziam a limpeza do local e curiosos ontem, desde cedo à cata do que Iemanjá não quisesse, sem sucesso.

A colecionadora de conchas marinhas e proprietária de floricultura, Sandra Matos, disse que chegou na praia às 6 horas em busca dos presentes, coisa que faz há 15 anos, mas só achou uma nota de Cz$ 1,00 que "guardei para jogar o número de série na loto", comentou. Ela conta que viu um casal de turistas colocar no mar, anteontem um par de alianças e uma corrente de ouro e espera que os presentes apareçam daqui a uns três dias. Já o gari da Prefeitura, Carlos Alberto Barreto, trabalha na limpeza do bairro há três anos, diz que não acredita na devolução das oferendas e dá uma explicação científica para a lenda: "o problema é de vento. Se o vento estivesse sul voltaria tudo, porque ele sopra do mar para a terra; mas como ele estava nordeste então não veio nada", explica.

Não se pode afirmar que os reflexos negativos do Plano Cruzado tenham atingido o mundo de Iemanjá, mas a verdade é que este ano nada apareceu na praia do Rio Vermelho. Ontem quando o casal Manoel e Simone Pluglieze foi colocar sua oferenda a Iemanjá, "com atraso porque anteontem tinha muita gente", assim que lançou a caixa ao mar diversos garotos se atiraram na água para apanhar, o que gerou uma briga entre eles e muitas queixas por parte do casal que sugeriu um policiamento para coibir "esses abusos". Entre os pescadores nenhum acredita que a "deusa do mar" devolva os presentes, recebidos e preferem admitir a hipótese de as pessoas colocarem os presentes à beira mar, ocasionando o retorno no dia seguinte. "O que os pescadores oferecem a Iemanjá e é colocado em alto mar nunca voltou", explica o pescador Gilson Alves dos Santos, salientendo que eles já estão preparando para o Bacalhau de Martelo. Festa que os pescadores do Rio Vermelho promovem todos os anos geralmente no primeiro domingo depois da festa do dia dois de fevereiro.

Ontem pela manhã a Casa do Peso já estava lavada e o carramanchão à espera dos funcionários da Prefeitura para ser desarmado. As barracas estavam todas fechadas e os barraqueiros ainda descansavam, com a ressaca da festa. Nas ruas do bairro apenas os caminhões da Limpurb faziam a limpeza das escadarias que dão acesso à praia e do largo de Santana e adjacências.

SALVADOR E SUAS CORES 2018
CIDADES DA DIÁSPORA NEGRA: LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

FESTA DE IEMANJÉ: IMAGENS DA MÃE ÁFRICA REFLETIDAS NA CIDADE DO SALVADOR

Flávio Cardoso dos Santos Junior

Resumo:

O estudo é fruto de uma década de observação no campo empírico das festas populares de rua da cidade de Salvador, capital baiana, no caso, a festa de 2 de fevereiro realizada em homenagem ao Orixá Iemanjá que acontece no bairro do Rio Vermelho da cidade em questão. A pesquisa que ora se apresenta objetiva-se a fazer uma analise descritiva do evento, emergir as diversas a singularidades relacionadas ao festejo que traz características herdadas do continente africano em virtude da chegada de seu povo no processo de diáspora ao passo que revela também a influencia da indústria do entretenimento e turismo étnico no esvaziamento e folclorização dos elementos da pertença Afro-brasileira. Trata-se de uma observação participante que lança mão de imagens fotografadas e vozes colhidas em entrevistas na itinerancia da pesquisa. Lugares distantes e ao mesmo tempo próximos, similares e diferentes, porém, ligados pela ancestralidade e costumes revelados nas imagens e oralidade na homenagem à iemanjá

Palavras chaves: Festa de Iemanjá, África e Salvador.

Mergulhando no mar da festa...

Trata-se de pesquisa quem vem sendo realizada desde o ano de 2008 onde buscamos entender as principais Festas de Largo[1] da capital soteropolitana na qual resultou, entre outros,

[1] Também conhecida como festa de rua, trata-se de acontecimento recorrente nos bairros da cidade e que tem como objetivo comemorar devoção a uma entidade religiosa local (SERRA, 2009).

na publica´²o do livro organizado pelo Prof. Dr. Luis Vitor Castro Junior intitulado "Festa e Corpo: As expressÞes artºsticas e culturais do corpo nas festas populares baianas" – trabalho financiado pela Rede CEDES, do Minist¶rio dos Esportes e teve como proposta central descobrir e compreender os saberes que os corpos expressam utilizando-se de signos, tipos de linguagem e express²o prÆprias da cultura popular nas festas de populares baianas.

Outra produ´²o, relevante, fruto dessa observa´²o foi a escrita do livro lan´ado em 2018: *"Odoia, minha mãe!"*: Desenhando as dan´as de Iemanj®, resultado da disserta´²o de mestrado em Desenho Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e que revela a emerg¸ ncia de aprofundamento por conta n²o sÆde sua complexidade, mas tamb¶m da importºncia dos elementos da linguagem e do pertencimento do legado africano no Brasil[2].

Nesse sentido, entendemos que na maioria das vezes, os aspectos da cultura afro-brasileira s²o negligenciados e tratados com enorme carga de preconceito pela sociedade em seus diversos segmentos, embora as festas populares transcendam os aspectos da frui´²o e entretenimento, pois s²o espa´os fruto de resist¸ ncia e que acomodam v®rios outros elementos relevantes para a cultura e religiÞes de raºzes africanas e locais.

Dessa maneira, iremos discutir aqui a Festa de Iemanj® que acontece todos os anos no dia 2 de fevereiro no bairro do Rio Vermelho da cidade de Salvador, capital baiana, desde o ano de 1924 (PORTO FILHO, 2009; LOPES, 1984 e; COUTO, 2010) e trataremos de tra´ar uma analise descritiva do evento emergindo as diversas singularidades relacionadas ao festejo que ¶ tomado de caracterºsticas herdadas do continente africano em virtude da chegada de seu

[2] Vale a pena lembra que o legado ancestral africano ¶ entendido por Santana (2004) como o "[...] conjunto de saberes de uma matriz não ocidental que transcende o espaço dos Terreiros, pois se encontra como sobrevivências africanas nestas cidades..." (p.28). Ou seja, s²o os elementos tidos como sagrados, que herdamos de nossos ancestrais que vieram da Ξ frica escravizados, estes est²o presentes em diversos campos como religi²o, mßsica, dan´a e culin®ria, por exemplo.

povo no processo de diáspora[3] ao passo que revela também a influencia da indßstria do entretenimento e turismo ¶tnico[4] no esvaziamento e folcloriza´²o dos elementos da perten´a afro-brasileira.

Trata-se de observa´²o participante (OP) de cunho qualitativo e pautada no dialogo entre as sabedorias populares, as perten´as ¶tnicas e o conhecimento acad¸mico e que lan´a m²o de imagens fotografadas e vozes colhidas em entrevistas na itinerancia da pesquisa e, da mesma maneira, faz uso de uma abordagem de "aproximação etnográfica" [5].

Para James Clifford (2002) a observa´²o participante faz com que seus pesquisadores experimentem "[...] tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um ®duo aprendizado linguºstico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um "desarranjo" das expectativas pessoais e culturais." (p.21).

Assim, a pesquisa buscou construir no ambiente de investiga´²o, uma aproxima´²o tácita com as "potências" vivas da investigação fazendo as devidas relações entre o observado e o sentido no campo da investiga´²o, os quais o leitor poder®constatar ao decorrer do artigo atrav¶s da escrita e das imagens.

O mito de Iemanj®

Em primeira m²o se faz necess®rio lembrar a dificuldade de se montar o "quebra-cabeça" que é a história afro-brasileira, principalmente a parte que "toca" na escravid²o. Ramos (1940) vai pensar que no Brasil "a destruição dos documentos históricos, determinada pelo Ministério da Fazenda, em circular n. 29 de 13 de Maio de 1891" (p.21) inutilizou a

[3] Ao aportar no Brasil o povo escravizado traz com ele uma bagagem cultural e religiosa carregada de simbolismo. N²o cabe, aqui, ficarmos discutindo todo o processo histÆrico, o que nos vale ¶ entender como essa gente fez para se auto-afirmar e sobreviver culturalmente num territÆrio desconhecido e dentro de um processo de hostilidade e acultura´²o.

[4] Também conhecido como "Turismo de Raízes", come´a a operar a partir de 2007 no estado a fim de captar espectadores e interessados nos elementos ¶tnicos da religi²o e cultura afro-brasileira, vilipendiando-os e contribuindo para a sua banaliza´²o.

[5] De aproxima´²o, pelo fato da festa sÆacontecer uma vez ao ano, apesar da imers²o no campo durante o perºodo da pesquisa...

maioria das fontes escritas que então existiam. O que se tem, hoje, s²o raros documentos, registros de noticias dos jornais e periÆdicos e o relato de viajantes que passaram pelo Brasil na ¶poca.

Verger (2002) nos diz que o nome Iemanj® "deriva de Y¶y¶ omo ej®(‘M²e cujos filhos são peixes')..."(p.190). Este, segundo ele, é "o orixá dos Egbá, uma nação iorubá estabelecida outrora na regi²o entre If¶ e Ibadan, onde existe ainda o rio Yemonja. Iemanj®, de acordo com Verger (2002) "[...] seria a filha de OlÆkum, deus (em Benim) ou deusa (em If¶) do mar. Numa histÆria de If®, ela aparece casada pela primeira vez com Orunmil®, senhor das adivinha´Þes, depois com Olofin, rei de If¶, com o qual teve dez filhos, cujos nomes enigm®ticos parecem corresponder a outros tantos orixás." (p.190).

A vinda de Iemanj® para o Brasil, se deu nos porÞes dos navios negreiros no processo da di®spora. Seijan (1973) vai dizer que a "mãe das águas" veio para as terras brasileiras junto com as primeiras pessoas escravizadas, "para ajudar sua gente no cativeiro." (Pag. 15), junto com ela veio os seus filhos, sua histÆria, suas comidas, suas cores e suas dan´as e assim Iemanj®

> [...] continua viva, tal qual chegou, com a mesma gra´a da m²e poderosa, nos candombl¶s da Bahia. Nos outros candombl¶s, nos batuques e demais seitas derivadas das religiÞes africanas o temperamento modificou-se, h®bitos, cores, histÆria e at¶ roupas foram se misturando, se adaptando e diferenciando da Iemanj® do povo nag×. § curioso e contraditÆrio o registro erudito colhido no Brasil, evidenciando a variedade de conceitos surpreendida em ambientes diversos. (Pag. 15).

H® uma enorme diversidade em torno n²o sÆ de Iemanj®, mas de toda a religi²o e cultura afro-brasileira, por conta do processo de fus²o inter culturas que se deu no processo da di®spora e na prÆpria coloniza´²o em si. Em rela´²o a isso Bastide, 2005 vai afirmar que:

> N²o h®dßvida de que a manifesta´²o que se processou na Bahia n²o fez mais que continuar um movimento j®iniciado na ®frica, no territÆrio dos povos iorubas... [...] A histÆria dos homens introduz-se na metafºsica e, com ela, toda a conting¸ncia das lutas polºticas, das batalhas dos cl²s, ou das ambi´Þes dos sarcedotes... [...] Com efeito, n²o esque´amos que os orix®s simbolizam, ao mesmo tempo, as for´as da

> natureza ou os compartimentos da realidade, e também os antepassados dos clˆs ou das linhagens-clˆs... (p.248).

Santos (2006) vai reforˆar o fato de Iemanj®ser [...] uma das divindades nag×s integrantes do panteˆo cultuado nos terreiros de candomblˆno Brasil. Na Ξfrica, Iemanj®ˆa divindade das ®guas doces e salgadas", já aqui no Brasil "[...]os negros redefiniram seu domºnio natural, reconhecendo-a apenas como a divindade das ®guas salgadas, daº o seu epºteto de rainha do mar, de grande protetora dos marinheiros, pescadores e estivadores. (p. 22).

Nesse aspecto, Vallado (2011) rememora que a figura marinha de Iemanj®tem uma dupla importºncia:

> De um lado ela ˆa mˆe que propicia a pesca abundante – que controla o movimento das ®guas, ondas e marˆs – da qual depende a vida do pescador. De outro ela ˆa sereia sedutora, sexy, que atrai o pescador, o ama e o mata ou o deixa morrer nas profundezas do mar... (p.36 e 37) (...) Estar miticamente ligado ¯ Iemanj® significa vivenciar histÆrias, fatos e situaˆes relatadas nos mitos da divindade. (p.71).

Uma importante demanda, aqui, se faz no sentido de quebrar o paradigma que insiste na falˆcia de que mito ˆinvenˆo ou mentira. O mito, segundo Aranha e Martins (2002) ˆum dos modos "de conhecer o mundo..." (p.55) e que perante as sociedades tribais este se constituiu numa "forma de o ser humano se situar no mundo, isto ˆ, de encontrar o seu lugar entre os demais seres da natureza." (p.63).

No mesmo sentido, Morim (1999), entende que o mito "[...] é inseparável da linguagem e, como Logos, Mitos significa, na origem, palavra, discurso..." (p.174) e que o mesmo "[...] pode guardar uma verdade escondida, ou mesmo vários níveis de verdade, os mais profundos sendo os mais ocultos... [...]", por isso "[...] exerce uma função comunitária; e, mais ainda podemos perguntar se uma comunidade humana seria possºvel sem cimento mitológico..." (p.175) que é o mito.

Imagens 1 e 2: Desenhos de Iemanjá

Fonte: Santos Junior (2018)

Destarte disso, Bastide (2005) vai afirmar que a mitologia é formada "estratos superpostos que t¸ m uma idade, uma cronologia. Mesmo se ¶ por toda parte conservadora, a religi² o n² o ¶ coisa morta, evolui com o meio social, com a transforma´² o de lugares ou de dinastias, forma novos rituais para responder as novas necessidades da população..." (p.250) e dessa maneira, "[...] na medida em que reage sobre a mitologia ortodoxa para modificá-la, a luta dos indivºduos ou dos grupos sociais da Bahia vai ajudar-nos cremos a compreender melhor o que deve ter ocorrido na África..." (p.248).

Segue Bastide (1995) dizendo que a histÆria ¶ cºclica e nesse sentido o presente repete o passado e "até os acontecimentos da vida humana, à primeira vista imprevisíveis, desenrolam-se em quadro fixados pelos orix®s e traduzºveis em odus. At¶ mesmo a psicologia o caráter dos indivíduos, reproduz aqui na terra a diversa psicologia das divindades..." (p.261).

Nesse aspecto, os Orix®s africanos adquirem ao mesmo tempo transmitem caracterºsticas de seus filhos brasileiros e da nova terra num incessante interc°mbio religioso e cultural. Para entender melhor essa troca se faz necess®rio investigar os constructos histÆricos e o cotidiano dos chamados povos de santo, como surgiram e como se desenrolam.

BARROS (2006) vai desenvolver acerca do mito de Iemanj®e tamb¶m a sua origem. Segundo ela Iemanj®representa a criatividade da mulher, pois ela originou os demais Orix®s e tamb¶m aos homens aqui na terra, sendo assim é a maternidade. Seu "[...] mito e origem estão

de tal forma ligados e associados, sendo que um quase que fundamenta o outro, que se torna tarefa difºcil dissociar a origem de seu culto aos mitos a eles vinculados. (p.30 e 31).

Por¶m, segundo a autora, ao vir para o Brasil Iemanj®passou por um processo de moraliza´²o e acultura´²o e por conta disso ela acaba perdendo suas caracterºsticas originais como a de "mulher sexualmente ativa e guerreira" para dar lugar a uma mãe dócil. "A imagem de sereia a remete ¯ sua condi´²o de mulher sexuada, feminina. A mo´a branca de longos cabelos pretos e vestido azul a remete ¯ sua condi´²o de M²e, materna e pura. Mas ambas s²o Iemanj®s. (p.107).

Com essa "moralização" Iemanjá, e os demais Orix®s, sofrem transforma´Þes, adapta´Þes ou resignifica´Þes, dirºamos nÆs, pois ela ¶dos

> [...] mitos africanos que ressaltavam tra´os de sua personalidade relativos a uma ativa e vibrante sexualidade, bem como a estÆrias de amor e sedu´Þes dessa deusa chocaram-se com a imagem da Virgem catÆtica. Desse modo, n²o mais a Iemanj® 'brasileira', não tão sedutora e perigosa, assemelhada – mas n²o identificada – ¯ virgem. Ao assimilar os mitos relativos ¯s iaras, tornado-se a poderosa Senhora do mares e oceanos, Iemanj®puxou para si tamb¶m toda a simbologia arquetºpica representada pelas ®guas do grande oceano mºtico. (BARROS, 2006, p.108).

Podemos assim pensar que a histÆria pode estar escrita formalmente, mas tamb¶m est® marcada nas recorda´Þes e, sobretudo nos corpos dos descendentes daqueles que aqui chegaram nos porÞes dos navios no processo da di®spora atl°ntica. § por meio da tradi´²o oral, atrav¶s das diversas histÆrias, mßsicas, casos, lendas, mitos e prov¶rbios populares que temos anßncios de como e onde surgiu a M²e das Ξ guas, como seu culto cruzou os mares e o tempo e aqui no Brasil se afirmou de maneira t²o latente.

Para isso vamos pensar que Iemanj®surgiu e se nutre, antes de tudo, no imagin®rio popular. Uma evid¸ncia desse imenso cabedal de informa´Þes se d®nos diversos termos nos quais ¶conhecida a donas das ®guas e do oceano: Dona Janaina, Dona Iemanj®, Ina¸, Dona Maria, Princesa de Aioc®, Sereia, Sereia do Mar, Sereia Macun² ou Iacun², Rainha do Mar, Minha Madrinha, Rainha das ®guas, Minha M²ezinha, Dona do Mar, Senhora do Mar, Princesa do Mar, Princesa de Aiuc®, ou Aruc®, Princesa de Ina¸, Ina¸, Caiala, Janaºna, Deusa

Janaºna, Princesa Janaína, Maribô, Olôxum, Mamãe Guiomar, Iara, Rainha do mar, M²e d'água, Princesa do Oceano, Dona da ®guas... (SEIJAN 1967 e 1973 e MARTINS, 2008).

Vallado (2011) dimensiona Iemanj®em diferentes varia´Þes e tra´a um pouco de suas características com base nestas qualidades que "[...] são diferenciações elaboradas a partir de seus atributos, explicitando as varias faceta dessa mesma divindade.". (p.41). Em seu estudo ele identifica oito qualidades de Iemanjá: "[...] Sabá (Iasabá), Sessu (Iyasesú), Ogunté (Ogunt¶), Aoi× (AwoyÆ), Acur®(Akur®), Atamarab®(Atamaragb®), Maleolo (Malelewo) e Conlá (Konlá)." (p.42).

N²o distante disso, o imagin®rio que sustenta Iemanj® aqui no Brasil, ¶ tripartido. Carrega consigo os tra´os de tr¸s culturas: amerºndia, europ¶ia e africana ilustradas, respectivamente, pelas figuras das Sereis, as diversas Nossa Senhoras do catolicismo e o Orix®do Candombl¶e demais religiÞes afro-brasileiras, as quais encontramos na festa de 2 de fevereiro em Salvador.

A festa do Rio Vermelho

O tradicional bairro do Rio Vermelho nasce quarenta anos antes da capital baiana. Porto Filho (2008) anuncia que o local "[...] foi descoberto de forma acidental em 1509, por Diogo Ξlvares Corr¸a, tripulante de uma embarca´²o (francesa, portuguesa ou espanhola) que naufragou junto ao Morro do Conselho...". (p.13), local próximo ao Largo da Mariquita e que a ocupação pelos moradores aconteceu de forma gradativa e lenta "até a invasão holandesa de 1624, n²o passava de uma rude povoa´²o habitada basicamente por pescadores, com nßcleos nos portos da Mariquita e de Santana.". (p.14).

Lopes (1984) revela, tamb¶m que esses pescadores e demais trabalhadores das classes menos abastadas economicamente "contavam que as festas do Rio Vermelho come´aram com uma romaria, um domingo antes da festa do entrudo, hoje carnaval.". (pag. 47).

Um dos contos mais interessantes, que explica o inºcio da festa do Rio Vermelho, ¶ trazido por Lopes (1984) atrav¶s da memÆria popular, por via da oralidade, e narra que os

pescadores praticavam, no antigo porto do Rio vermelho, um jogo de carteado chamado "dourada", que não era apostando dinheiro, porém causava grande animação e euforia entre os participantes:

> [...] Ali eles chamavam "a trincheira". Todos os domingos juntavam-se ali para jogar dourada. Um domingo antes da festa do entrudo eles estavam como de costume jogando dourada com muita anima´²o, quando chegou uma senhora e avisou a eles que cada um pegasse sua jangada e se fizesse ao mar , pois o governo estava recrutando homens para mandar para a Guerra de Canudos e que vinha uma patrulha de cavalaria para levar eles, pois aquele jogo j®tinha sido denunciado. (p.47).

Os pescadores levaram ¯ s¶rio o conselho e cada um pegou sua embarca´²o e lan´aram-se ao mar e ao alcan´ar uma certa dist°ncia para surpresa de todos chegou uma guarni´²o da cavalaria do ex¶rcito repleta de soldados que alistavam, for´osamente para a guerra, os praticantes da chamada "vadiagem[6]" e aqueles homens foram salvos pelo aviso daquela desconhecida mulher, que depois teve sua identidade associada ¯ Senhora Santana, a ent²o padroeira deles e dessa maneira resolveram fazer da° em diante anualmente uma romaria de jangadas um domingo antes da festa do entrudo (carnaval) em tributo a Senhora Santana pelo milagre alcan´ado atrav¶s dela. (LOPES, 1984, p. 47).

Nesse sentido, a partir das romarias mar°timas surgem as comemora´Þes em torno da praia: a festa, que acabou trazendo uma nova din°mica afetiva e filosÆfica aos moradores nativos e posteriormente ao restante da cidade. Ferreira (2005) enseja que ao festejar algo "o grupo ou a comunidade interrompe o tempo ordin®rio para entrar, coletivamente, na dimens²o de um tempo carregado de implica´²o cultural e de conota´²o ps°quica prÆpria, diferente daquele tempo ordinário ou cotidiano." (p.27).

[6] Capoeira, candomb¶, roda de samba...

Os entretempos do transe na areia da praia - Imagens 3 e 4

Fonte: Santos Junior (2008 e 2018)

A festa ent² o acaba emergindo elementos, como o culto aos Orix®s do Candombl¶ e da Umbanda, como podemos visualizar nas imagens acima, que inicialmente eram enxergados de forma discriminatória e de cunho racista pela pseudo "elite intelectual" e que posteriormente foi visto como motivo de fetiche pela indßstria cultural (SANTOS, 2005).

Serra (2009) corrobora a exist¸ ncia desse racismo dissimulado que traz a tona uma "auto rejeição de homens pobres, humilhados por preconceitos incidentes sobre sua condi´² o de cor, de classe, de origem, que os torna vulner®veis a uma prega´² o enf®tica baseada no convite a abandonar sua identidade sentida como deteriorada..." (p.26).

No entanto, ¶ a supera´² o dessa condi´² o, baseada na resist¸ ncia cultural, que potencializa a extens² o dos espa´os conquistados atrav¶s do que Sodr¶ (1988) vai chamar de "Corpo território", que é aquele que o sujeito entende o universo e suas realidades:

> [...] a partir de si mesmo, de um campo que lhe ¶ prÆprio e que se resume, em ßltima inst°ncia, a seu corpo. O corpo ¶ lugar zero do campo perceptivo, ¶ um limite a partir do qual se define um outro, seja coisa ou pessoa. O corpo serve-nos de bßssola, meio de orienta´² o com referencia aos outros. Quanto mais livre sente-se um corpo, maior o alcance desse poder de orientar-se por si mesmo, por seus prÆprios padrÞes... (p.123).

Dessa forma, entende-se a emerg¸ ncia de contextualizar o corpo e o espa´o como algo intimamente unido que acaba revelando o enredo do tecido urbano e social, pois ¶ preciso

entender que o território físico onde acontece a festa transcende os aspectos geogr®ficos. N²o ¶ sÆ uma praia aonde as pessoas apresentam oferendas a seu santo de predile´²o, nem tampouco uma mera festa de largo, como se denomina na tradi´²o baiana (TAVARES, 1951; LOPES, 1984; SERRA, 2009), onde se samba, bebe, namora e ao mesmo tempo ritualiza c cultiva a f¶..

Os entretempos do presente para Iemanj®- Imagens 5 e 6

Fonte: Santos Junior (2014) e Lopes (1984)

Outro hor®rio especial se d® no final da tarde na saºda do presente, conforme demonstramos nas imagens 3 e 4, aonde as pessoas v²o agradecer e oferecer seus presentes para a m²e das ®guas que ¶ entregue num grande e coletivo ofertÆrio transportado pelos pescadores.

Trata-se de um espa´o histÆrico, ancestral, cultural e de lazer. Em nossa itinerancia ao longo dos anos de observa´²o da festa e do bairro, seja como pesquisador ou como morador da cidade, percebemos que tanto o bairro como a festa possui momentos distintos, como se fossem "estações" demarcadas pelo tempo e pelo espaço, ou seja, no dia da festa, por exemplo, ao nascer do sol (alvorada) se apresenta uma din°mica na qual se encontra pessoas fazendo suas "obrigações" [7].

Ao decorrer do dia v²o surgindo novos personagens sociais com diversos objetivos, cores, energias, aromas, polifonias, polirritmias e tantos outros, bem como na areia da praia

[7] Devo´Þes e preceitos religiosos

acontece uma din°mica diferente da do asfalto. No asfalto ouve-se um determinado tipo de mßsica (pagode, samba, mßsica eletr×nica...) e na areia o que predomina s²o os sons dos atabaques. S²o as facetas de um mesmo festejo em seus diferentes momentos e espa´os.

Nesse intervalo entre a Alvorada e o por do sol se observa, tamb¶m, a invas²o de c°meras de TV e fotÆgrafos. Fica parecendo que ali ¶ mais uma coisa pronta pr®ser admirada pelos turistas e ser motivo de espet®culo, lÆgico que com algumas exce´Þes.

Castro Junior (2014) destaca que a heterogeneidade cultural presente na festa do dia 2 de fevereiro aponta para diversos aspectos de:

> construÞes de espa´os e encontros numa mesma festa, a citar, por exemplo, os corpos que se movimentam na areia e no asfalto do largo do Rio Vermelho, nos quais ¶ poss°vel identificar aproxima´Þes e distanciamentos entre as diferentes expressões de vida que ali se manifestam...". (p.122).

Nesse sentido, o bairro se modifica em fun´²o do tempo da festa. Suas ruas ganham uma energia inexplic®vel, as cores e os aromas se modificam e o espa´o deixa de ser meramente urbano e cede lugar para a festa que ¶ permeada pela f¶ e devo´²o, mas tamb¶m pelo samba (imagens 7 e 8). A isso, Santos (2000), chama de "esquizofrenia do local", pois a obedi¸ ncia e a revolta se fazem presente. Dessa maneira, a cultura popular:

> [...] nasce a cada momento, porque h®uma produ´²o de pobreza permanente. A cada vez que a pobreza fica maior, s²o mais numerosos os objetos e os desejos, para usar uma linguagem psicanal°tica... [...] o lugar geogr®fico ¶ tamb¶m o local filosÆfico da descoberta, por que nele se batem for´as contraditÆrias. H®de um lado, os que buscam o lucro a todo custo e se apropriam dos pontos mais vantajosos e h®todos os demais, mais ou menos afetados por uma situa´²o que desejam modificar para melhor (p. 63 e 64).

No caso da festa de Iemanj® percebemos, de maneira latente, as interfer¸ ncias externas do mundo do capital, seja pela cervejaria que patrocina e impÞe a cor de sua marca e descaracteriza a paisagem visual azul e branca tradicional ou pela demarca´²o de espa´os privilegiados, aquilo que Bhabha (2001) vai chamar de "entre lugares".

A for´a da indústria cultural, turismo étnico e hoteleira acaba gerando modismos e promove "feijoadas vips" e outras festas dentro da festa, atendendo à lógica do consumo e espetaculariza´²o que fere o sentido original do dia 2 de fevereiro.

Dessa maneira, o "dia do presente" como é conhecido entre os religiosos, se apresenta como um espa´o de produ´²o cultural, pela presen´a dos batuques, rodas de samba, capoeira, xir¶[8] e outras praticas religiosas e populares, ao mesmo passo que ¶ local de luta heterog¸nea e contraditÆria, pois entre a tradi´²o e a tradu´²o cultural o que presenciamos ¶ uma segrega´²o etnico-racial dos corpos que insistem em participar do festejo.

Percebemos isso em rela´²o a resist¸ncia dos que dan´am e se ritualizam na areia do mar, onde emergem os processos formativos atrav¶s do rito, pois a tradi´²o ali se perpetua e ao mesmo tempo se resignifica.

Os entretempos do samba no asfalto da festa - Imagens 7 e 8

Fonte: Santos Junior (2010) e Dom°nio P®blico - Internet (sem data)

Martins (2008) vai afirmar que é a lembrança que grava os ritos "[...] que não estão escritos em livros, mas na memÆria e no corpo dos religiosos que se exercitam atrav¶s das práticas de seus rituais..." (p. 125).

Em contrapartida, existem outros corpos dan´antes e carregados de significados, seja no jogo da capoeira, seja rebolando ao som da mala do carro. Esse corpo traz os tra´os de seus

[8] C°rculo formado no ritual do Candombl¶

ancestrais que aqui chegaram no processo de diáspora, Castro Junior (2010) traz novamente, a proposi´²o do "corpo território", pois segundo ele é relevante a questão do "espaço-tempo" de nossas intimas lembran´as ancestrais e afetivas e nossas: sensºveis s²o acumuladas ao decorrer da vida e por essa raz²o se faz necess®rio compreender esse corpo-territÆrio "[...] dentro de possibilidades infinitas, que podem, ao mesmo tempo, ser reveladoras de situa´Þes imagináveis, mas que podem, também, esconder [...] outros conhecimentos.". (p.22).

§ dessa experi¸ncia que emergem os fazeres formativos advindos da cultura popular que (re)significam os espa´os territoriais urbanos e corporais. Para Hall (2003) ¶ nesse momento "[...] onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada... É a arena do consentimento e da resistência...". (p.263) e que carece de que se reescreva o que Da Silva (2009) vai chamar de

> [...] uma história que faz a 'periferia' romper o silêncio e que democratiza o construir historiogr®fico, pois os humildes passam a ter direito a ele. Uma histÆria problematizada, onde ficam evidenciadas as descontinuidades do processo histÆrico e eliminam-se as no´Þes de superioridade de cultura e civiliza´²o. (p.22).

Nesse sentido, a emerg¸ncia de se entender como o espa´o urbano vai se resignificando a partir n²o sÆ da especula´²o imobili®ria, mas dos elementos histÆricos e culturais que aqui citamos e que provem do arcabou´o ¶tnico que formou o Brasil, que no caso ¶ o que estamos tratando de forma mais latente nessa proposta de estudo. Sodr¶ (1988a) entende que no Brasil existem tra´os simbÆticos do patrim×nio cultural e imaterial afro e que esse se afirmou aqui como um:

> [...] territÆrio polºtico-mºtico-religioso, para a sua transmiss²o e preserva´²o. Perdida a antiga dimens²o do poder guerreiro, ficou para os membros de uma civiliza´²o desprovida de território físico a possibilidade de se 'reterritorializar' na diáspora atrav¶s de um patrim×nio simbÆtico consubstanciado no saber vinculado ao culto dos muitos deuses, ¯ institucionaliza´²o das festas, das dramatiza´Þes dan´adas e das formas musicais. (p.50 e 51).

Atualmente, por conta do processo de reubarniza´²o e desenvolvimento da cidade, o Rio Vermelho j®n²o ¶ mais vila de pescadores, os que resistiram hoje residem no entorno do

bairro e os participantes da festa de Iemanjá vêem de outros locais, em sua grande maioria (PORTO FILHO, 2008).

As representa´Þes religiosas se organizam na areia da praia de forma natural, conforme vão chegando e dessa maneira o "mosaico" da festa se constitui, chamamos dessa maneira, pois se for observar a festa de longe, como nas imagens presentes na capa desse projeto, por exemplo, imagina-se um acontecimento sÆtido e ßnico, mas se aproximar o olhar ver-se-®as "distorções" como num mosaico mesmo, que distante aparenta uma figura perfeita, mas de perto se destoam cores, tons e formas.

O urbanismo, enquanto campo de conhecimento pode contribuir de maneira crºtica e reflexiva na leitura desse mosaico que citamos acima, pois o mesmo encontra-se do espa´o urbanºstico da cidade. O momento dos diversos ritos e cultos, como a exemplo: a entrega do presente ¯ Iemanj® acaba fazendo do espa´o pßblico uma extens²o dos Terreiros de Candombl¶ por fazerem parte do patrim×nio cultural afro brasileiro carecem, al¶m do respeito, de uma leitura apropriada a fim de desmitificar a carga preconceituosa sofrida, como j®citamos anteriormente.

Acerca desse aspecto Velame (2009) comenta que os elementos da perten´a afro brasileira aqui no estado da "Bahia são mutilados e deturpados pelo 'olhar paisagístico' da sociedade mais ampla, que representam com o seu olhar etnocˆntrico os Orix®s, os deuses africanos nag×s da Bahia, nos espa´os pßblicos com tem®ticas afro-brasileiras". (p.02).

Segundo o autor, o patrimônio cultural afro brasileiro sofreu, por intermédio do "olhar paisagístico" um processo de "reprodução técnica" no qual:

> [...] efetuou-se um desencantamento e uma dessacraliza´²o do cosmo afro-brasileiro via ''estetização''da natureza, processo esse que opera atrav¶s do enquadramento, emoldura´²o e da fixa´²o da janela pictural. Esse processo de dessacraliza´²o e estetiza´²o do patrim×nio afro-brasileiro que se apresenta de forma ampla em Salvador, visa a espetaculariza´²o e mercantiliza´²o desse patrim×nio, tendo como mat¶ria-prima os Orix®s. (Velame, 2009, p.03).

Nesse sentido, percebemos no campo da festa diversos momentos de "folclorização", tanto nos rituais como na paisagem da festa, realmente o forte apelo da indßstria cultural e

turismo étnico acaba "contaminando" os rituais que ao saírem de suas casas acabam recebendo uma carga banal e equivocada. Segue Velame (2009) corroborando que o "processo tríade de 'dessacralização-estetiza´²o-espetacularização' do patrimônio afro-brasileiro que se apresenta de forma galopante em Salvador, viabiliza, cria as condi´Þes e potencializa a mercantiliza´²o dessa riqueza imaterial." (p.15).

Considera´Þes (Sem)Finais...

Nesse texto estabelecemos rela´²o entre: festa, ritual afro-brasileiro, a cidade de Salvador e o continente africano a partir da experi¸ncia, de uma d¶cada, no f¶rtil campo das festas populares soteropolitanas, observando e analisando a cultura material e imaterial local e tamb¶m as expressÞes dos corpos inseridos em tais espa´os e dessa maneira trouxemos ¯ tona as nuan´as que o festejo, do dia 2 de fevereiro, proporciona ao espa´o urbano atrav¶s das diversas pr®ticas corporais as quais pudemos presenciar em todos esses anos, como a exemplo: os jogos, as dan´as, a entrega dos presentes[9] e a capoeira, sejam estes praticados através da religião, ou simplesmente da fruição, do "sagrado" ou do "profano".

Todo esse arcabou´o cultural tem g¸nese no territÆrio africano, devido o seu povo ter contribuºdo, mesmo que for´adamente, para o povoamento e constru´²o do Brasil. Entendemos que esse assunto carece de mais pesquisa e registro, pois se constitui na memÆria da cidade e desencadeiam mudan´as de ordem urbana, social e antropolÆgica, por¶m acreditamos que trazemos nesse estudo pelo menos o inºcio para um debate onde se valoriza as pr®ticas corporais em suas diversas nuan´as, o vasto patrim×nio material e imaterial emergentes atrav¶s/pela cultura e a visualidade est¶tica do espa´o urbano.

Em contrapartida, reconhecemos que os elementos da cultura popular na cena urbana s²o historicamente apagados, encortinados, escondidos e moldados pelas indßstrias do turismo ¶tnico e entretenimento que insistem em mascarar os fatos por conta de atenderem

[9] Oferenda religiosa destinada ao Orix®, no caso, geralmente: perfumes, flores, sabonetes e bijuterias...

interesses mercadológicos, porém, percebemos na festa a existência de saberes marcados na oralidade, experimenta´²o, intui´²o, edificados nas diversas experi¸ncias, guardadas na memÆria e histÆrias que resistem atrav¶s das d¶cadas e fazem contraponto ao poder hegem×nico.

Nesse sentido, os atores sociais, precisam de subsºdios para poder participar de forma mais ativa dos debates que fomentam a cria´²o de polºticas pßblicas, de modo articulado, inter crºtico, dialÆgico, possibilitando a leitura e reconhecimento dos espa´os fºsicos conquistados pelos corpos silenciados e a´oitados ao longo da histÆria, sejam em territÆrio africano ou brasileiro.

Assim, atrav¶s das gravuras e da narrativa descritiva da Festa de 2 de Fevereiro visualizamos que Ξ frica e Brasil s²o lugares distantes e ao mesmo tempo prÆximos, similares e diferentes, por¶m, ligados pela ancestralidade e costumes revelados nas imagens e oralidade na homenagem ¯ iemanj®

REFERNNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. Temas de filosofia. 2.ed.S²o Paulo: Moderna, 2002.

BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BARROS, Cristiane Amaral. Iemanj®e Pomba-Gira: imagens do feminino na umbanda. 2006. 313 f. Disserta´²o (Mestrado em Ci¸ ncias da Religi²o) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

BASTIDE, Roger. O candombl¶da Bahia: rito nag×. S²o Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CASTRO JUNIOR, Luis Vitor. Campos de visibilidade da Capoeira Baiana: As festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985). Brasºlia-DF: Minist¶rio do Esporte, 2010. (1é Premio Brasil de Esporte e Lazer de Inclus²o Social).

CASTRO JUNIOR, Luºs Victor Castro (Org.). Festa e corpo: as expressÞes artºsticas e culturais nas festas populares baianas Salvador: Edufba, 2014.

CLIFFORD, James. A experi¸ ncia etnogr®fica: Antropologia e literatura no S¶culo XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

COUTO. Edilece Souza. Tempos de festas: Homenagem a Santa B®rbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940). Salvador: Edufba, 2010.

DA SILVA, Ana C¶lia. Proposta de pesquisa para o doutorado. In: O terreiro, a quadra e a roda: formas alternativas de educa´²o da crian´a em Salvador. Salvador: EDUFBA, 2009.

FERREIRA, Maria Nazareth. As Festas Populares na expans²o do Turismo: A Experi¸ ncia Italiana, 2a Edi´²o, revista e ampliada. S²o Paula Arte&Ci¸ ncia, 2005.

HALL, Stuart. Da di®spora: Identidades e media´Þes culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SERRA, Ordep. Rumores da Festa: O sagrado e o profano na Bahia. 2Ł Ed. Salvador: Edufba. 2009.

LOPES, Lic°dio. O Rio vermelho e suas tradi´Þes; memÆrias de Lic°deo Lopes. Salvador: Funda´²o Cultural do Estado a Bahia, 1984.

MARTINS, Suzana. A Dan´a de Yemanj®Ogunt¶sob a perspectiva est¶tica do corpo. Salvador: EGBA, 2008.

MORIN, Edgar. O m¶todo 3: o conhecimento do conhecimento. 2. ed. Tradu´²o de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. Dois de fevereiro no Rio Vermelho. Salvador: Acirv, 2008.

RAMOS, Arthur. O negro brasileiro: ethnographia religiosa, 2. Ed. S²o Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

SANTOS, Eufr®zia Cristina Menezes. Performances Culturais nas Festas de Largo da Bahia. Paper apresentado, 30ł Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, out de 2006.http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a40-esantos.pdf .

SANTOS, Milton. Por uma outra globaliza´²o (do pensamento ßnico ¯ consci¸ncia universal). Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS. Joc¶lio Teles dos. O poder da cultura e a cultura no poder: a disputa simbÆtica da heran´a cultural negra no Brasil. Salvador : Edufba, 2005.

SEIJAN, ZORA A. O. Iemanj®e suas lendas. Rio de Janeiro: Record Editora, 1967.

SELJAN, Zora A. O. Iemanj®m² e dos Orix®s. S²o Paulo: Afro-Brasileira, 1973.

SANTANA, Marise de. O legado ancestral africano na di®spora e o trabalho docente: desafricanizando para cristianizar. Pontif°cia Universidade CatÆtica de S²o Paulo: 2004 (Tese de doutorado).

SODR§, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. PetrÆpolis: Vozes, 1988a.

TAVARES, Odorico. Bahia, imagens da terra e do povo. Salvador: Jos¶ Olimpio, 1951.

SKIDMORE, Elliot Tomas. Ra´a e nacionalidade no pensamento brasileiro. 2Łed. Trad. R. S. Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989 (Col. Estudos Brasileiros, vol. 9).

VA VELAME, Fabio Macedo. Orix®s nos espa´os pßblicos de SalvAdor: Um processo de dessaclaliza´²o-est¶tiza´²o-espetaculariza´²o do patrim×nio afro-brasileiro. V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009, Faculdade de Comunica´²o/UFBA, Salvador-Ba.

VALLADO, Armando. Iemanj®, a grande m²e africana do Brasil. Rio de Janeiro, Pallas, 2011.

VERGER, Pierre. Orix®s. 6 ed. Salvador: Corrupio, 2002.